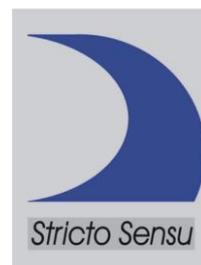




UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO –
MESTRADO EM DESENHO CULTURA E
INTERATIVIDADE



ALEXSANDRO MALAQUIAS BARBOSA DA SILVA

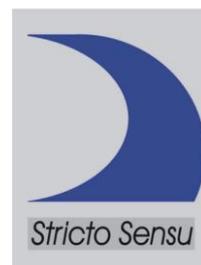
**DESENHO CORPORAL – TATUAGEM: UMA LINGUAGEM DE
INCLUSÃO SOCIAL**

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

JULHO DE 2011



UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO –



MESTRADO EM DESENHO CULTURA E INTERATIVIDADE

ALEXSANDRO MALAQUIAS BARBOSA DA SILVA

**DESENHO CORPORAL – TATUAGEM: UMA LINGUAGEM DE
INCLUSÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação
Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pela
Universidade Estadual de Feira de Santana.

Orientadora: Gláucia Trinchão

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

JULHO DE 2011

ALEXSANDRO MALAQUIAS BARBOSA DA SILVA

**DESENHO CORPORAL – TATUAGEM: UMA LINGUAGEM DE
INCLUSÃO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.

Prof^a Dr^a Gláucia Trinchão - UEFS

Doutora em Educação
(ORIENTADORA)

Prof. Dr. Luís Vitor Castro Junior-UEFS

Doutor em História

Prof^a Dr^a Regina Coeli Moraes Kopke-UFJF

Doutora em Educação

Aprovada em ____/____/____

A minha esposa **Vaneza** e
meus filhos **Enzo Cauã** e **Elisa Ashley**,
por acreditarem que conseguiria chegar até aqui.

As minhas amigas **Gláucia Trinchão**
e **Carla Borges**
por me ajudarem a experienciar a arte de pesquisar.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma virtude, algo muito bom. Mas como expressar esse sentimento a tantos que me ajudaram, se as regras me podam a expressar em poucas linhas os meus mais sinceros agradecimentos?

Não poderia esquecer d'Ele, que é o único digno de honra, glória e louvor – o meu DEUS “Rafá” que, onde está, algo sempre acontece. A Ele meu agradecimento pela sabedoria concedida para a realização desta pesquisa e por estar presente nos momentos que pareciam difíceis.

À Primeira Igreja Batista, em Santo Estevão, pelas incessantes orações.

Aos meus pais, Ebenésio Malaquias e Ilma Barbosa, por serem meus eternos educadores, por me disciplinarem e me amarem, mesmo com minhas falhas. A eles reverencio todos os méritos de honra pelas sábias palavras.

A minha esposa Vaneza Costa que, com carinho, acreditou que não seriam em vão tantos momentos ausentes.

Ao meus filhos, Enzo Cauã e Elisa Ashley, meus sabores de mel e fiéis companheiros nas longas noites em que passei escrevendo.

A minha amiga, professora Mávis Dill Kaipper, por me alicerçar na especialização com olhos no mestrado.

Aos Doutores do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana: professora Lysie dos Reis Oliveira que, como exemplo de disciplina, mostrou-me os primeiros passos para a construção do primeiro capítulo da pesquisa, tendo acreditado no meu potencial desde a entrevista da seleção; professor Antônio Wilson Silva de Souza, pelas palavras amigas e incentivadoras com que sempre se dirigiu a mim; professora Priscila Paixão Lopes, pela reconstrução do projeto inicial que norteou os resultados positivos; professora Marise de Santana, pelo jeito carinhoso com que conduziu os nossos primeiros passos como docentes do ensino superior; professor Francisco Antonio Zorzo, pela forma como nos ensinou a ser criativos e superarmos as adversidades; professor Gilberto Marcos de M. Santos, porque através de suas provocações aprendi a questionar a literatura, a duvidar dos teóricos e a perceber que eles podem mentir; professor Edson Dias Ferreira, coordenador do curso, por ter se disponibilizado a me atender em minhas solicitações; professor Rubens Edson Alves

Pereira, com o qual tivemos o prazer de discutir cinema e grandes obras de autores que fizeram sua história ao logos dos séculos.

Aos meus inesquecíveis companheiros e amigos do Mestrado com quem, de uma forma especial, venci mais esta etapa de minha vidas: Iané, Ricardo, Maristela, Jackelina, Roberta, Simone, Argolo e Fátima. Esta oportunidade de conhecê-los foi única em minha vida e sei que, num futuro bem próximo, estaremos juntos de novo. Agora não mais como educandos, mas como educadores.

Aos colegas da DECARGA, destacando-se Elielson Carlos e Luzivan Leal, parceiros de equipe que, ao longo do mestrado, me ajudaram a driblar as adversidades do trabalho; ao pedagogo, amigo e fonte viva de sabedoria Adilson Lucas, por estar presente até mesmo na pesquisa de campo como colaborador e facilitador de entraves burocráticos nos locais onde chegávamos.

Ao professor Luís Victor de Castro Junior, por permitir dar os primeiros passos como docente em suas aulas na turma de Educação Física e pelas sugestões na qualificação que me fizeram compor o segundo capítulo da pesquisa e, agora, ao final, na composição da banca examinadora.

A professora Regina Kopke, a qual tive o privilégio de conhecer no evento internacional Gráfica 2009, em Bauru-SP, e que teceu grandes considerações na composição da dissertação, e por seu deslocamento até aqui para abrilhantar a defesa desta dissertação.

Ao diretor do Conjunto Penal de Feira de Santana, o Sr Edmundo Memeri Dumet, juntamente como o diretor Adjunto Clériston dos Santos Leite, que permitiram meu acesso à instituição. Aos agentes penitenciários que se dispuseram a acompanhar as entrevistas feitas com os reclusos.

Aos que chamo agora de privados temporariamente de liberdade (de quem não posso citar os nomes devido ao compromisso ético firmado, mas que desejo que aqui se sintam identificados individualmente) porque sei que logo estarão livres para seguirem suas vidas. Meu eterno agradecimento pela lição de vida, ao ver que o cárcere não lhes tirou a criatividade expressada em seus corpos pela tatuagem como linguagem de inclusão social.

Aos colegas e amigos que, de forma presencial ou virtual, foram colaboradores desta pesquisa. A todos aqueles que direta ou indiretamente favoreceram o

desenvolvimento deste trabalho, em qualquer uma de suas fases. Com certeza, sem suas contribuições, ele não teria chegado até este ponto.

Como agradecer é algo bom, deixei um para o final. A elas, minhas inspiradoras e amigas, professora doutora Gláucia Trinchão – orientadora, e professora mestra Carla Borges - co-orientadora, que acreditaram no que antes era uma ideia e hoje se torna um trabalho de relevância social. Com elas, quebrei paradigmas, superei o preconceito e aprendi o dom de pesquisar. E hoje me torno um desenhista investigador. Sem vocês, não teria chegado até aqui. Meus sinceros agradecimentos.

Enfim, a todos e todas vocês, meu muito obrigado!

**Falar do corpo, se a palavra não for morta
é falar de si próprio, é falar do próprio corpo,
é expor-se, comprometer-se,
é arriscar-se, descobrir-se e é convidar pessoas a se
aventurar conosco neste desafio.**

AZOILDA LORETTO DA TRINDADE.

RESUMO

Este estudo traz como corpus de pesquisa e análise a tatuagem, como uma forma de desenho corporal usada por sujeitos livres socialmente e os que cumprem penas privativas de liberdade – presidiários. Diante da lacuna bibliográfica que estuda as tatuagens como elemento identificatório e da falta de trabalhos científicos que se debrucem sobre esta linguagem utilizada por pessoas comuns e livres ou por presidiários que cumprem sentença por delitos cometidos, foram coletados dados através de fotografias retiradas no período de 2009 a 2011, nos ambientes acadêmicos, em meio a tatuadores profissionais e com presidiários do Conjunto Penal de Feira de Santana. Os dados analisados qualitativamente sinalizam que os presidiários se utilizam de técnica precárias para se tatuarem, enquanto que os considerados livres têm a possibilidade de expressarem em seus corpos as mais variadas técnicas de manifestação corporal. Entretanto, seja para que grupo de tatuados for, é latente a concepção de que seus corpos não são telas para as tatuagens (corpo-objeto); mas se defende a ideia de que esses desenhos são intrínsecos ao corpo, fazendo parte dele, que é um corpo-sujeito, conforme sugere Maurice Merleau-Ponty. Este trabalho analisou desenhos corporais sob a ótica da percepção visual, da memória, do desenho e do registro, entendendo o uso da tatuagem como linguagem graficamente registrada, e cujos códigos se tornam elementos de identidade individual ou grupal, configurando-se como uma forma de linguagem de sobrevivência na busca de uma inclusão social.

Palavras-chave: Tatuagem; corpo; linguagem.

ABSTRACT

This study has, as research and analysis corpus, the tattoo, as a form of body design used by socially-free people and by those serving sentences of imprisonment - prisoners. Because of the literature gap about the tattoos as identification element and by the gap of scientific studies to look into the codes used by free people or by inmates serving sentences for crimes committed, data were selected from photographs taken in the period from 2009 to 2011, in academic places, among professional tattooists and into a criminal set of Feira de Santana city, what makes this work be unpublished in Bahia, justifying its development. Data show that the inmates use poor techniques to make tattoos; they practically mutilate themselves, while free people can express, in their bodies, the most varied techniques of manifestation body. However, the underlying concept among all kinds of tattooists is that their bodies are no screens for the tattoos (body-object); but the idea that these drawings are intrinsic to the body (they are part of them) as Maurice Merleau-Ponty suggests. This study analyzed body designs from the perspective of visual perception, memory, design and registration, understanding the use of tattoos as language recorded graphically, and whose codes become elements of individual or group identity, configured as a form of language survival in the pursuit of social inclusion.

Keywords: Tattoo, body, language.

LISTA DE QUADROS

Quadro Conceitual 01: Significados do corpo.....	81
Quadro Conceitual 02: A evolução da máquina de tatuagem.....	146
Quadro Analítico 01: A prática da tatuagem.....	164
Quadro Analítico 02: A tatuagem entre amigos.....	165
Quadro Analítico 03: Olhar crítico quanto a tatuagem.....	166
Quadro Analítico 04: Discriminação pelo uso da tatuagem.....	167
Quadro Analítico 05: Tatuagem ligada a grupo.....	168
Quadro Analítico 06: Quantidade de tatuagem.....	172
Quadro Analítico 07: Motivações das tatuagens.....	173
Quadro Analítico 08: Representação das tatuagens.....	175
Quadro Analítico 09: Técnica utilizada.....	176
Quadro Analítico 10: Perigos quanto à realização de tatuagens.....	178
Quadro Analítico 11: A tatuagem e o corpo.....	179
Quadro Analítico 12: Sensações das tatuagens.....	180
Quadro Analítico 13: Semelhança nas tatuagens.....	181
Quadro Analítico 14: Discriminação.....	182
Quadro Analítico 15: O olhar alheio para as tatuagens.....	183
Quadro Analítico 16: Arrependimentos.....	184

LISTA DE IMAGENS

Imagens 01: Mahendi – A arte da henna nas mãos.....	35
Imagens 02 e 03: A técnica da henna como experiência.....	36
Imagens 04: A sobrancelha de henna.....	38
Imagens 05 e 06: A tatuagem temporária- uma maquiagem realçando os olhos e lábios.....	39
Imagens 07 e 08: A camuflagem da tatuagem definitiva com a técnica do make-up....	40
Imagem 09 e 10 – A pintura substituindo a roupa.....	41
Imagens 11 e 12: A arte das unhas com a tatuagem temporária.....	42
Imagens 13 e 14: A unha como espaço de expressão de uma linguagem.....	43
Imagens 15 e 16: O estilo moicano e o personalizado.....	44
Imagens 17 e 18: Cabelos tatuados- uma linguagem de reconhecimento.....	45
Imagens 19: O <i>piercing</i> como forma de tatuagem.....	46
Imagens 20 e 21 – A inserção de <i>piercing</i> no corpo transformada em linguagem Gráfica corporal.....	47
Imagem 22: Índio Tapirapés e o desenho corporal indígena.....	48
Imagem 23: Índia Kadiweu.....	49
Imagens 24 e 25: Desenho facial e representação da natureza entre os Carajás.....	50
Imagens 26 e 27: A tatuagem entre os índios pataxós.....	51
Imagens 28 e 29: A técnica do <i>branding</i>	52
Imagens 30 e 31: O <i>branding</i> e os instrumentos de criação.....	54
Imagem 32: O <i>branding</i> como forma de esquecimento.....	55
Imagem 33: Quelóides faciais.....	56
Imagem 34: Quelóides no presidiário “Falcão”, Conjunto Penal de Feira de Santana – BA	57
Imagem 35: O 1º corpo mumificado apresentando tatuagens e ornamentos com jóias.....	59
Imagens 36: “otzi” ou “glaciere man”.....	60
Imagens 37 e 38: Tatuagens japonesas - cores e perspectivas.....	63
Figuras 39 e 40: Tatuagens japonesas: símbolos de criminosos.....	64
Imagens 41 e 42: Tatuagens da Yakuza – linguagem de afirmação a grupo.....	65
Imagens 43: Os maoris e os desenhos faciais.....	66

Imagens 44 e 45: Cabeça de guerreiro maori exposta na França desde 1875.....	67
Imagens 46 e 47: Desenhos waujás e kadiwéu - séculos de tradição.....	68
Imagens 48 e 49: As tatuagens do príncipe “Giollo” e de “Omni”, o “homem Zebra”.....	69
Imagens 50 e 51: A diversidade de linguagens.....	71
Imagem 52 e 53: A tatuagem em uma cultura é símbolo de caráter selvagem ou bravura, e na outra é <i>status</i> social.....	73
Imagem 54 e 55: Serenidade no David de Michelangelo e beleza na formas voluptuosas da mulher em mármore de Dominique Regnier.....	82
Imagens 56: O corpo visto como máquina.....	85
Imagens 57: O corpo esculpido.....	86
Imagens 58, 59 e 60: A tatuagem como expressão de cultura	89
Imagem 61 e 62: A tatuagem como linguagem de grupo.....	91
Imagens 63 e 64: A tatuagem influenciada pelos HQ’s.....	92
Imagens 65 e 66: A tatuagem influenciada pelos filmes.....	92
Imagem 67: Desenho corporal gráfico pataxó - O corpo fala por si só.....	94
Imagem 68: A tatuagem de um órgão genital masculino como forma de Exclusão social.....	98
Imagem 69: A representação corporal.....	99
Imagem 70: A paixão levando ao estigma.....	100
Imagens 71 e 72: A vida real imitando a ficção.....	101
Imagens 73 e 74: A coruja para a filosofia, sabedoria. No jogo do bicho, símbolo de introdução.....	102
Imagens 75 e 76: Escrita representando fidelidade ao parceiro, enigmas ou afetividade.....	103
Imagem 77 e 78: Tatuagem como linguagem.....	105
Imagem 79: Reclusa tatuada em homenagem a seu primogênito.....	106
Imagem 80: Privada de liberdade tatuada em homenagem ao amigo falecido.....	107
Imagem 81: A tatuagem em homenagem a parceira.....	109
Imagem 82: A tatuagem de bola de fogo – inspiração nos meios de comunicação.....	110
Imagem 83: Tatuagem de Bob Marley: do ócio a homenagem.	111

Imagem 84: A tatuagem como expressão de admiração.....	112
Imagens 85 e 86: A tatuagem travestida de herói.....	113
Imagens 87 e 88: O personagem de um filme de terror como símbolo de homicídio ou admiração a filme de terror.....	114
Imagem 89, 90 e 91: A tatuagem como linguagem vivências.....	116
Imagem 92 e 93: A tatuagem em homenagem as companheiras.....	121
Imagens 94 e 95: A tatuagem com arranhados.....	122
Imagens 96 e 97: O uso de máquinas a motor de rádio: técnica de tatuar comum entre os privados de liberdade.....	124
Imagens 98 e 99: A imagem de Aparecida.....	126
Imagens 100: A tatuagem sofrendo sobreposição de imagens.....	127
Imagem 101: A tatuagem como pedido de proteção - sexta feira “13”	128
Imagem 102 e 103: A hierarquia das mãos. Um ponto em cada extremidade de uma estrela, homicídio.....	129
Imagens 104 e 105: A tatuagem entre Anjos e demônios - a proteção.....	130
Imagem 106: A tatuagem de cruz: símbolo de religiosidade.....	131
Imagem 107 e 108: O “eu” Cristo e a cela vazia. Imagem encontrada dentro de uma cela vazia.....	132
Imagens 109: “Meu papagaio – único amigo”	133
Imagem 110: Tatuagens feitas aos 14 anos.....	134
Imagem 111: Tatuagem: uma forma de estética.....	136
Imagem 112: Tatuagem em laboratório.....	138
Imagem 113, 114 e 115: O homem lagarto.....	139
Imagem 116: O excêntrico.....	140
Imagem 117: Tatuagem com linguagem de sensualidade sensualidade.....	141
Imagem 118: Camuflagem das marcas.....	142
Imagens 119 e 120: Tatuagens expressando afetividade familiar.....	144
Imagem 121 e 122: Do projeto à tatuagem.....	145
Imagem 123: Máquina de tatuar de relê.....	147
Imagem 124: Máquina de tatuar rotativa.....	147
Imagem 125: Máquina de tatuar/caneta.....	148
Imagem 126: Tatuagem nos olhos	149

Imagem 127: O reinventar no presídio.....	150
Imagem 128: Máquina de tatuar a partir de um <i>playstation</i>	150
Imagem 129: Máquina de tatuar com motores.....	151
Imagem 130: O projeto da máquina de tatuar.....	152
Imagem 131: “CARANDIRU”.....	153
Imagens 132 e 133: Rosângela Rennó e “A última foto”.....	155
Imagens 134,135 e 136: Da série Cicatriz, 1996 – 2003.....	156
Imagens 137 : A diversidade de linguagem.....	157

SUMÁRIO

PRIMEIROS TRAÇOS: TATUAGEM – INQUIETAÇÕES E MEMÓRIAS.....18

1 DESENHO CORPORAL: INTERVENÇÕES QUE (RE)DESENHAM A FORMA

1.1	O DESENHO CORPORAL.....	28
1.1.1	O desenho corporal modelador: o (re) desenho <i>do</i> corpo.....	30
1.1.2	O desenho corporal gráfico: o (re) desenho <i>no</i> corpo.....	33
1.2	TATUAGEM TEMPORÁRIA: O BODY ART COMO UM RITUAL DE PACIÊNCIA E PRAZER.....	33
1.2.1	A tatuagem com henna: o delinear no corpo.....	34
1.2.2	<i>Make-up</i> : estilo de maquiagem.....	38
1.2.3	<i>Body painting</i> : o desenho corporal gráfico como forma de vestimenta.....	40
1.2.4	<i>Tattoo nail art</i> : arte de tatuar nas unhas.....	42
1.2.5	<i>Tattoo styler</i> : arte de tatuar no cabelo.....	43
1.2.6	<i>Body piercing</i> : a intervenção da tatuagem no corpo.....	45
1.2.7	O desenho corporal gráfico (tatuagem) no Brasil: do depoimento corporal dos índios à influência estrangeira.....	47
1.3	A TATUAGEM PERMANENTE.....	51
1.3.1	<i>Branding</i> : o desenho corporal gráfico a ferro e fogo.....	52
1.3.2	Quelóides: do ornamento ao excesso no desenho corporal.....	55
1.4	Uma breve história da tatuagem: da antiguidade à atualidade.....	58
1.4.1	Povos antigos.....	58
1.4.2	A partir da era Cristã.....	60
1.4.3	A tatuagem e sua definição.....	75

2 O CORPO TATUADO: CORPO, MARCAS E MEMÓRIAS

2.1	O CORPO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES.....	80
2.1.1	Quadro Resumo: os significados do corpo.....	80
2.2	CORPO OBJETO: O FRUTO DE UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL.....	84
2.3	O CORPO TATUADO: UMA MANIFESTAÇÃO GRÁFICA CULTURAL.....	88

2.4	TATUAGEM E O CORPO SUJEITO: A AUTONOMIA DO CORPO ATRAVÉS DA TATUAGEM.....	93
2.5	O CORPO TATUADO: DO ESTIGMA À CONSTRUÇÃO DO NOVO CENÁRIO DA TATUAGEM.....	95
2.6	TATUAGEM: AS MEMÓRIAS CORPORAIS.....	104

3 DESENHO CORPORAL GRÁFICO: O (RE)DESENHO NO CORPO COMO LINGUAGEM DE INCLUSÃO SOCIAL

3.1	A TATUAGEM NA SOCIEDADE DOS PRIVADOS DE LIBERDADE.....	119
3.2	A TATUAGEM NA SOCIEDADE DOS LIVRES SOCIALMENTE.....	137
3.3	A TATUAGEM NA ATUALIDADE: QUEBRA DE TABUS.....	141
3.4	O USO DAS MÁQUINAS NO DESENHO CORPORAL: DA MÁQUINA ELÉTRICA AO REINVENTAR NOS PRESÍDIOS.....	145
	3.4.1 A máquina elétrica na sociedade dos livres socialmente.....	146
	3.4.2 A máquina de tatuar: reinvenção pela sociedade dos privados de liberdade.....	149
3.5	A TATUAGEM RECONSTITUINDO A HISTÓRIA DAS IDENTIDADES ESQUECIDAS: O MUSEU DO CARANDIRU.....	152

4 TATUAGEM: MEMÓRIAS NA PELE - A COLETA

4.1	DOS SUJEITOS AO ATO FOTOGRÁFICO.....	159
4.2	A EXPERIÊNCIA COM OS GRUPOS.....	161
	4.2.1 GV – Grupo virtual.....	161
	4.2.2 GP – Grupo presencial : do cárcere ao direito de liberdade.....	168

	ÚLTIMO TRAÇO: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
--	--	-----

	REFERÊNCIAS.....	191
--	-------------------------	-----

	ANEXOS.....	199
--	--------------------	-----

PRIMEIROS

TRAÇOS

A TATUAGEM: INQUIETAÇÕES

E MEMÓRIAS

Este é um estudo que traz como tema investigativo a Tatuagem, compreendida como um tipo de desenho corporal que se traduz em um sistema de signos que funciona como meio de comunicação de ideias ou sentimentos, uma linguagem que aqui busco caracterizar como linguagem de inclusão social.

Na contemporaneidade, o corpo tornou-se, cada vez mais, o centro de uma busca desenfreada pela perfeição e pela vaidade estética, que acabou fazendo com que o sujeito redesenhasse a sua forma física, passando por um ritual de rejeição do próprio eu físico e psíquico - o corpo espaço de manifestações artísticas ou intervenções cirúrgicas que acredito ser livre para se expressar e que entende tais manifestações e intervenções como parte integrante do seu eu físico e psíquico.

Esta pesquisa nasceu de uma inquietação que surgiu no espaço de minha atuação profissional, enquanto investigador de polícia, ao observar a grande quantidade de tatuagens expostas nos corpos dos sujeitos privados de liberdade, detentos, especificamente do Conjunto Penal de Feira de Santana – BA. Como policial, iniciei este estudo fortemente inclinado a trabalhar a tatuagem como elemento identificatório. Como cidadão e professor de matemática, observei que os desenhos corporais se intensificaram no âmbito social. Assim, decidi trabalhar estes (re)desenhos como linguagem de inclusão social. Ainda hoje, é grande o número de pessoas que aderem à prática das marcas corporais como forma de expressar os mais variados sentimentos, criam marcas e, através delas, se inserem em grupos sociais ou fazem homenagem às pessoas amadas, por exemplo. Dessa forma, os corpos são modificados e/ou marcados, seja como expressão estética, seja como forma de identificação pessoal ou grupal.

A pesquisa exigiu um esforço intelectual e pessoal para quebrar o ranço profissional e alcançar o que objetivava investigar e assim enfrentar a expectativa dos resultados que surgiriam. Como pesquisador, a maior dificuldade foi mostrar e articular os fatores e motivos que me levaram a definir a escolha do tema, as questões de pesquisa, os objetivos, a metodologia e o caminho investigativo a ser percorrido.

Foi ao fazer uma retrospectiva de minha vida profissional desde 2000, início da minha carreira de Investigador do quadro da Polícia Civil do Estado da Bahia, até o presente momento, que pude perceber, através de vivências e práticas investigativas nas Unidades Policiais as quais atuei, que grande parte dos indivíduos investigados e detidos (muitos com mais de uma passagem por penitenciárias), em delegacias da capital e do interior, possuíam os mais variados tipos de desenhos corporais – as

tatuagens. Percebemos, dessa maneira, que a princípio as marcas corporais definiam o perfil e a gravidade do crime e se transformavam em elementos identificadores do indivíduo, tanto para o grupo do qual fazia parte quanto para o próprio indivíduo. Assim, muito mais que uma simples indumentária, como uma roupa pode funcionar, a tatuagem é, para esses reclusos, instrumento de auto-afirmação. Minhas experiências revitalizaram as memórias, até então vistas como “verdades” ou “realidades”, as quais assumiram papéis relevantes na construção de minha identidade enquanto pesquisador.

Não foi só a minha concepção sobre a tatuagem como um desenhar na pele como sinônimo de falta de higiene e marca de marginalidade que mudou com esta pesquisa, mas também o meu entendimento do desenho e do desenhar. Até então, acreditava que desenho e desenhar eram apenas o aprendido nas aulas de Educação Artística, no ensino fundamental, com o uso de papel e o deslizar do lápis com o auxílio de régua e compasso. Neste tempo, acreditava que, para ser desenhista, precisava de técnicas e a livre expressão era feita somente em telas.

O preconceito imposto socialmente sobre o sujeito tatuado levou este estigma à minha profissão, não permitindo entender o desenho corporal como linguagem de inclusão social. Agora, anos depois, descubro que não conhecia o que é o verdadeiro desenho corporal, até conhecer os sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade, no Conjunto Penal de Feira de Santana. Estes sujeitos, involuntariamente, induziram-me a enveredar pelos caminhos da pesquisa em desenho e a me tornar um especialista e agora com a concretização desta pesquisa, um mestre na investigação sobre a arte do desenho corporal, expresso pela tatuagem.

Hoje, sinto-me estimulado a desenhar a todo instante com um novo olhar admirador ao ver as mais variadas expressões das tatuagens em suas antigas e novas técnicas de pintura, seja de forma temporária ou permanente, em sujeitos que cumprem pena e são privados de liberdade ou entre os sujeitos livres socialmente. Distante de estar satisfeito com as respostas tradicionalmente encontradas sobre o uso da tatuagem, precisei refletir o uso do desenho no ensino fundamental, pois, agora como profissional do desenho, percebo que estou além do meu tempo, conseguindo enxergar o desenho que antes era rígido e agora de forma irreverente uma livre expressão de linguagem e conhecimento.

Assim, o olhar que outrora era do investigador, passa agora ao do desenhista que imagina o deslizar dos instrumentos usados para traçar cada tatuagem que, mesmo com

o fator dor, realiza sonhos desejados. Sou um desenhista investigador que através das vivências com corpos tatuados traçou planos para tornar viva esta pesquisa científica de relevância social, assim como o traçar de um lápis sobre o papel, ou o uso imaginário do dedo para traçar linhas em alguns momentos retilíneas, em outros curvilíneas, representando a quebra de barreiras do preconceito, e traz de forma esclarecedora a visão da linguagem inclusiva do desenho corporal.

A opção por tratar a linguagem de inclusão social como diretamente ligada à prática da tatuagem partiu da convivência com os presidiários que, naquele ambiente, o fazem desta inclusão uma forma de sobrevivência. Entretanto o que na visão negativa da sociedade livre, a disseminação de tal prática (tatuagem) adveio desse mesmo ambiente, portanto, daí sendo fator de estigma. Nas bibliografias que falam de tatuagem em sujeitos praticantes de crimes previstas em lei, fala-se de crimes por trás das tatuagens, mas nunca da fundamentação, técnicas e motivações do uso. Tais desenhos corporais, no perguntar informal do pesquisador aos sujeitos presos provisoriamente, revela que eles encontram motivações afetivas, registros pessoais e uma forma de linguagem na busca da tão almejada inclusão social, a princípio no mundo intra-muro (penitenciárias) e por consequência a sociedade livre.

Ao ser entrevistado, Adilson Lucas - ex-agente penitenciário e atualmente investigador de polícia no Estado da Bahia, o qual conheceu de perto este ambiente, falou do sonho de liberdade por parte dos sujeitos encarcerados relatando que: *“ao saírem (presidiários) sofrem a dupla punição, legal e social, uma vez que já cumpriram sua sentença. Agora são estigmatizados, e o preconceito estende-se para aqueles que estampam em seus corpos as mais variadas tatuagens”*. Tal situação despertou-me a buscar respostas, pois, acredito que o enigma não está em quem começou a prática da tatuagem, mas no que significa cada uma delas para seus portadores. E o que levou cada sujeito a expressar em seus corpos os sentimentos diversos, a exemplo da necessidade de registrar graficamente em alguma parte do seu corpo uma demonstração de afetividade ou até mesmo de pertença a um grupo.

No papel de pesquisador, busquei decifrar o que se apresenta como incompreensível. Trinchão e Oliveira (1998, p. 160) dizem que “o homem busca sempre algo para experienciar e conhecer tudo que é dado a ele”. Portanto, experienciar a tatuagem é o objetivo desta pesquisa, descrever é parte da experiência. Perceber que a experiência do meu olhar, da minha análise, que está voltada para os diferentes

desenhos, temas e formas das tatuagens, representam apenas uma visão singular das tatuagens que observo. As janelas da minha alma, os meus olhos ao observar e analisar a tatuagem, fizeram-me ver parte de uma realidade, e não o todo, dado que meu olhar é limitado. Analisar os traços, as cores e as dimensões e como estes elementos se entrelaçam e definem uma relação entre desenho corpo e sujeito são formas de conhecer o meu objeto de estudo, de perceber como ele se apresenta aos meus olhos.

Buscando Justificar Minhas Questões de Pesquisa

Foi ao longo do tempo vivenciado que tais inquietações me induziram à construção da problematização deste estudo e à percepção de que o desconhecimento distancia a sociedade do real sentido do desenho corporal, transformando-o em estigma social. Relatando e constituindo um discurso próprio e buscando as memórias das minhas inquietações, agora enquanto acadêmico, consegui construir as questões investigativas sobre a tatuagem nesta pesquisa. Somente quando conseguir falar expor e projetar no papel os meus sentimentos foi que percebi que estava rodeado por um campo fértil de descobertas no campo do desenho corporal que passaram a ser fundamentadas em forma de pesquisas e não mais no senso comum. Buscando nos suportes da memória, produzi novos sentidos para aquilo que me foi dado - o conhecer a tatuagem. Isso foi que passou a me intrigar, permitindo ousar a vasculhar os meios de comunicação, os sistemas prisionais e o meio social na realização desta, que passou a ser uma investigação científica.

Ao analisar imagens grafadas nos corpos de sujeitos privados de liberdade, aqui vistas como manifestações gráficas corporais, repensei a minha postura e o meu olhar marcado e influenciado pela profissão. Por isso, busquei a imparcialidade para o desenvolvimento de uma pesquisa científica, visando não atribuir juízo de valor à tatuagem, com base nesse primeiro olhar.

Neste caminho instaura-se a seguinte questão: Qual a relevância social de uma pesquisa sobre tatuagem? Ao respondê-la veio a definição onde queria chegar, sendo preciso estudar o uso da tatuagem e sua história em momentos da história da humanidade, ficando caracterizada a utilização pelos povos e por motivações variadas, a busca de identidades esquecidas a exemplo dos encarcerados e a memória individual e coletiva dos sujeitos pesquisados.

Para isso, foram traçados os seguintes objetivos: demonstrar através da análise visual das tatuagens como manifestações gráficas expressas no corpo, como o sujeito se utiliza desta representação como código identificatório de inclusão social; identificar os elementos visuais, as motivações e justificativas apresentadas pelos portadores de tatuagens; analisar as tatuagens utilizadas por grupos dos mais variados segmentos sociais e diagnosticar os olhares dos segmentos sociais sobre os indivíduos portadores de tatuagens, na busca da eliminação de estereótipos criados em volta da prática da tatuagem.

Construindo os Caminhos Metodológicos

Justificada a escolha do tema, caracterizada a problematização e apresentados os objetivos, busco agora mostrar os caminhos percorridos na base metodológica desta investigação. Optei por trabalhar com depoimentos e vivências de sujeitos que possuem ou praticam a tatuagem, sendo ela permanente ou temporária. Foi a partir do contato com as fontes vivas, no momento de coleta dos depoimentos pessoais, que encontrei embasamento para o processo investigativo na busca de respostas as minhas inquietações. Como sujeitos da pesquisa, definiram-se os portadores dos mais variados tipos de tatuagens, indo desde aquelas feitas em laboratórios com profissionais (*studios*), até as que são feitas em sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade, considerados socialmente à margem da sociedade – os presidiários, além de cidadãos que não possuem tatuagem. Para isso, dividiram-se dois grupos de sujeitos da pesquisa: o Grupo Virtual – GV e o Grupo Presencial - GP.

Visando alcançar os objetivos propostos, realizei a pesquisa sob o método da abordagem qualitativa. A busca do direcionamento dos pensamentos em torno da problematização que origina esta pesquisa justifica a escolha pela pesquisa qualitativa, uma vez que não se preocupou com medições ou dados fechados, e sim pela análise dos processos, valorizando as inúmeras variáveis que as relações humanas apresentam, cercada por um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que os sujeitos constroem através das manifestações gráficas corporais, aqui no caso, a tatuagem.

Dentre os instrumentos de coleta de dados sugeridos pela pesquisa qualitativa, optou-se pela aplicação de entrevista (anexos 1), que se caracterizou como um

instrumento importante por possibilitar a produção de conteúdos fornecidos diretamente pelos sujeitos envolvidos no processo, e de questionários (anexos 2 e 3). Essas atividades foram acompanhadas de um levantamento fotográfico das tatuagens, com identificação restrita apenas aos desenhos, preservando a identidade do sujeito. Este levantamento foi fundamental, pois a fotografia materializa o desenho, como Barthes (1984, p.115) afirma: “a fotografia é a prova de que a coisa esteve lá, (...) não há dúvida de sua existência”. Ao ver uma imagem fotográfica, posso me reportar ao momento em que, estive diante da lente; ao ver a tatuagem no corpo, estou diante da representação do real. Portanto, a tatuagem é como a fotografia. A coleta de informações por meio da fotografia como instrumento de pesquisa permitiu o registro das tatuagens possibilitando uma análise apurada da leitura das linguagens expressas no corpo e a categorização destas manifestações corporais.’

Como a pesquisa envolve seres humanos, ela foi submetida ao conselho de ética da UEFS e toda a aplicação dos instrumentos de coleta de dados foram feitos mediante o preenchimento e assinatura do **Termo de Autorização de Veiculação de Imagem** (anexo 4) e do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (anexo 5), seguindo as orientações contidas no capítulo IV da resolução 196/96 de 10 de Outubro de 1996, que diz:

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

A pesquisa foi dividida em três fases: a primeira fase, de caráter bibliográfico, foi realizada nos meios de comunicação de forma apurada e mediante reportagens encontradas em jornais, revistas e sites da internet que possibilitaram a coleta de informações necessárias à investigação das tatuagens, de forma a encontrar respostas para os questionamentos sobre o assunto e possibilitaram a comparação dos dados encontrados. Nesta fase, também usado na situação dos sujeitos considerados privados de liberdade onde as fotos encontradas em revistas e artigos publicados em forma impressa ou digital (internet), possibilitaram mostrar nesta pesquisa que muitos fatos divulgados são apresentados de forma errônea, gerando estigma para estes sujeitos estudados, uma vez que são discriminados pela forma como são relatadas as

informações nestes meios de comunicação, aumentando cada vez mais o estado de exclusão dos privados de liberdade.

Na segunda fase, desenvolveu-se o trabalho de campo com a criação do GP-grupo presencial, formado por sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade no Conjunto Penal de Feira de Santana-BA, bem como no meio acadêmico em faculdades da cidade e com apoio de tatuadores profissionais. Realizei parte da pesquisa com aplicação de questionários, entrevistas e levantamentos fotográficos em espaços situados na cidade de Feira de Santana que é a maior cidade do interior da Bahia. A cidade é um campo prolífero e cercada de faculdades, públicas e privadas, que são frequentadas por alunos de diversas cidades circunvizinhas, inclusive de Salvador, que também trazem consigo no cotidiano os anseios profissionais. Além disso, é sede de tatuadores renomados que trabalham suas técnicas e manifestações corporais e onde está localizado o Conjunto Penal, localizado no bairro Aviário, com sujeitos que cumprem penas privativas de liberdades, que traz consigo costumes e vivências diversas, uma vez que este conjunto penal recebe autores de delitos das mais diversas cidades circunvizinhas.

O GP teve como ponto de partida os sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade. Através de contato com o diretor adjunto da instituição, foi-nos fornecida uma sala para que fossem feitas as entrevistas ou o preenchimento do questionário por parte dos reclusos que tiveram a possibilidade de escolher o instrumento de coleta.

Acompanhados de um representante do setor de direitos humanos, ou algum agente penitenciário a sua escolha, tivemos o cuidado de apresentar o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que o recluso entendesse as motivações da pesquisa. Só então, após tiradas as dúvidas, foi realizada a pesquisa.

Na terceira fase, fiz a pesquisa virtualmente, onde a ideia de trabalhar com um grupo virtual se deu devido à motivação de colaboradores que ao longo da construção da dissertação e nas apresentações em eventos que participei, mostraram-se interessados em participar da pesquisa. E por estarem distantes, resolvi criar o GV - grupo virtual, uma vez que estes ambientes possibilitaram a impressão posterior do diálogo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa e assim as informações foram anexadas à pesquisa, sem qualquer elemento que possibilitasse a identificação do sujeito, como forma de preservar sua individualidade, sendo escolhido por ele um código de identificação que substituiu o seu nome ou seu e-mail.

No GV, a atividade fotográfica das tatuagens foi realizada pelo próprio sujeito da pesquisa, que teve a oportunidade de se colocar diante da lente das câmeras e demonstrar seu olhar no que tange ao desenho corporal gráfico. Após a coleta das imagens, enviadas por meio virtual ou correio, conforme escolha, sendo encaminhada junto com o termo de autorização de veiculação de imagem devidamente assinado.

Para organizar e apresentar os resultados deste estudo em que desenhista, investigador e pesquisador se uniram, eu dividi o trabalho em quatro capítulos: no primeiro capítulo, intitulado “*Desenho Corporal: intervenções que (re)desenham a forma.*”, busco situar o leitor no mundo do Desenho Corporal, conceituando-o, definindo a tatuagem como manifestação gráfica na pele – o Desenho no Corpo, e apresento os primórdios desta prática milenar do homem de grafar e (re)desenhar no corpo.

No capítulo 2(dois), cujo título é “*O corpo tatuado: corpo, marcas e memórias*”, apresento algumas concepções de corpo de autores que discutem o assunto. Abordo o corpo objeto como instrumento de consumo e destaco o corpo sujeito como sendo livre e autônomo através da tatuagem.

O capítulo 3(três), “*Desenho corporal gráfico - Tatuagem: o (re)desenhar no corpo como linguagem de inclusão social*”, relaciona a questão do corpo sujeito e sua utilização pelos sujeitos socialmente livres e os que cumprem penas privativas de liberdade, mediante o uso de máquinas elétricas para tatuar ou máquinas improvisadas reinventadas nos presídios.

O quarto e último capítulo “*Tatuagem: memórias na pele - a coleta*”, descreve todo processo vivenciado na pesquisa de campo, reproduzindo na íntegra as entrevistas feitas aos sujeitos da pesquisa, possibilitando ao leitor conhecer de perto as motivações do ato de tatuar.

CAPÍTULO 1:

DESENHO CORPORAL:
INTERVENÇÕES QUE
(RE) DESENHAM A FORMA

Neste capítulo, busco situar o leitor no mundo do Desenho Corporal, independente das possíveis definições existentes para os desenhos gestuais ou posturais, mas sim como manifestações estéticas que interferem na forma e (re) desenham o corpo. Mendes (2008, p.186) destaca a os discursos e intervenções das práticas corporais afirmando que o “corpo revisado, objeto antigo de desejo, é transformado de acordo com as estratégias de pensamento a que está vinculado e ao período histórico em que está inserido”. Apresento, assim, minha concepção sobre as intervenções corporais e destaco a definição da tatuagem como manifestação gráfica na pele – o Desenho no Corpo. A tatuagem é uma prática milenar e, por isso, analiso os primórdios desta prática de grafar e (re) desenhar no corpo dedicando-me a mostrar o seu uso e intenções ao longo da história da humanidade.

1.1 O DESENHO CORPORAL

Na contemporaneidade, o corpo se torna, cada vez mais, o centro de uma busca desenfreada pela perfeição, pela vaidade estética. Isso acaba fazendo com que o sujeito (re) desene a sua forma física, como “uma manifestação cultural presente em suas sociedades” (SANTANA, 2010, p.2).

Estas intervenções feitas no corpo são aqui definidas como desenho corporal o qual pode ser classificado como: 1. Modelador - o (re)desenho do corpo, que diretamente modifica formas e contornos como é o caso da lipoaspiração, da aplicação de silicone e das cirurgias plásticas em geral; 2. Gráfico - o (re)desenho no corpo, quando tais intervenções são grafadas na pele, sejam elas temporárias ou permanentes, com ou sem incisão de novos elementos, como é o caso do *body art* (do inglês, arte do corpo), e que estão associadas à arte conceitual¹ e ao minimalismo². Assim, o desenho corporal gráfico uma manifestação das artes visuais, o corpo do artista é utilizado como suporte ou meio de expressão, Le Breton (2003, p.44) declara que “uma crítica pelo corpo das condições de existência”, a citar o *make-up* ou simplesmente maquiagem que “consiste

¹ A Arte conceitual (ou arte conceitual) define-se como o movimento artístico moderno ou contemporâneo que defende a superioridade das ideias veiculadas pela obra de arte, deixando os meios usados para criá-la em lugar secundário.

² A palavra minimalismo se refere a uma série de movimentos artísticos, culturais e científicos que percorreram diversos momentos do século XX e preocuparam-se em fazer uso de poucos elementos fundamentais como base de expressão.

na aplicação, com efeito cosmético, de embelezamento ou disfarce, seguindo-se, em alguns casos, os ditames da moda e com uso de substâncias especificamente destinadas a tal fim” (FERNANDES, 1995)³.

A desenho de *henna* usada por diversos povos em seus rituais é praticada no mundo ocidental como forma de redefinição de sobrancelhas, ou mesmo na forma de tatuagens temporárias permitindo ao sujeito, que não pretende marcar definitivamente seu corpo expressar desenhos antes vistos no corpo de forma permanente.

O *body painting*, desenho a óleo, muito usadas no carnaval brasileiro em substituição a vestimentas, expressa sensualidade ou mesmo a virilidade masculina, misturando cores e efeitos especiais. O *tattoo nair art*, ou arte do redesenho das unhas “parte do corpo ao alcance das mão” (MACCHIAVELLI, 2001,p.24), trazendo cor e novas formas que fogem aos padrões tradicionais. O *tattoo stycler*, com a nova geração de cortes de cabelos. O *piercing* “é uma prática mais definitiva de intervenção no corpo, a que por filosofia assemelha-se a uma tatuagem” (MACCHIAVELLI, 2001, p.81).

Entre as tatuagens permanentes estão os arranhados, prática advinda dos presídios, onde o sujeito privado de sua liberdade, seja por motivo de identificação de crime ou grupo, afetividade, religiosidade ou mesmo o ócio, utiliza-se de instrumentos lacero cortantes para expressar desenhos em seus corpos. O *branding*, uma prática semelhante às utilizadas para marcação de animais, os sujeitos através de instrumentos feitos de ferro e em brasa desenharam geometricamente em seus corpos formas diversas.

As tatuagens feitas em laboratórios de forma permanente apresentam-se como desenhos corporais gráficos atualmente mais utilizados entre os sujeitos que desejam ter em seus corpos uma marcação definitiva, com especialistas denominados tatuadores profissionais, que se preocupam com a higiene do ambiente e dos instrumentos utilizados, que devam ser esterilizados. Estes realizam os anseios e desejos destes sujeitos.

A Tatuagem, objeto desta pesquisa, é definida por Fernandes (1995) como “processo que consiste em introduzir sob a epiderme substâncias corantes para apresentar na pele desenhos e pinturas”. Para Santana (2010, p.3) “a tatuagem, é o ato de colorir a pele com pigmentos, é uma ancestral atitude de mutação física praticada em todo o planeta”. A palavra tatuagem é de origem taitiana e foi registrada pela primeira

³ O dicionário brasileiro globo de autoria de Francisco Fernandes não possui numeração de páginas.

vez por ocasião da expedição do navegador inglês James Cook⁴ ao Taiti, em 1769, “escrevendo no seu diário a palavra *tattoo*, também conhecida como *tatau* (o som feito durante a execução da tatuagem, em que se utilizavam ossos finos como agulhas e uma espécie de martelinho para introduzir a tinta na pele)” (CHAMUSCA, 2010, p.10). Com o estímulo de exemplos polinésios e japoneses, multiplicaram-se por cidades portuárias de todo o mundo salões de tatuagem, onde tatuadores aplicavam desenhos na pele de marinheiros europeus e americanos.⁵

As mais variadas formas de linguagens promovidas pelo (re) desenho corporal expressam motivações, desejos e sentimentos, uma manifestação cultural presente em várias sociedades. Em muitos casos, tais intenções trazem uma característica de busca de inserção em grupos sociais, sejam por sujeitos em situação de liberdade ou pelos que cumprem penas privativas de liberdade (presidiários) por crimes previstos no código penal brasileiro: elas vão para além dos signos nos corpos, são linguagens de inclusão social.

1.1.1 O desenho corporal modelador: o (re) desenho *do* corpo

O desenho corporal, tanto o modelador quanto o gráfico, está presente na história desde os primórdios da humanidade, seja por questões religiosas, sociais (*status*) ou de identificação individual ou coletiva. A ansiedade em redefinir a forma corporal que não agrada ao indivíduo pode ser entendida como a busca de uma identidade grupal, uma vertente de inclusão social representada através de linguagens coletivas de sobrevivência. É esse anseio que nesta pesquisa enxergamos como (re) desenho do corpo – busca de modelar o corpo com o uso do bisturi ou com exercícios localizados, ou mesmo com desenhos gráficos que seriam, em verdade, tentativas de inserção social.

⁴ O capitão James Cook (Marton, 27 de Outubro de 1728 — Havaí, 14 de Fevereiro de 1779). Cook foi o primeiro a mapear Terra Nova antes de fazer três viagens para o Oceano Pacífico durante a qual ele conseguiu o primeiro contacto europeu com a costa leste da Austrália e o Arquipélago do Havaí, bem como a primeira circunavegação registrada da Nova Zelândia.

⁵ Revista Superinteressante. Assunto principal: Tatuagem. 109. ed.00/10/1996, p. 27-31. (Palavras-chaves: pele, pintura e tecnologia).

Le Breton (2003, p.28) chama atenção para a forma como se tem reduzido o corpo “a uma representação provisória, (...) ideal para encenação de efeitos especiais”. A cirurgia estética, ou seja, a plástica com retirada de partes ou inserção de novos elementos como o silicone, reafirma a ideia de Le Breton (2003, p.30) de que “o homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade (...) o corpo é hoje um motivo de apresentação de si”.

O trabalhar o corpo como espaço de manifestação e intervenção estética esculpando e modelando sua forma é uma prática milenar em que as sociedades mutilam, inserem novos elementos, retiram ou recortam partes do corpo para dar um novo sentido à participação do sujeito no grupo a que pertencem. Como exemplos destas intervenções, cito a mutilação do pavilhão auricular⁶ com a inserção de aros que vão abrindo furos na orelha, cortes ou distensão do lóbulo⁷; é a perfuração do septo nasal, dos lábios e das faces para inserção de objetos metálicos como forma de adorno.

Além destas práticas, a modelação do corpo também pode ser feita através de exercícios localizados como, por exemplo, a musculação, a ideologia do *body building*⁸, que se fundamenta na concepção do resultado do indivíduo sobre seu corpo pela beleza e forma física. O *body building* para Le Breton (2003, p. 43) é “o construtor de corpo, constrói seus limites físicos, a cada dia os enfrenta em uma ascese física baseada em exercícios repetitivos. Outro exemplo da presença do desenho corporal modelador são o alongamento do pescoço, que entre os Karens, radicados no norte da Tailândia, é considerado um sinal de grande beleza e riqueza, e o atrofiamento de membros pelos chineses, que achavam os pés atrofiados muito eróticos.

O (re) desenho do corpo conta com a “indústria do *design* corporal”, conforme afirma Le Breton (2003, p.30) ao sugerir que “na gama das intervenções, o cliente escolhe a que proporcionará ao seu rosto ou ao seu corpo a forma que lhe convém (...) ao mudar o corpo, o indivíduo pretende mudar sua vida, modificar seu sentimento de

⁶Tradicionalmente, dá-se o nome de orelha (do latim: *auricula*) ou pavilhão auricular (ou *pavilhão auditivo externo* ou ainda *ouvido*) à parte externa cartilaginosa do aparelho auditivo, ligada diretamente ao canal do ouvido externo.

⁷ Em anatomia refere-se a parte da orelha ou outros órgãos.

⁸ A prática de *body building*, também conhecido como Culturismo, tem como principal objetivo melhorar a estética do corpo, utilizando para atingir este fim pesos, halteres e máquinas de musculação.

identidade” dando-lhe novas possibilidades de modelar seu corpo mediante regras sociais de beleza e juventude.

Na modelagem dos corpos pelas normas, representações culturais e simbólicas próprias de cada sociedade têm-se o corpo como o laço da interação entre o indivíduo e o grupo, a natureza e a cultura, a coerção e a liberdade: “o corpo apresenta-se como a interface entre a individualidade no que tem de mais singular, e o grupo” (DÉTREZ, 2003, p. 23). Isso porque, “desde a educação dos sentidos até as técnicas simbólicas, o corpo sempre foi alvo de manipulações físicas e simbólicas no interior das sociedades” (MAUSS, 1974, p.62)

Outros autores como Mirian Goldenberg e Marcelo S. Ramos (2002, p.03), justificam que:

As transformações acontecidas no contexto social e histórico (...) se dão devido ao enfraquecimento nos meios tradicionais de produção de identidade, tais como a família, a religião, a política e o trabalho, impulsionando indivíduos ou grupos a se apropriarem cada vez mais do corpo como um meio de expressão do eu.

Assim, acredito que a busca pela inclusão social seria, particularmente, provocada pela desestruturação desses meios tradicionais. Em resposta a esta desestruturação, a manifestação gráfica corporal entra como forma de expressar nos corpos sentimentos diversos, a exemplo das necessidades de afetividade e de agregação a um grupo.

Le Breton (2003, p.31) traz à tona o homem contemporâneo modelando e remodelando seu corpo conforme seus anseios, uma vez que “é por seu corpo que você é julgado e classificado”. Posso então comparar a transformação deste corpo à reforma de uma casa, que precisa ser restaurada, emassada e pintada para ser mais bem apreciada e alcançar o valor desejado por seu proprietário. A estética social faz do corpo um empreendimento a ser administrado, baseado nos interesse do sujeito e em seu sentimento estético de modo que o desenhar deste corpo permite ao sujeito modificar sua posição social, uma vez que agora é ele mesmo (sujeito) que está modelado de acordo com os padrões sociais exigidos relacionados ao corpo perfeito, ou quase perfeito, a depender do que se entenda por perfeição alcançando ou não os pilares da fama, sendo apreciado como uma obra de arte.

1.1.2 O desenho corporal gráfico: o (re) desenho *no* corpo

O (re) desenhar no corpo com intervenções grafadas na pele, sejam elas temporárias ou permanentes (desenho corporal gráfico), é uma prática social que tem como pano de fundo as mesmas questões que norteiam a necessidade do indivíduo de modelação ou remodelação do corpo, questões estéticas ou de status que se tornam uma linguagem visual individual e coletiva.

Esta pesquisa traz como foco a tatuagem permanente, que se caracteriza por ser grafada no corpo do indivíduo, logo se tornando parte integrante da constituição corpórea que o define como sujeito, em concordância com Villaça (2007, p.56), que afirma: “o corpo constitui um sistema cultural por meio do qual o indivíduo cria valores, coesão e interage com o mundo e com o outro”. No entanto, isso acontece mesmo já existindo atualmente, técnicas cirúrgicas que permitem ao tatuado “apagar” ou redesenhar as marcas que outrora foram tão desejadas ou que, porventura, tenham sido esteticamente mal feitas. Aqui também a tatuagem temporária que, em suas mais variadas modalidades e técnicas de grafia que representam o desenho corporal gráfico como forma de estética corpórea, mescla não só estilos e modas, mas tem um papel social relevante de acordo com cada época. É sobre este tipo de tatuagem que tecerei algumas considerações agora.

1.2 TATUAGEM TEMPORÁRIA: O *BODY ART* COMO UM RITUAL DE PACIÊNCIA E PRAZER

O desenho corporal que começou a ser feito para atender as necessidades mais diversas do homem é visto por Macchiavelli (2001, p.6) como “arte no corpo, estritamente ligado à *pop art* e a cultura da *beat generation*⁹, na qual a pintura do corpo se associava as mensagens de paz universal”. Este desenho levou ao surgimento das tatuagens temporárias, chamadas popularmente também de maquiagem, expressão estética, brincadeira, ou acessório de moda para usar só por uma noite combinado com

⁹ Geração beat (Beat Generation em inglês) ou "Movimento beat" é um termo usado tanto para descrever um grupo de artistas norte-americanos, principalmente escritores e poetas, que vieram a se tornar conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960, quanto ao fenômeno cultural que eles inspiraram (posteriormente chamados ou confundidos aos beatniks, nome este de origem controversa, considerado por muitos um termo pejorativo).

uma jóia ou complemento de luxo fundamentando-se no *body art*, que nasceu com as vanguardas artísticas norte-americana e européia, como estilo de manifestar a arte no corpo. Segundo esta vertente, a tatuagem temporária é uma alternativa que o sujeito tem de vivenciar e experimentar o prazer do ato de tatuar, permitindo-lhe realizar mudanças que não comprometem seu corpo com marcas que depois possam ser motivo de arrependimento. Como exemplo, destacam-se: *henna*, *make-up*, *body painting*, *tattoo nail art*, *hair style* e *peircing*.

1.2.1 A tatuagem com *henna*: o delinear no corpo

Segundo Macchiavelli (2001,p.4), a tatuagem com *henna* é “uma prática milenar, transmitida manualmente de mãe para filha, desenvolvida na intimidade das tendas ou à sombra dos pórticos invadidos por aromas especiais, a qual fascina pelos desenhos e a ornamentação”. Derivada da tatuagem permanente transforma-se numa espécie de linguagem internacional do corpo com uma conotação suave e espiritual. A *henna* delinea o corpo sem provocar dor constituindo o que Macchiavelli (2001, p.4) chama de “ritual de paciência e prazer”, criando florescências sobre os pés e as mãos e estampando folhas entrelaçadas que sobem do tornozelo até o joelho, causando sensações de relaxamento.

A técnica deste desenho corporal conta com a planta da *henna*, cientificamente conhecida por *lawsonia inermis*- planta arbustiva de formas delicadas, com flores branco-rosadas (preparo de essências perfumadas), cultivada em regiões de clima quente e seco, em países do norte da África, do Oriente Médio. Suas folhas são moídas e pulverizadas, sendo utilizadas para colorir o cabelo. E as que são colhidas de ramos mais altos, por possuírem um poder colorante mais intenso, são destinados a ornamentar a pele.

Entre as mulheres berberes do norte da África, o costume são as tatuagens e técnicas feitas com *henna* nos pés e nas mãos semelhantes a meias e luvas, transmitidas de mães para filhas. Denominados *siyala*, os desenhos embelezam e ajudam a promover a fertilidade, sendo usados pelas mulheres, principalmente durante a puberdade. Embora sejam decorativas, em muitos casos, seu principal objetivo é proteger contra forças sobrenaturais, como uma espécie de talismã, que assegura a saúde e o bem-estar da pessoa.

Na Índia, além de trazerem boa sorte, a essas pinturas chamadas *mahendi* (em sânscrito), bastante usadas em celebrações religiosas, em especial em festas de casamento, são atribuídos poderes mágicos. Na fase da pesquisa de campo tive a oportunidade de experienciar o desenho corporal com *henna*, na entrevistar a jovem “Paloma”, 26 anos, estudante de matemática em uma faculdade da cidade de Feira de Santana a qual relatou: “o uso da *henna* no corpo é fascinante, é como se estivesse vivendo as tradições indianas”. A estudante que é adepta da técnica permitiu que na qualidade de pesquisador, pudesse vivenciar o desenhar em suas mãos conforme imagem 01.



Imagem 01: *Mahendi* – a arte da *henna* nas mãos “Paloma”- estudante de matemática

Foto: Aleksandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

Assim, na véspera do casamento a noiva é tatuada com desenhos que simbolizam energias positivas, purificação, saúde e riqueza. Nessa ocasião, ela se reúne com suas amigas para discutir os temas do casamento, enquanto pintam-se umas às outras. A arte *mahendi* era praticada na Mesopotâmia, mais tarde, entre os egípcios; foi incorporada à tradição hindu no século 12, onde é utilizada também em batizados e

enterros, sempre com o intuito religioso. Entre as mulheres árabes, é comum a tradição de tatuar a noiva para o casamento. Seus pés e mãos são envolvidos em tecidos brancos que são retirados somente no dia da cerimônia, e o desenho permanece de 15 dias a três meses. Já em Bali (ilha da Indonésia), os desenhos corporais são utilizados pelas mulheres nas danças e no teatro: elas vestem trajes coloridos e empregam máscaras que traduzem o comportamento. Além disso, estes desenhos e também têm a finalidade de reverenciar aos inúmeros deuses.

No Brasil o uso da *henna* está ligado à estética. Os admiradores da arte fazem-na sem terem o compromisso de torná-la eterna: a exemplo da estudante de direito “Rosa”, conforme imagens 02 e 03, onde no pé foi desenhado a henna uma rosa a qual relata: *“nunca havia experimentado a técnica. Sempre tive medo de colocar uma definitiva. A experiência foi fascinante”*.



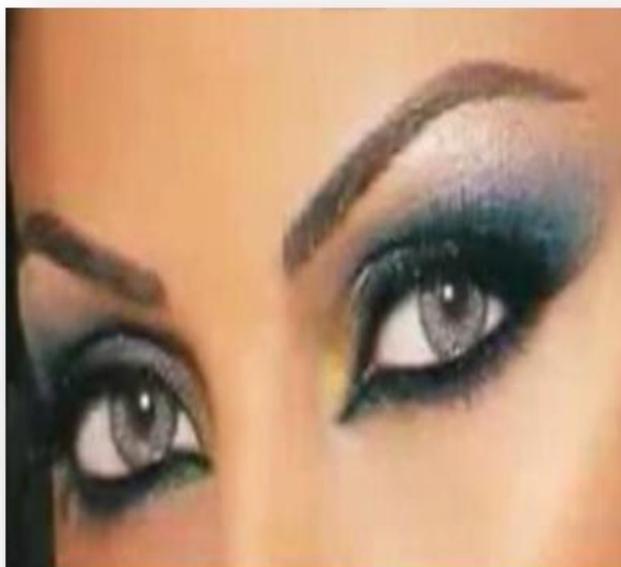
Figura 02 e 03: A técnica da *henna* como experiência
“Rosa” - estudante de direito

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

Outra forma de uso é o tatuar as sobrancelhas deixando-as mais grossas. De acordo com a esteticista da ABPE¹⁰, Andréa Silva, as sobrancelhas grossas dão um ar jovial à expressão. Para a esteticista, a principal vantagem da técnica com *henna* é que o produto se incorpora ao pêlo deixando, assim, as sobrancelhas mais volumosas. Ela acrescenta: "*Além de corrigir imperfeições, a henna também cobre aqueles fiozinhos brancos que insistem em aparecer até nas sobrancelhas*".

As sobrancelhas são o foco de atenção da maquiagem com *henna*. Elas empenham um papel de grande importância na beleza e na expressão facial. Podem rejuvenescer dar simetria ao rosto e também deixar com um ar austero ou acolhedor de acordo com o desenho. Não existe um modelo padrão, mas a sobrancelha deve estar em harmonia com os olhos. A *henna* própria para sobrancelha pode ser encontrada nas cores: castanho claro, médio, escuro e preto. Sua duração leva de uma semana a 20 dias no pêlo e dependendo do tipo de pele e cuidados posteriores, ela dura até uma semana na própria pele. Todo o processo de modelagem com *henna* dura por volta de 40 minutos. Visto que o resultado é passageiro, esta modelagem pode servir como um teste para as pessoas que querem fazer a maquiagem definitiva. A estudante de 33 anos "Clara" do curso de educação física que usa a *henna* para escurecer as sobrancelhas vista nas imagens 04 afirma: "*a técnica realça minha sobrancelha, dando um tom jovial*".

¹⁰ Associação Baiana de Profissionais em Estética-(71) 322-7434 – Rua Chile, 231, sl 1505 - Salvador, Bahia



Imagens 04: A sobrancelha de *henna* - técnica que permite cobrir os fios brancos, preencher falhas e destacar o olhar e com isso harmonizar o rosto.

“Clara” - estudante de educação física

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

1.2.2 *Make – up* : estilos de maquiagem

O *make up* - palavra estrangeira que significa maquiagem como desenho corporal gráfico é uma forma de tatuagem temporária, através da qual o sujeito busca realçar o estado natural do corpo. Seu público principal são as mulheres, que geralmente adotam um estilo muito pessoal. Nos últimos anos, o estilo de tatuar com maquiagem tem crescido com a busca da criatividade pelas empresas de cosméticos que ampliaram a variedade de cores. Cores para usar com o tom da roupa ou não em uma maquiagem estilizada, suave ou pesada, mas sempre adequada ao *look* geral. Assim também é a maquiagem cyber, feita para acompanhar roupas de tecidos tecnológicos em cores metálicas, ou tonalidade pastel para seguir a moda.

Mostrando estilo próprio e a afirmação da beleza feminina com o realce nos olhos e lábios com maquiagem temporária nas imagens 05 e 06, a estudante do curso de educação física “Clara” que demonstra que “ é a técnica mais usada entre as mulheres”.



Imagens 05 e 06: A tatuagem temporária - uma maquiagem realçando os olhos e lábios.
 “Clara” - Estudante de Educação Física
Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

Outra forma de utilização do *make up* é a maquiagem de camuflagem destinada a minimizar ou neutralizar descolorações ou problemas de pele, bem como para disfarçar as tatuagens que se tornam indesejáveis com o passar dos anos. Cristiane Camargo Pasquini, técnica em maquiagem definitiva, certificada pelo *Society of Permanent Cosmetic Professionals* nos Estados Unidos e técnica em maquiagem definitiva, camuflagem e correção na *Torriton Taunay* em Curitiba afirma que: “*quem deseja remover a tatuagem pode optar pela camuflagem*” que é um método de pigmentação que possui como objetivo cobrir cicatrizes, tatuagens, manchas claras e imperfeições da pele como visto nas imagens 07 e 08, onde “Robert”, 28 anos, estudante de turismo, camufla sua tatuagem feita aos 16 anos como forma de homenagear uma namora, para evitar ser discriminado quando vai para o trabalho uma vez que na sua área profissional trabalha de bermuda e acaba por expor sua tatuagem.

De acordo com Pasquini cerca de 50% (cinquenta por cento) das pessoas que fazem uma tatuagem se arrependem depois, e as técnicas de remoção existentes são invasivas (exigem cirurgia) e dolorosas. “Por este motivo muitas pessoas optam pela

camuflagem da tatuagem procurando por esta técnica, por representar uma alternativa eficaz, sem dor e sem efeitos colaterais”.

Segundo Parada (2011, p.33), a técnica da camuflagem consiste na introdução de pigmentos na derme que escondem a tatuagem deixando o desenho invisível. Os anestésicos usados durante o tratamento são tópicos e antialérgicos, podendo ser utilizados em qualquer tipo de pele, garantindo um procedimento sem dor.



Imagens 07 e 08: A camuflagem da tatuagem definitiva com a técnica do make-up.

“Robert” - estudante de turismo

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

Assim o uso da maquiagem como forma de tatuagem temporária seja por estética ou na Camuflagem, o sujeito busca a melhora na auto-estima, em algumas situações, evitando privação social e estigma, melhorando sua qualidade de vida.

1.2.3 *Body painting*: o desenho corporal gráfico como vestimenta

O desenho corporal é a expressão literalmente viva da união das artes plásticas com a anatomia humana, onde uma e outra se integram para retratarem o belo. Chamado de maquiagem artística, o *body painting* transforma cada parte do corpo em um elemento da obra, cujo resultado é a beleza do todo. O desenho corporal deriva dos

efeitos plásticos obtidos com elementos visuais como linha, forma, cor, volume e textura, assim como dos princípios de organização, composição, equilíbrio, harmonia, ritmo e movimento. O domínio da técnica do desenho corporal é uma das ferramentas fundamentais para a execução deste tipo de trabalho.

Estas verdadeiras vestimentas corporais são graficamente desenhadas com uso de técnica de pintura, através da têmpera, da pintura a óleo, ou a lápis, aplicadas no corpo por inteiro. A técnica muito usada no carnaval brasileiro (imagens 09 e 10), quando pessoas do meio artístico e jovem que integram as escolas de samba têm seus corpos totalmente cobertos tornando-se verdadeiras obras de arte vivas, a exemplo da modelo de 23 anos “Michelle”, residente na Bahia a três, mostra que apesar da distancia não perde um desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro e conta que: *“sou carioca de origem e baiana de coração, portanto não perco o samba no pé”*.



Imagem 09 e 10 – A pintura substituindo a roupa

Fonte: www.google.com.br/imagens

Assim, desenhando o corpo na sua totalidade, o sujeito é visto não como um personagem, mas como uma expressão do belo, pelo seu efeito visual, reafirmando uma linguagem corporal gráfica como expressão da cultura brasileira

1.2.4 *Tattoo nail art* : arte de tatuar nas unhas

Compreendida como a “arte de tatuar nas unhas”, o *tattoo nail art* caracteriza-se pela criatividade. Os infinitos desenhos são feitos com pincéis muito finos, cores diversas e enfeites para dar um toque original e diferente às unhas. A técnica do *tattoo nail art* consiste em aplicar nas unhas a mesma técnica com que são feitas as tatuagens, e foi introduzida no Brasil pelo vietnamita Vu Nguyen em 1984. Para este tipo de trabalho, é preciso muito mais que técnica, muito talento, mão firme e experiência com desenhos de tatuagens.

A marmorização, tão característica e apreciada na decoração de ambientes, quando aplicada às unhas resulta num efeito especial com cores típicas do mármore de *carrara*, variando e gerando mármore verona, mármore pretos ou verdes egípcios.

A estudante do curso de comunicação “Nani”, 26 anos, e proprietária de salão de beleza, afirma que: “*as mulheres buscam a perfeição, e para usam da criatividade como forma de destaque[...]nada melhor que começar pelas unhas*”. Nas imagens, 11 e 12, pude presenciar as artes feitas pela estudante, mostrando requinte e beleza.



Imagens 11 e 12: A arte das unhas com a tatuagem temporária “Nani” - estudante de comunicação

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

As mãos são itens primordiais para a composição de um corpo bem-cuidado, assim visto nas imagens 13 e 14, sendo afirmado pela jornalista do globo.com Ana Todeschini . Para ela a busca por novidades para aplicação sobre as unhas tem crescido, acompanhando tendências e modas, chegando a fazer a seguinte comparação: “*Assim*

como o corpo é tela para a tatuagem a unha é espaço das mais diversas expressões da linguagem”.



Imagens 13 e 14: A unha como espaço de expressão de uma linguagem
“Nani” - estudante de comunicação

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

1.2.5 *Tattoo styler* : a arte de tatuar nos cabelos

Os cabelos e as roupas fazem a moda. É curioso notar que mesmo nos séculos passados, quando a moda durava mais do que uma estação, por motivos óbvios de comunicação desacelerada, os penteados viajavam, por sua vez, sobre um trilho mais veloz. É verdade que se distingue uma escultura clássica de uma helenística pela diferença de estilo, mas as diversas formas de representação do penteado também se revestem, nesse contexto da mesma relevância.

Para Macchiavelli (2001, p. 50-65), “o penteado, arranjado das mais diversas maneiras, permanece um símbolo importantíssimo e um meio indiscutível de comunicação”. O *tattoo styler* está presente nos vários estilos de cortes nos cabelos, seja no estilo “crista” ou “moicano” (imagem 15), lançado nos anos 70, adotado pelos primeiros *punks* e na atualidade usado por personalidades do esporte brasileiro, seja no estilo personalizado (imagem 16), de forma tão precisa que é capaz de fazer desenhos no cabelo, como tatuagens, associados ao conceito de *body art*.



Imagens 15 e 16: O estilo moicano e o personalizado

Fonte: www.google.com.br/imagens

Em relação à idade média, a autora atesta que, mesmo escondidos por véus e chapêlões de fada, os penteados femininos eram um festival de tranças e nós. Séculos depois, no Renascimento, os penteados eram adornados com pérolas e laços de veludo.

No período Barroco, sobretudo no século XVIII, a moda da cabeleira frisada, amarrada com fita e embranquecida com pó-de-arroz caracteriza os ideais de beleza feminina. E para entender o papel e o impacto social dos penteados, basta pensar que nos anos 60 a moda das cabeleiras dominou a fantasia popular mais do que a minissaia.

Em tempos extravagantes como o nosso, ao se iniciar um novo milênio, tudo na cabeça é permitido. Ajudados pela química das tintas mais improváveis e pela possibilidade de viajar para conhecer modas tribais, usos e costumes distantes, os jovens escolheram a cabeça como sinal imediato de reconhecimento (imagens 17 e 18).



Imagens 17 e 18: Cabelos tatuados- uma linguagem de reconhecimento

Fonte: www.google.com.br/

Arte de tatuar nos cabelos apresenta uma forma do sujeito personalizar Algumas o próprio nome, homenagem ao time de futebol, tribais, estrelas, traços, círculos e outros desenhos geométricos. Com navalhas, tesouras ou máquinas criativos cabeleireiros, verdadeiros artistas, utilizam para compor a sua obra de arte.

1.2.6 *Body piercing*: a intervenção da tatuagem no corpo

O *body piercing* é uma prática de intervenção no corpo; a que por filosofia mais se assemelha à tatuagem. O piercing de fato modifica algumas partes do corpo, também de maneira muito evidente. A prática da aplicação de jóias introduzidas diretamente no corpo tem origem antiqüíssima e sobrevive intacta nas culturas de alguns povos africanos e sul-americanos (índios da Amazônia) com numerosos e diferentes valores religiosos e tribais, segundo a etnia.

Para jovens ocidentais como “Lisa”, estudante do curso de licenciatura em letras que possui um *piercing* nos lábios como visto na imagem 19, o *body piercing* é mais freqüentemente vislumbrado como um fenômeno de moda. É verdade que para alguns deles a prática do piercing amplia-se e se transforma numa religião; mas para a maior parte é, sobretudo uma forma de usar jóias e de descobrir novas formas de beleza a

exibir conforme relata a estudante: “*uso o piercing com um item de beleza e charme, pois, as pessoas me olhar e admiram*”

Nos últimos anos, nada contribuiu tanto como o piercing para modificar o cânone estético ocidental. Dificilmente uma garota com um grosso anel atravessando o septo nasal seria considerada bela ou graciosa até poucas décadas atrás.



Imagens 19: O *piercing* como forma de tatuagem
 “Lisa” - estudante de licenciatura em letras
Foto: Alexandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

Elaine Davidson, recordista do *guinness book*¹¹ considerada a mulher com mais *piercings* do mundo (imagens 20 e 21), chegando a 4200. Para ela o *piercing* é uma forma ornamento, o que ela chama de “minha forma de expressar uma linguagem de sensualidade e me incluir no rol das mulheres desejadas”.

Só nos órgãos genitais tem mais de 500. Esta brasileira tem um restaurante em Edinburgo e diz que faz o *body piercing* porque gosta de sentir dor.

¹¹ "Guinness World Records - Human Body - Extreme Bodies - Most Pierced Woman". *Guinness World Records*. 2001-08-09.



Imagens 20 e 21: A inserção de piercing no corpo transformada em linguagem gráfica corporal

Fonte: www.google.com.br/images

Assim com intervenções corporais cada sujeito realiza seus sonhos e necessidades, apresentando ao mundo uma forma de expressar em seus corpos suas razões diversas, permitindo o surgimento de uma sociedade verdadeiramente democrática livre de qualquer preconceito.

1.2.7 O desenho corporal gráfico (tatuagem) no Brasil: do depoimento corporal dos povos indígenas à influência estrangeira

A história dos desenhos corporais entre os povos indígenas no Brasil é marcado por sentidos diversos, não somente a vaidade ou a busca pela estética perfeita, mas pelos valores que são considerados e transmitidos através desta arte. Entre muitas tribos, o desenho corporal é utilizado como uma forma de distinguir a divisão interna dentro de uma determinada sociedade indígena, uma maneira de indicar os grupos sociais nela existentes, embora existam tribos que utilizem o desenho corporal segundo suas preferências.

Os materiais utilizados normalmente são tintas como o urucum, que produz o vermelho; o jenipapo, fruta da qual se adquire uma coloração azul marinho quase preto;

o pó de carvão que é utilizado no corpo sobre uma camada de suco de pau-de-leite; e o calcário, do qual se extrai a cor branca. Embora estejam cercados por uma envolvente fauna e flora, os índios costumam pintar sempre desenhos abstratos e geométricos em uma forma rica de simbologias.

Entre os povos antigos, os desenhos aplicados profundamente na pele e que duravam bastante servindo basicamente, como identificação de um determinado grupo social, proteção contra os maus espíritos ou simplesmente adornos corporais. Assim pensavam os Índios Tapirapés, da bacia do Xingu (imagem 22), juntamente com os índios Jurupixuna que já se tatuavam bem antes do Descobrimento do Brasil. Hoje são utilizados em rituais de casamento. Quando a menina chega à adolescência, ela fica cerca de um ano confinada em uma oca para aprender com as mulheres mais velhas os deveres da vida adulta. É o período em que deixa o cabelo crescer, amarra tiras de cipó na altura dos joelhos, fazendo com que a perna fique volumosa, passando pelo ritual do desenho corporal.



Imagem 22: Índio Tapirapés e o desenho corporal indígena

Fonte: www.google.com.br/images

A tribo dos Kadiweu no Brasil (imagem 23), hábeis desenhistas, estampam rostos com desenhos minuciosos e simétricos, e foram inspiração de projeto arquitetônico, em 1998, por iniciativa do escritório de arquitetura Nedelykov Moreira, de um arquiteto brasileiro residente em Berlim, e do escritório Brasil Arquitetura, de São Paulo. Foram selecionados trabalhos de pinturas corporais de seis índias da tribo

kadiwéu para decorar 50 mil painéis de azulejos que hoje revestem um conjunto residencial de 3200 apartamentos no bairro de Hellersdorf, na zona leste de Berlim¹².



Imagem 23: Índia Kadiweu (Rio Nabileque)
Fonte: www.google.com.br/images

As artistas indígenas receberam por seu trabalho inédito o equivalente a 15 (quinze) mil dólares, dos quais 50% (cinquenta por cento) foram investidos na atual viagem à Alemanha. Os desenhos que os indígenas desenvolvem para aplicar nos corpos e nas cerâmicas têm como fonte de inspiração a religião e o modo de vida dos integrantes da tribo.

Hoje se sabe que a prática era amplamente utilizada. Dos Mundurucus (Amazonas, Mato Grosso e Pará) aos povos litorâneos, como os Tabajaras, nossos índios se tatuavam para denotar sua origem ou marcar momentos de passagem, como a puberdade, e mudanças de status, como a de menino para guerreiro ou a de inimigo para escravo. Eles usavam espinhos e outros instrumentos de corte, como dentes de animais e diamantes. E o principal pigmento vinha do jenipapo.

¹² Coleção Boggean/1892, publicado por Dr.Lhemann Niitsche (retirada do Livro Arte e Técnica Kadiweu de Jaime G. Siqueira Jr.)

Entre os Carajás, no Brasil, durante o rito de passagem da criança para a adolescência, são tatuados dois círculos no rosto (imagem 24). A tinta é feita com jenipapo e carvão e a mistura é aplicada na pele com um instrumento feito com dente de peixe-cachorro. O desenho no corpo realizado pelas mulheres Carajás, processa-se diferentemente nos homens, de acordo com as categorias de idade. Alguns dos padrões mais comuns são as listras e faixas pretas nas pernas e nos braços. As mãos, os pés e as faces recebem pequeno número de padrões representativos da natureza (imagem 25), de modo especial, a fauna (COSTA, 2003, p.5).



Imagens 24 e 25: Desenho facial e representação da natureza entre os Carajás
Fonte: www.google.com.br/images

A pesquisadora Ianê Predes, que realizou um trabalho sobre o grafismo corporal Pataxó em 2011, comentou em entrevista que:

Através da situação de contato com o não índio, hoje percebemos que alguns Pataxó estão usando tatuagem. Não como um meio de identificar a sua etnia, pois em cada pessoa percebida, a tatuagem assume vários desenhos como nomes, formas geométricas, até de Jesus Cristo foi encontrada. Dessa forma, é possível concluir que a tatuagem reflete a realidade sofrida pelo indígena, que de algum modo, foram influenciados e estão aderindo a outros costumes.

Ao analisar as fotos enviadas pela pesquisadora fica clara o uso de tatuagens definitivas entre os índios pataxós, sendo visto na imagem 26 no lado esquerdo próximo ao ombro do índio a imagem tatuada de um pássaro e na imagem 27, tatuagens no braço esquerdo do índio que está a esquerda e imagem de “Cristo” no peito do lado direito do índio que esta a direita da imagem.



Imagens 26 e 27: A tatuagem entre os índios pataxós
Foto: Ianê Predes.2011.Acervo da pesquisadora, gentilmente cedido como colaboração a esta pesquisa

A tatuagem como desenho corporal gráfico entre os povos indígenas evoca momentos de um passado lembrado na memória. Imagens expressas na pele em forma de tatuagem assumem uma função histórica, pois, de acordo com Berger (2007, p.14), tratam-se de “imagens que foram feitas para evocar a aparência de algo ausente”. Essa arte indígena sofreu modificações ao longo do tempo, ficando em algumas situações relegada ao passado; porém, a linguagem representada através da tatuagem preserva esta arte no presente.

1.3 A TATUAGEM PERMANENTE

Estas marcas grafadas no corpo são o objeto deste estudo, porém destaco as tatuagens permanentes como o desenho corporal a ser estudado, descrito, analisado, discutido e historicizado ao longo da pesquisa, entendendo-a como linguagem de inclusão social grupal. Assim, a investigação segue dando mais ênfase às marcas, às

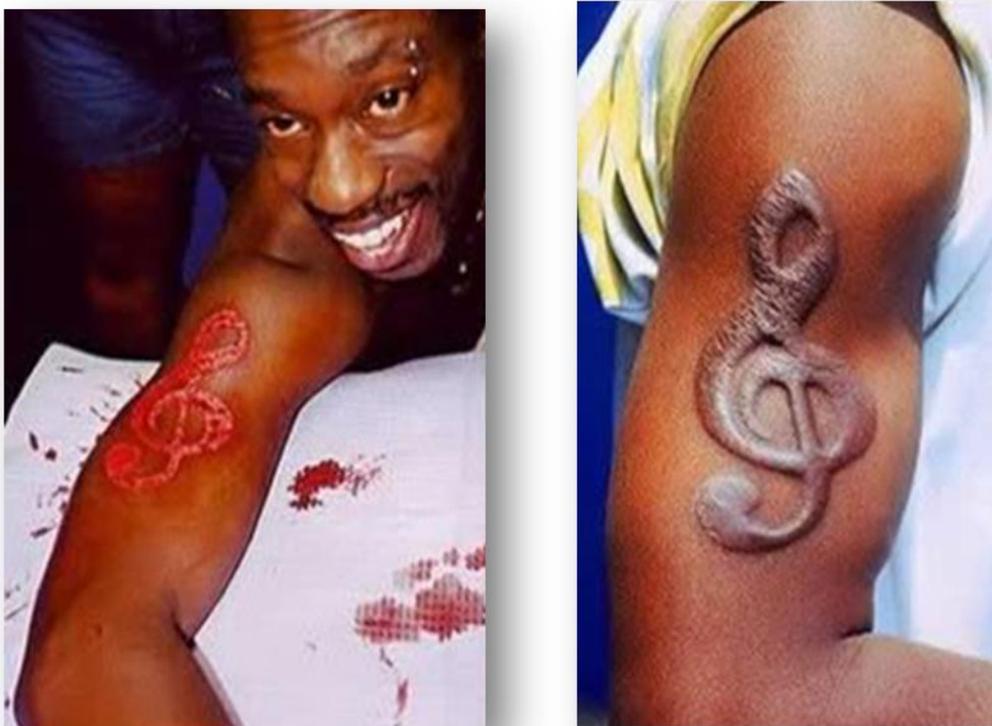
motivações e às técnicas que vão dos arranhados ao *branding*, passando pelas quelóides e as tatuagens artísticas feitas em laboratórios por profissionais ao longo da história da humanidade, inserindo elementos e dados coletados no trabalho de campo sobre esta prática em sujeitos livres e sujeitos privados de liberdade por questões criminais.

Tendo como foco as tatuagens permanentes feitas nos presídios ou na sociedade de modo geral, início a escrita mencionando algumas técnicas, fizemos destaque a outras técnicas como o “*branding*” e quelóides, usadas no meio ocidental, porém pouco difundidas, por serem vistas como extremas.

1.3.1 O *branding*: o desenho corporal gráfico a ferro e fogo

O *Branding* é uma técnica de desenho corporal gráfico que consiste em fazer uma cicatriz no corpo seguindo um desenho escolhido previamente. O corpo é desenhado com um cauterizador em brasa ou ferro incandescente, deixando uma cicatriz e a escafição¹³, feita com bisturi aquecido, produz um desenho em relevo como visto na imagem 28 onde o sujeito tatua no braço uma nota musical e na imagem 29 a exibição do resultado almejado.

¹³ Fazer incisões sobre a pele. Fonte:Dicionário Brasileiro Globo.



Imagens 28 e 29: A técnica do *branding*

Fonte: www.google.com.br/images

A técnica se inspirou em rituais tribais ocorridos principalmente na África, onde caracterizava uma linguagem de identidade pessoal de cada tribo. Para a prática do *branding*, era preciso fazer um desenho no corpo e depois cortar a pele nas marcações – o corte não é profundo, e atinge apenas a camada de gordura. Depois, cinzas ou outras substâncias são adicionadas à parte cortada para que fique infeccionada. É justamente essa infecção (que pode resultar em uma complicação perigosa para a saúde) que vai tornar a marca permanente na pele¹⁴.

Vale destacar que, devido ao sol escaldante, quase não se usa roupas nas tribos, e na ausência de ornamentos, a técnica do *branding* serve para embelezar. Existem situações que resultam de tratamentos médicos, desde sangrias até queimaduras na pele, realizadas com o objetivo de estimular o sistema imunológico: substâncias medicinais, como óleos ou ervas, são introduzidas na pele para estimular o sistema imunológico, e às vezes, para acalmar a dor. Normalmente, os cortes provocam a perda de grande

¹⁴ www.historia.uff.br/stricto/tesesdata.php

quantidade de sangue¹⁵. A tribo Nuba, no Sudão, por exemplo, faz incisões sobre os olhos para aumentar a visão.

Em algumas regiões da Nigéria, o uso da técnica nas mulheres começa cedo. A partir de cinco anos, as incisões são realizadas em partes específicas do corpo por especialistas, em geral, pelas mulheres mais velhas, numa ordem prescrita tradicionalmente. As jovens não são consideradas adultas e aptas ao casamento até que os desenhos sejam completados. Eles obedecem a uma sequência: os primeiros são feitos no abdome e, posteriormente, na testa, nos antebraços, na nuca, na região lombar, nos glúteos, sobre as costelas e nos braços. Os diferentes padrões de desenhos e os locais onde são feitos têm um significado específico, que são entendidos conforme o contexto de cada tribo. A ausência dessas incisões tem um sentido estético ou simbólico, o que leva a pessoa a ser considerada anti-social e covarde, interferindo em sua subjetividade. Então, o desenho faz parte do corpo, que é sujeito¹⁶.

A Grécia foi referência da técnica do *branding*, imprimindo sinais nos corpo a partir de instrumentos de corte ou aquecidos no fogo até ficar em brasa, e serviam para alertar a sociedade de que tais sujeitos marcados eram escravos, criminosos ou traidores, devendo ser evitados por serem pessoas marcadas (GOFFMAN, 1980, p.42).

No Brasil, na sociedade dos sujeitos livres socialmente, o uso do *branding* está relacionado aos grupo de *body modification* onde a ferro o sujeito tatua uma maça no braço direito (imagem 30), com uso de inovadores instrumentos de marcação, como visto na imagem 31, apresentando-se de forma criativa.

¹⁵ www.historia.ufc.br

¹⁶ www.teses.usp.br/teses



Imagens 30 e 31: O *branding* e os instrumentos de criação

Fonte: www.google.com.br/images

Ao falar da técnica com um entrevistado o qual cumpre pena privativa de liberdade no Conjunto Penal de Feira de Santana, de nome fictício boy, o mesmo abordou o *branding*, como uma técnica usada para retirada de tatuagens indesejáveis, mesmo desconhecendo o nome original. Afirmou que ao sair alguns reclusos por medo do estigma social acabam por fazer raspagem a ferro quente no objetivo de tirar as tatuagens causando serias lesões na pele como pode ser visto na imagem 32, em que o recluso fez uma raspagem no antebraço direito. O entrevistado chegou a afirmar: “*alguns preferem enfrentar a dor e as marca deixada pelas brasas, ao ter que ser reconhecido e taxado de malandro (...)sabe que errou, mas já pagou por isso*”.



Imagem 32: O *branding* como forma de esquecimento

Foto: Aleksandro Malaquias, 2009. Acervo pessoal.

1.3.2 As quelóides: do ornamento ao excesso no desenho corporal gráfico

Outra técnica do desenho gráfico no corpo como forma de tatuagem permanente são as quelóides – chamadas de cicatrizes hipertróficas. Para melhor ser entendida, a quelóide é um caso especial de cicatriz: são lesões fibroelásticas, avermelhadas, escuras, rosadas e às vezes, brilhantes, com formato de corcova. As quelóides foram descobertas por cirurgiões egípcios em 1700 aC. Baron Jean Louis Alibert identificou o quelóide como uma entidade em 1806 e o chamou de *cancróide*. Posteriormente, ele modificou o nome para quelóide, com o fim de evitar a conotação cancerígena. A palavra é derivada do grego *chele*, que significa garra de carangueijo e o sufixo *-oide*, ou forma de. Sua clínica no Hospital Saint Louis foi durante muitos anos o centro mundial da dermatologia.

Em pleno século XXI, na região do Sudão, especificamente na Núbia, podem-se ver de forma intencional mulheres com quelóides faciais como forma de decoração. Cortes feitos na pele semelhantes à escarificações, ao cicatrizarem assemelham-se a uma quelóide, marcando, documentando e registrando fases importantes na vida destas mulheres. Já a ausência delas indica o seu status social mais baixo uma vez que muitas não dispõem de recursos para contratar o serviço. Com o passar do tempo e de acordo

com as incisões feitas, a pele vai ganhando volume e realçando os cortes que ficam parecidos com uma renda¹⁷.

Os Nuer, povos que vivem nas regiões centro-meridionais do Sudão, em ambas as margens do rio Nilo Branco, ao sul da confluência deste rio com os rios *Sobat* e *Bahr el-Ghazal*, utilizam tatuagens em forma de quelóides na região frontal, e sobre o lábio e sobrancelhas¹⁸, como visto na imagem 33, em que um jovem expressa em sua face a técnica da quelóide ornamental.



Imagem 33: Quelóides faciais
Fonte: www.google.com.br/images

¹⁷ www2.uol.com.br/.../txt_bodymodification.htm

¹⁸ www.historia.ufc.br

Como parte do ritual, os nativos da Papua-Nova Guiné realizam incisões na pele e inserem barro ou cinza nas lesões de forma a que estas desenvolvam tumefacções permanentes. Este ritual doloroso torna-os membros respeitados da sua comunidade tribal, sendo honrados pela sua coragem e resistência¹⁹.

No presidiário, foi observado como uma forma comum as quelóides não como ornamento, mas causadas pelas excesso da perfuração da pele, a exemplo das tatuagens em alto relevo após o uso inadequado dos arranhados e máquinas improvisadas, produzidas no interior do presídio, como exemplo da imagem 34 onde o recluso “Falcao” adeptos dos arranhados que gerou feridas serias deformando a tatuagem feita no braço esquerdo acabando por se tornar uma forma de quelóide.



Imagem 34: Quelóides em presidiário
“Falcão” – Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal.

¹⁹ www.historia.ufc.br

1.4 A HISTÓRIA CONTADA ATRAVÉS DA TATUAGEM

Ao buscar os meios de comunicação, encontramos ao longo da história vários relatos relacionados à maneira como, em forma de marcas de uma identidade, as sociedades influenciaram, seja por questões religiosas, estéticas ou culturais, dentre outras, a modificação de alguma forma o corpo de seus membros, especializando-se na manifestação do melhoramento e, finalmente, na definição do corpo. Esta pesquisa compreende que este corpo que recebe intervenções, seja por status ou por modismo, movimenta-se, relaciona-se com o mundo e ocupa espaço na sociedade através das manifestações artísticas ou estéticas.

1.4.1 Povos antigos

Encontrado em sepulturas na região de Pazyryk, ao sul da Sibéria, o primeiro corpo, preservado e ornamentado em objetos e jóias, o qual foi descoberto em 1948 (imagem 35), datado de 2500 anos, permaneceu no gelo todo esse tempo. Suas tatuagens foram reproduzidas por pesquisadores da Dinamarca e, segundo eles, demonstravam o status de chefe de tribo em seus desenhos. A prática considerada de origem esquimó pode ter sido, eventualmente absorvida pelos vikings na Escandinávia, uma vez que entre muitos achados da época estão facas, utensílios para raspar a pele, agulhas e furadores, sugerindo um verdadeiro "*kit tatuagem*" da Idade do Bronze.²⁰

²⁰ www.sap.sp.gov.br



Imagem 35: O 1º corpo mumificado apresentado tatuagens e ornamentado com jóias.

Fonte: www.acemprol.com

Os primeiros registros de pigmentação com tintas sob a pele remetem há pelo menos cinco mil anos. Segundo Berger (2007,p.16), é dessa idade a múmia congelada do caçador da Idade do Bronze encontrada em 1991, entre a Itália e a Áustria, que se acredita ser o mais antigo corpo tatuado do mundo, o “otzi” ou "glacierman" (imagem 36). Ele tinha 57 tatuagens, algumas das quais eram localizadas em (ou perto de) pontos que coincidem com os atuais pontos de acupuntura, que podem ter sido feitas para tratar os sintomas das doenças de que otzi parece ter sofrido como parasitas digestivos e artrose. Alguns cientistas acreditam que esses pontos indicam uma primitiva forma de acupuntura.



Imagem 36: “otzi” ou "glacierman"
Fonte: www.acemprol.com

A evidência mais adiantada de tatuagem no Japão é encontrada no formulário das desenhos em argila que tem as caras pintadas ou gravadas para representar marcas de tatuagem. Os mais velhos deste tipo foram recuperados dos túmulos e datam de 5.000 a.C. ou mais, e muitos outros desenhos foram encontrados nos túmulos que datam dos 2.000 aos 3.000 aC. Estes desenhos serviram como descanso para os indivíduos vivos que acompanharam simbolicamente os mortos em sua viagem ao desconhecido, e acredita-se que a tatuagem teve significado religioso ou mágico.

No Egito, foram encontradas múmias no vale do Rio Nilo com tatuagens que serviam para marcar os prisioneiros para que não fugissem. Historiadores falam de múmias egípcias do sexo feminino, como a de Amunet, que teriam vivido entre 2160 e 1994 a.C., e que apresentam traços e pontos inscritos na região abdominal - indício de que a tatuagem, no Egito Antigo, poderia ter relação com cultos à fertilidade²¹.

Os gregos se destacaram por valorizarem a perfeição e a estética que davam ao corpo, assim como as habilidades físicas para a guerra, a ginástica, os jogos e a dança. “Se ao nascer, uma criança não pudesse corresponder aos ideais atléticos e estéticos, ela seria sumariamente eliminada ou marcada com sinais corporais que a condenavam para o resto da vida” (BIANCHETTI,1998, p.29).

²¹ <http://www.brasilecola.com/curiosidades/tatuagem.htm>

De acordo com Marques (1997,p.12), os Maias praticavam o culto aos deuses de pedra, e gravavam as imagens das divindades na própria pele. Os Celtas - um povo tribal que atravessava a Europa ocidental em tempos por volta de 1.200 a 700 a.C., chegando às ilhas britânicas em torno de 400 a.C., cuja cultura estava repleta de arte no corpo, influenciou muito a tatuagem na atualidade. O desenho corporal permanente do corpo era feita com tinta azul, normalmente com desenhos em espirais. *Knotwork* é provavelmente a forma mais reconhecida de arte celta, com linhas que fazem tranças complexas que, em seguida, se encontram. Elas simbolizam a ligação de toda a vida, passo-a-passo. Estes projetos são a forma simbólica dos diversos caminhos que a jornada da vida pode tomar.

Mello (2000, p. 02) relata que os bretões, povo bárbaro que habitava a região da atual Grã-Bretanha, pintavam o rosto com várias cores para intimidar invasores. No Império Romano, os escravos eram tatuados. Os gregos aprenderam a tatuagem com os persas. Os romanos adotaram as tatuagens dos gregos. Escritores romanos como Virgílio, Sêneca e Galeno informaram que muitos escravos e criminosos eram tatuados. Uma inscrição de Éfeso indica que, durante o início do Império Romano, todos os escravos exportados da Ásia foram tatuados com as palavras “imposto pago”. Gregos e romanos também a utilizavam como uma punição. No início do séc. IV, quando Constantino se tornou imperador romano, anulando a proibição do cristianismo, ele também proibiu a tatuagem no rosto, que era comum a condenados, soldados e gladiadores, porque ele acreditava que o rosto humano era a representação da imagem de Deus, não devendo ser contaminado ou desfigurado.

O papa Adriano, no ano de 787 d.C., banuiu as tatuagens, apesar de esta arte continuar a ser praticada pelos britânicos até à invasão normanda de 1066. Até ao séc. XVI, as tatuagens desapareceram da cultura ocidental. Durante este período de inexistência no Ocidente, os japoneses foram aperfeiçoando as suas técnicas e a tatuagem deixou de servir para tatuar criminosos e evoluiu para uma forma mais estética²².

Almeida (2002, p.127) mostra que no Antigo Testamento, o uso da tatuagem era uma prática do povo pagão como uma forma de adoração a imagens de escultura. Em uma passagem bíblica lê-se: “Não fareis nenhum corte em sua carne para os mortos,

²² www.universal.pt/main

nem imprimir qualquer marca em sua pele”. Esta passagem tem sido citada com autoridade bíblica par apoiar a Igreja em sua posição. No entanto, estudiosos afirma que Moisés era tatuado, como forma de comemorar a libertação dos judeus do Egito, fato que gera controvérsia. A professora e educadora religiosa que nesta pesquisa chama-se “Cristã”, afirma que: “ *Moisés poderia a ter seu corpo tatuado por ter sido criado no berço egípcio, porém, abandonou as prática egípcias e retornou as suas origens hebraicas, a qual repudiava a prática da tatuagem*”.

1.4.2 A partir da era cristã

O registro primeiramente escrito de tatuagem japonesa é encontrado em um documento da dinastia chinesa compilado em 297d.C. De acordo com este texto, os homens “japoneses novos e velhos, todos tatuam suas caras e decoram seus corpos com projetos”.²³

No Japão, as tatuagens chegaram por meio dos coreanos e chineses em Edo (Tóquio). Os primeiros indícios de tatuagem no Japão foram encontrados na forma de figuras de barro com rostos pintados ou gravados, representando as tatuagem usadas pelo povo japonês. O primeiro registro escrito de tatuagens no Japão é encontrado em uma história da dinastia chinesa compilado em 297 d.C. Os japoneses estavam interessados na arte, principalmente por sua decoração e atributos, em oposição à magia. Os Horis – os japoneses tatuadores – formam mestres incontestáveis: seu uso de cores, perspectiva e os projetos criativos deram à prática um novo ângulo (imagens 37 e 38)²⁴.

²³ www2.uol.com.br

²⁴ www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial



Imagens 37 e 38: Tatuagens japonesas - cores e perspectivas
Fonte: www.google.com.br/images

Após o século VI, a tatuagem foi usada para identificar criminosos e exilados. Os exilados eram tatuados nos braços: uma cruz pode ser tatuada no antebraço na parte interna (imagem 39), ou uma linha reta na parte externa do antebraço, ou na parte superior do braço. Os criminosos eram marcados com uma variedade de símbolos que designam os lugares onde os crimes foram cometidos. Em uma região, o pictograma para "o cão" estava tatuado na testa dos criminosos. Outra marca incluiu testes padrões, como barras (imagem 40), linhas duplas, e círculos na face e nos braços. A tatuagem era reservada para aqueles que tinham cometido crimes sérios, e os indivíduos que carregavam marcas de tatuagem eram renegados por suas famílias e lhes era negada toda participação na vida da comunidade²⁵.

²⁵ www.betotattoo.com/t_japao.htm



Imagens 39 e 40: Tatuagens japonesas: símbolos de criminosos.
Fonte: www.google.com.br/images

Para o japonês, muito preocupado com sua posição na sociedade, ser tatuado era pior do que a morte. Mas com a era Tokugawa, época de intensa repressão, ser criminoso se tornou sinônimo de resistência, popularizando a tatuagem. Os registros históricos indicam que durante o século XVII tatuagem penal foi substituída por outras formas de punição. Uma razão para isto, é que nesse tempo a tatuagem decorativa se tornou popular, e os criminosos cobriram suas tattoos penais com padrões decorativos maiores. Acredita-se que esta seja a origem histórica da associação de tatuagem com crime organizado no Japão.

O Japão desenvolveu a tradicional arte de tatuar o corpo através de um dos mais antigos e dolorosos processos de execução, onde o tatuador usava uma lasca de bambu e com tinta, perfurava a pele até a derme, ou seja, até a segunda camada de pele. Foi nessa época que surgiu os membros da máfia, a Yakuza (imagens 41 e 42) que utilizam a tatuagem como código, tatuando grande parte do corpo como prova de coragem e de fidelidade à gangue²⁶.

²⁶ www.portaltattoo.com/tatuagem/historia



Imagens 41 e 42: Tatuagens da Yakusa – linguagem de afirmação ao grupo
 Fonte: www.google.com.br/imagens

Os povos bárbaros nunca tinham visto uma tatuagem antes, o que ajudou a qualificarem os Maias de "adoradores do diabo" e os massacrarem pelo seu ouro. Esta ignorância dos espanhóis se deve ao fato da Igreja Católica ter proibido a tatuagem em 787 d.C., alegando que a prática estava associada à superstição e ao paganismo. De lá, até o fim da idade média, a tatuagem tornou-se uma prática quase esquecida. Com as grandes navegações e descobrimentos, começaram a chegar notícias de povos que gravavam figuras na pele²⁷.

Na Oceania, os povos da Polinésia, Filipinas, Indonésia e Nova Zelândia²⁸, estes identificados como maoris (imagem 43, sempre utilizaram tatuagens complexas, normalmente relacionadas à religião (SANTOS, 2010).

²⁷ www.portaltattoo.com/tatuagem/historia

²⁸ Charles Darwin, quando escreveu o livro "A Descendência do Homem" em 1871, afirmava que do Pólo Norte à Nova Zelândia não havia aborígine que não se tatuasse. Há uma hipótese de que, nos primórdios, marcas involuntárias adquiridas em guerras, lutas corporais e caças geravam orgulho e reconhecimento ao homem que as possuísse, pois eram expressões naturais de força e vitória.



Imagem 43: Os maoris e os desenhos faciais

Fonte: www.google.com.br/images

Foto: André Almeida.2010

Os povos Maori são muito famosos pelas suas tatuagens, cujo estilo próprio aplica na composição dos desenhos a madeira *carving* e a tatuagem é usada em partes do corpo, destacando-se o rosto – a técnica do *moko*. Com a chegada dos Europeus, em 1700 d.C., chegou também o metal, e os maoris criaram outras composições e estilos da pintura da tatuagem, de forma surpreende, que podem ainda ser vistas em muitos museus em torno do mundo, não apenas nos desenhos ou nas fotos, mas realmente na pele, uma vez que este povo tinha um costume incomum de remover e preservar as cabeças dos seus tatuados chefes após a morte (imagens 44 e 45)..

Estas cabeças permaneciam com a família e seria uma possessão honrada. Até os Europeus começarem a visitar a Nova Zelândia e a se estabelecerem por lá, as cabeças tinham valor sentimental somente e nenhum valor comercial. Os museus e o desejo dos colecionadores de possuí-las como curiosidade fizeram com que uma demanda grande as pleiteasse. Embora relutante com as cabeças, os maori estavam ansiosos por obter instrumentos de armas de fogo, munição e ferro. Assim, um tráfico vivo se seguiu e a demanda começou a exceder a fonte, e os maori foram ensinados a lutar uns contra os outros nas disputas sobre a terra e as propriedades.

As cabeças destas vítimas da guerra transformaram-se em fonte de comércio. Isto reduziu consideravelmente a população da Nova Zelândia ao estocar os museus da Europa com os espécimes da *moko* - cultura bárbara. Entretanto, para uma empresa comercial, este tráfico não tinha lucro também. A primeira cabeça seca foi adquirida por um europeu em 20 de janeiro de 1770, e trazida pelo Sr Joseph Banks, que era um naturalista da expedição do capitão Cook, e era um dos quatro trazidos na placa para a inspeção. Era a cabeça de uma jovem de 14 ou 15 anos, que foi morta após ter fraturado o crânio. As três outras cabeças não eram para venda, pareciam ter os olhos e havia ornamentos falsos nas orelhas. A primeira cabeça examinada foi em Sidney, existem registros, sendo trazida dos estreitos de Fouveaux, em 1811.



Imagens 44 e 45: Cabeça de guerreiro maori exposta na França desde 1875

Fonte: www.google.com.br/images

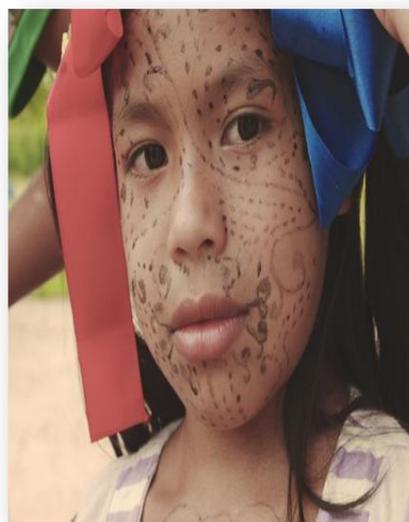
Foto: Reuters / via BBC. 2009.

Os índios Sioux, dos Estados Unidos, consideravam o ato de desenhar o corpo como uma forma mágica de expressão religiosa. Acreditavam que depois da morte o espírito do guerreiro monta um cavalo-fantasma e o leva em sua viagem “a muitos alojamentos” do além-vida. Ao longo do trajeto, o espírito do guerreiro encontra-se com uma mulher velha que obstrui seu trajeto e exige ver suas tatuagens. Se não tiver nenhuma, manda o espírito de volta ao mundo da vida como um fantasma errante²⁹.

²⁹ www.biologia.ufrj.br/.../enterrem_meu_coracao_na_curva_do_rio.pdf

Os Ojibwa, por exemplo, tatuavam o corpo de pessoas que sofrem de dor de cabeça e dor de dente, dores estas atribuídas a espíritos maléficos. A cerimônia de tatuagem era acompanhada pelas canções e pelas danças que supostamente exorcizavam os demônios. Tatuagens foram usadas também para honrar os guerreiros que se tinham distinguido pela bravura no combate.

Os povos indígenas waujás (imagem 46) e kadiwéus (47) utilizavam o desenho corporal definitivo para expressarem rituais de passagem e reverência a alguns elementos da natureza. Os maias, astecas e polinésios desenvolveram os seus estilos únicos de tatuar o corpo.³⁰ Os desenhos dos kadiwéu são geométricos, complexos e revelam um equilíbrio e uma beleza que impressionam o observador.



Imagens 46 e 47: Desenhos waujás e kadiwéu - séculos de tradição.

Fonte: www.google.com.br/images

Fotos: Rita Barreto e Caio Vilela

Cortez, explorador espanhol, e seus conquistadores chegaram à costa de México em 1.519, e ficaram horrorizados ao descobrirem que figuras demoníacas eram adoradas pelos nativos não somente na forma de estátuas, mas tinham imagens destes ídolos "impressos" em sua pele. Os espanhóis, que nunca haviam visto tatuagem, reconheceram-na como o trabalho de Satan. Os historiadores espanhóis do século XVI relataram as aventuras de Cortez e de seus conquistadores, afirmando que a tatuagem

³⁰ www.jorwiki.usp.br/gdmat09/index.php/Tatuagens:_a_identidade_na_pele

era praticada extensamente pelos nativos da América Central, os quais imprimiam em seus corpos as imagens de seus demônios na cor preta, perfurando a carne e a pele, e fixando nele a figura amaldiçoada.

A arte de tatuar foi reintroduzida no Ocidente pelo navegador e explorador William Dampher. Em 1691, este navegador levou para Londres o príncipe Giolo (imagem 48), um polinésio que exibia várias tatuagens no corpo, que foi motivo de inspiração na década de 60 (imagem 49). O polinésio tatuado mostrou-se um negócio muito rentável, já que os europeus não viam tatuagens há 600 anos. O próximo europeu a tomar contacto com povos indígenas tatuados seria James Cook³¹.



Imagens 48 e 49: As tatuagens do príncipe “Giollo” e de “Omni” - o homem Zebra”
Fonte: www.google.com.br/images

³¹ www.universal.pt/main.

Um dos primeiros registros literários da tatuagem data do ano de 1769 e dá conta de que os nativos usavam espinhas de peixe finíssimas ou ossos de pássaros para perfurarem a pele e injetar um pigmento feito à base de carvão e ferrugem, surgindo também, nessa época, a palavra *tatoo*, versão inglesa do taitiano *tatu*, que significa, “adivinha, desenho na pele”.

Na França do século XVIII, criminosos ganhavam uma pintura na pele e, muitas vezes uma marca com ferro quente. Prostitutas, piratas e marinheiros também se tatuam há séculos como sinal de bravura, e também para demarcar seus grupos sociais. Comum era as prostitutas levarem uma marca de seus cafetões, onde tinha como significado um atestado de propriedade.

Com base nas descobertas de Thomas Edison, Samuel O'Reilly patenteou a primeira máquina de tatuagens elétrica em 1891. Este método transformou a tatuagem numa prática muito mais acessível e mais vulgar, o que afastou as classes altas³².

Algumas das descrições mais interessantes de tatuagem pré-colombiana na América do Norte foram feitas por exploradores e por missionários franceses do século XVII no Canadá oriental. Um exemplo típico é o do francês Gabriel Sagard-Théodat's, entre os hurons, escrito em 1615 ao descrever os atos de coragem daquele povo temido por seus inimigos, tais quais o uso do osso de um pássaro ou de um peixe que afiavam como uma lâmina, e usavam para gravar ou decorar seus corpos fazendo muitas perfurações. Cita ainda o processo de tatuar que exige coragem e paciência, num ritual certamente doloroso em que, subsequentemente, friccionam um pó preto nos cortes a fim de que as figuras gravadas permaneçam para toda a vida³³.

No século XVII, a prática da tatuagem é percebida entre os peregrinos que retornam de Jerusalém através de referências encontradas em escritos de missionários Jesuítas do século, cujos relatórios foram enviados a Paris anualmente e compilados.

As missões jesuíticas se espalharam por todo o Canadá oriental, e os missionários relataram que o costume de tatuar-se era praticado por quase todas as tribos nativas encontradas. A fim de pintar marcas permanentes, submetiam-se à dor intensa com uso de agulhas, furadores afiados, ou espinhos, perfuravam a pele e desenhavam imagens de animais ou monstros, a exemplo de tatuagens que podem ser

³² www.portaltattoo.com/tatuagem

³³ www.visionvox.com.br/biblioteca/c/casa-grande-e-senzala.txt

vistas em sujeitos na atualidade como a águia³⁴ (imagem 50), a serpente (imagem 51), o dragão ou outra imagem de que gostavam, gravando em seu rosto, pescoço, tórax ou em outras partes de seus corpos. Então, enquanto as perfurações que davam forma aos desenhos sangravam, friccionavam carvão de lenha ou algum outro material de cor preta com o sangue e colocam na ferida. A imagem permanece então na pele.



Imagens 50 e 51: As diversidade de linguagem
Fonte: www.google.com.br/images

Quando esta operação era executada sobre o corpo inteiro era perigoso, especialmente no tempo frio, pois muitos morreram após a operação, como resultado de um tipo de espasmo produzido ou por outras razões. Os nativos morriam assim como mártires vaidosos por causa deste costume. A tatuagem entre as tribos norte-americanas foi associada frequentemente com as práticas religiosas e mágicas, sendo empregada também como um rito simbólico e passagem em cerimônias de puberdade e como uma marca identificatória que permite ao espírito superar obstáculos em sua viagem após a morte. Tal obstáculo poderia ser uma aparição que obstruísse o trajeto do espírito e

³⁴ A mitologia e as lendas antigas associam a águia ao sol e, embora tenha o fogo e a água como os seus elementos naturais, representa luz e poder. A sua associação ao sol tornou a águia num animal sagrado e do mais elevado status, chegando mesmo a ser símbolo do deus grego Zeus.

exigisse ver uma tatuagem específica como evidência do direito do espírito entrar no mundo seguinte³⁵.

Na era Cristã, os primeiros cristãos se reconheciam por uma série de sinais tatuados, como cruzeiros, as letras IHS, peixes e as letras gregas. Mais tarde, a Igreja Católica banuiu a tatuagem da Europa sob o argumento de que era “coisa do demônio”, assim procedendo com a intenção de ocultar antigas culturas e costumes, e introduzindo a sua doutrina de uma forma quase ditatorial. No século XIX, a Inglaterra adotou a tatuagem como uma forma de identificação de criminosos em 1879; a partir daí, a tatuagem passou a ser mais intensamente relacionada a significados negativos para o imaginário coletivo do Ocidente. Em pleno século XIX, não se tinha nenhum levantamento sobre *tattooing* nativo norte-americano. Em quando em 1909, o antropólogo americano A.T. Sinclair examinou a literatura e observou com desânimo que uma das grandes dificuldades em tratar esse assunto era a inexistência que os detalhes da prática, apesar de ser comum³⁶.

Na América, muitas tribos indígenas tatuavam habitualmente o corpo e o rosto, sendo que a técnica mais empregada era a simples arranhadura. Outras tribos da Califórnia introduziam cor nos arranhões, enquanto grupos das regiões árticas, como alguns esquimós, e povos da Sibéria faziam perfurações subcutâneas com agulha, através das quais passavam um fio revestido de pigmento, geralmente fuligem. No século XIX, ex-presidiários americanos e desertores do exército britânico eram identificados por tatuagens e, mais tarde, os internados em prisões siberianas e em campos de concentração nazistas foram também marcados assim³⁷.

Na África, onde as pessoas têm a pele escura, é difícil fazer tatuagens coloridas como as conhecemos. Sendo assim, inventaram outra técnica – as esscarificações – que não são propriamente tatuagens, mas têm relação com elas. Para fazê-las levanta-se a pele um pouco e faz-se um corte com uma faca ou alguma coisa afiada. Areia ou cinzas especiais são esfregadas para fazer com que as cicatrizes levantadas continuem no padrão do corpo, mas que possa ser sentida como no Braille. Esses padrões muitas vezes seguem as tradições locais.³⁸

³⁵ ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp.../anaisdoIVcongresso.pdf

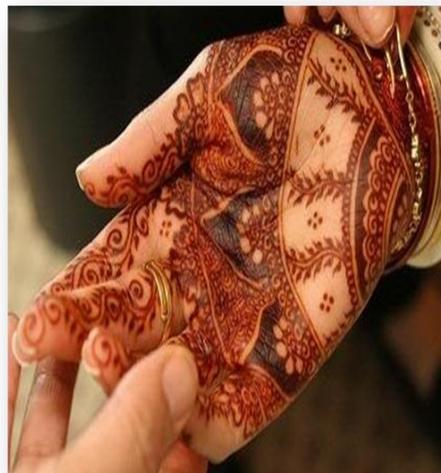
³⁶ www.tatuagem.org/bra

³⁷ www.unioeste.br/

³⁸ http://www.tribalize.com.br/portal/index.php?Itemid=24&option=com_zoo&view=item&category_id=1&item_id=134

Baseado em informações coletadas na Biblioteca Universal³⁹, em Bornéu, uma ilha do Pacífico, mulheres ostentavam nos braços um símbolo que traduzia as suas qualidades específicas, como forma de sedução na tarefa de encontrar um marido. Em volta do pulso ou dos dedos serviam para afastar enfermidades.

A pesquisa leva ainda à crença de que certas culturas, acreditam que o espírito de determinada imagem era invocado pela sua tatuagem. Por exemplo, a tatuagem do leão que para representava o caráter selvagem, e na atualidade muito usado como sinal de bravura conforme imagem 52. As tatuagens também representavam a pertença a um clã ou a uma sociedade. Na Ásia ocidental, o povo Ainu (imagem 53) usava tatuagens para revelar o *status* social. Os holandeses, saxões e nórdicos eram muitas vezes tatuados com a cota de armas da sua família.



Imagens 52 e 53: A tatuagem em uma culturas, símbolo de caráter selvagem ou bravura e na outras, *status* social

Fonte: www.google.com.br/images

Segundo Berger (2007,p.18), em presídios do mundo inteiro, os próprios detentos se tatuam para diferenciar a facção à qual pertencem. O desenho do punhal cravado num coração significa "assassino". É comum também os presos marcarem o número de identificação do crime que cometeram (o número 288, por exemplo, é o artigo referente ao crime de formação de quadrilha no Código Penal Brasileiro). Antigamente, era a própria polícia que os tatuava. Na Inglaterra, cravavam-se as iniciais

³⁹ <http://www.universal.pt>

"BC" – *bad character*, mau caráter em inglês – na pele dos condenados. "Ao longo do tempo, a tatuagem acabou virando a marca de pessoas marginais, diferentes do resto da sociedade".

A busca de conhecimento das formas de uso do corpo e a realização de atividades corporais se deu devido ao aumento da expectativa de vida, das novas formas de locomoção e comunicação, as quais padronizam conceitos de beleza, possibilitando a diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo.

Berger (2007,p.19) vê entre o final do século XX e início do século XXI a superexposição de modelos corporais nos meios de comunicação, o que contribuiu, fundamentalmente, para a divulgação de uma ótica corpórea estereotipada e determinada pelas relações de mercado. A mídia contemporânea vincula somente corpos que se encaixam em um padrão estético “aceitável”, mediado pelos interesses da indústria de consumo. Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza em todos os formatos de mídia, num jogo de sedução e imagens. Trata-se de vincular à representação da beleza estética ideais de saúde, magreza e “atitude”, configurando-se como objeto de desejo um corpo bonito, jovem, “malhado”, com ideias de vencedor e rodeado pelo consumo. Esse conjunto de fatores acabou por criar no imaginário social uma associação entre “corpo ideal” e sucesso.

Entende-se, assim, que a industrialização, na metade do século XX, e os meios de comunicação foram os grandes incentivadores do surgimento da comunicação de massa, possibilitando uma nova forma de reprodução do corpo em série, através da fotografia, do cinema, da televisão, da internet e principalmente da tatuagem.

Cruz (1996,p.22), baseado no relato do etnólogo alemão Herbert Baldus, que perambulou pelo Brasil Central entre 1935 e 1947 na aldeia Tapirapé, região do rio Araguaia, relata que as meninas que menstruam pela primeira vez antes da época das chuvas estão prontas para ganhar marcas no rosto, e sabem que vai doer. Mas todas respeitam o homem que sabe usar o voamé, uma varinha de madeira com dentes de paca na ponta. Depois de mergulhar o instrumento em resina vegetal, que serve de anti-séptico, o índio faz profundas feridas nas faces e queixos das moças. Depois, esfrega os

machucados com folhas de uma planta azul chamada kaauna, espremidas numa casca de tartaruga cheia de água, para dar cor à kahova — ou tatuagem em bom português.⁴⁰

Assim a história contada através da tatuagem revela uma ligação entre os povos de diferentes épocas, atestando sua permanência quase confundida com a história do homem.

1.4.3 A tatuagem definitiva no Brasil

No contexto da história da tatuagem no Brasil percebem-se as transformações ocorridas através dos séculos, tendo passados por períodos de oscilações no que tange a aceitação da tatuagem que era considerada marginalizada e restrita a prostitutas e marinheiros. Com o trabalho de tatuadores que alcançou a classe média tatuando muitos jovens que exibiam suas tatuagens, principalmente na praia, a tatuagem tornou-se popular.

A partir daí, a tatuagem definitiva tomou proporções cada vez maiores, elevando-se a *status* internacional através de uma história de tatuadores que com criatividade e determinação divulgam em convenções e eventos pelo Brasil e o mundo a arte do desenho gráfico corporal.

A tatuagem, até os anos 70, era relacionada à criminalidade, popularizando-se a partir de então. No entanto, como defende Toffolli (2005,p.2), apesar de tantos altos e baixos na história da civilização, algo permanece igual: “*O papel social da tatuagem é documental, equivale a um RG*”.

No Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, ao circular pela rua da Alfândega, era comum ver os negros seminus na rua, com suas tatuagens, que serviam de reconhecimento de suas nações.⁴¹

As pessoas muito tatuadas, outrora bastante admiradas, passaram a aparecer em circos e espetáculos de aberrações, fazendo com que, no início do séc. XX, a tatuagem deixasse de ser bem vista e fosse considerada uma prática socialmente inaceitável, passando à clandestinidade. O retorno de sua popularidade se deu mais tarde, com tatuadores que passaram a serem considerados artistas, por combinarem a arte tradicional com o

⁴⁰ Revista superinteressante, edição 109-OUT 96.

⁴¹ <http://www.revistadehistoria.com.br>

próprio estilo⁴². O Brasil teve um enorme potencial de crescimento nessa área e a reputação de nossos tatuadores no exterior impulsiona um esforço de todos aqueles que se interessam pela arte da tatuagem.

Em fins do século XX, e início do XXI, a tatuagem tornou-se um símbolo de memória individual, fixando-se como marca que traz informações sobre o seu portador e fazendo com que as inscrições no corpo, nessa sociedade atual, adquiram o *status* de documento para quem a possui, o qual “celebra” um estado, um momento, uma passagem, uma conquista ou ainda, como no caso dos reclusos, uma espécie de senha que os permite transitar e participar de determinados grupos, identificando-os em determinadas atitudes.

Rodrigues (2003, p.2) ao entrevistar Lister Bóris, o tatuador mais antigo ainda em exercício no país, procura saber um pouco mais sobre o início da tatuagem no Brasil. De origem chilena, Lister Boris nasceu em 1946, em Valparaiso, filho de índio araucano e mãe judia de origem europeia. Viajou por toda a América, tatuando e aprendendo tudo o que podia e que havia disponível sobre a tatuagem. Aportou no Brasil, fixando-se como tatuador como o mesmo relata: *"Foi na década de 70, trabalhava então em uma companhia marinha em que era tripulante, baixei em Santos e me encaminhei ao Lucky pra dizer que queria trabalhar como tatuador aqui."*

Lucky foi o primeiro tatuador a se fixar em terras brasileiras. Desembarcou em 1959 na cidade de Santos, apresentando-se às autoridades como desenhista e pintor. O dinamarquês Knud Harald Lykke Gregersen, mais conhecido como Lucky Tattoo, ficou conhecido pelo seu diferencial em tatuar, pois empregava o método de tatuagem com máquina própria e desenhos de catálogo até então inexistentes e desconhecidos pelos brasileiros, assim nascia também a era da tatuagem elétrica. Vários artistas se tatuaram com Lucky, tornando-o referência na área, mas a grande popularização da tatuagem inflamou-se na década de 80. (RODRIGUES 2003)

Os trabalhos com tatuagem feitos por Boris e Lucky quebraram tabus no Brasil: ao chegarem à classe média, tatuavam muitos jovens que exibiam suas tatuagens, principalmente na praia, tornando-se muito popular, permite que a tatuagem deixasse de ser uma arte vista como marginalizada, associada apenas aos marinheiros e prostitutas. Bóris ressalva: "Desde 83 que Lucky já não está mais entre nós. Morreu aos 55 anos e

⁴² <http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-da-tatuagem.htm>

não deixou suas marcas apenas na pele das pessoas. Além disto, deixou um legado a ser continuado, um registro eterno na história da tatuagem brasileira e mundial" (idem, p.3).

Outros tatuadores difundiram a tatuagem pelo Brasil, a exemplo de Luiz Segato, que em São Paulo deu início ao *Led`s Tattoo Studio*, um dos mais conceituados estúdios de Tatuagem do Brasil e, atualmente, o mais antigo. Após ter feito vários cursos de pintura em telas, ter se aprimorado em desenho artístico e iniciado com seu pequeno estúdio no *Brooklyn*, se destacou-se por receber os melhores tatuadores do mundo em algumas temporadas para demonstrar seus trabalhos, elevando a técnica brasileira de tatuar a nível internacional.

Entre os tatuadores que atuaram na cidade de São Paulo, destaca-se Carlos Sonsini Brasileiro, vindo dos Estados Unidos, onde passou grande temporada estudando. Fez por lá vários cursos de tatuagem, e se tornou grande profissional nesta arte, tatuando ilustres artistas e, inclusive, fazendo parte de um capítulo de novela o qual simulava uma tatuagem na atriz Fernanda Montenegro da Rede Globo de Televisão.

Outro ícone é Inácio da Glória, considerado no mundo da arte tattoo como um desbravador desta arte corporal. Segundo Costa (2003, p.12-3), “o tatuador Inácio da Glória deu início a sua carreira em Santos e, em 1976, foi o primeiro tatuador a desbravar os horizontes do Planalto Central. Costa faz uma ressalva: “Por dez anos o seu estúdio foi único da capital federal, em plena época de ditadura no país, onde a profissão só existia no circuito Rio - São Paulo”.

Na Bahia, em Salvador, a referência é Luís Carlos Carvalho, conhecido como “Bingha”: é o mais famoso tatuador da Bahia que circula pelo mundo mostrando a criatividade do sangue baiano conforme, transcrição de entrevista à repórter Milena Miranda do portal *ibahia.com*⁴³: “*viajo pra fora do Brasil e participo de eventos e congressos que discutem a tatuagem.[...]Já tatuei vários famosos como Luana Piovani, Popó, Astrid Fontenele, Caetano Veloso, Scheila Carvalho e atletas da seleção brasileira de vôlei*”.

A tatuagem no Brasil afirmou-se através da diferença visual, pois, onde como afirma Inácio da Glória (apud, COSTA 2003, p.14), “permite ao homem manter-se livre

⁴³ <http://ibahia.globo.com/entrevistas/artigos/>

de dogmas com a mente aberta ao novo e lutando para ver cada vez mais a arte da tatuagem inserida na sociedade livre de preconceitos e estigmas”.

Assim, seja pelo papel histórico dos tatuadores ou mesmo pela circulação de informação pela televisão e demais meios de comunicação como a internet, a tatuagem vem atingindo todas as camadas da população brasileira sem distinções, motivando esta arte a ser uma obra de arte viva e temporal, tanto quanto a vida.

CAPÍTULO 2:

O CORPO TATUADO:
CORPO, MARCAS E MEMÓRIAS

Neste capítulo, revelam-se algumas concepções de corpo, através de alguns autores que dissertam sobre o assunto. Abordo o corpo objeto como instrumento de consumo, onde “o homem contemporâneo é convidado a construir o corpo” (LE BRETON, 2003, p.30). Porém, nesta pesquisa, destaco o corpo sujeito, por acreditar que ele é livre e autônomo. Portanto, através da tatuagem como desenho corporal gráfico, este corpo se expressa por vezes como uma manifestação cultural, outras como memórias, que em algumas situações são estigmatizadas. Para Heilborn (1997, p. 34), “o corpo não é uma entidade natural apenas e sim uma dimensão produzida pelos efeitos da cultura”. Assim, entendo que este corpo se torna sujeito que expressa e demonstra uma identidade pessoal, um meio de comunicação que, através de símbolos ligados à linguagem, dentre eles a tatuagem, permite a comunicação entre os sujeitos.

2.1 O CORPO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

Para entender a importância de se conhecerem as motivações de um corpo tatuado, foi preciso buscar o conceito de corpo para os estudiosos que abordam o assunto. Russo e Toledo (2006, p.7) mostram que “cada cultura constrói sua imagem de corpo e essas imagens se instituem como maneiras próprias de ver e de viver o corpo”.

No sentido inverso, Braunstein e Pépin (1999, p.56) afirmam que “o corpo na sua subjetividade, está sempre produzindo sentidos que representam sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico”. Tentando minimizar este paradoxo, Le Breton (2003, p.10) mostra que o corpo é “imperfeito, um rascunho a ser corrigido”; logo, revestido de complexidade e em nuances de significados diversos, conforme verificado a seguir e, mais adiante no quadro resumo.

2.1.1 Quadro conceitual: os significados do corpo

Fazendo uma análise dos conceitos de corpo apresentados por Le Breton, encontra-se a ideia de **corpo peneira**, que, com o uso instrumentos cirúrgicos como o bisturi, o autor aborda que “o corpo exaltado não é o corpo com o qual vivemos, mas um corpo retificado, redefinido, o corpo costurado, coberto aos mil pedaços remendados” (p.10). O **corpo acessório** é uma concepção que faz uma apologia ao

corpo, “transformando-o em mercadoria” (p.10). Já o **corpo parceiro** “torna-se o local geométrico da reconquista de si, território a ser explorado à espera de sensações inéditas a experimentar (terapias corporais, massagens, etc.)” (p.53).

Assim, Le Breton, ao propor uma análise do corpo em suas múltiplas dimensões, imerge o leitor plenamente num universo onde, segundo o sociólogo, filósofo e psicanalista Daniel Lins, autor do prefácio do livro *Adeus ao Corpo*, “o corpo é uma espécie de escrita viva (...) o próprio corpo traça os caminhos”.

SIGNIFICADOS DO CORPO	DEFINIÇÃO	MEU ENTENDIMENTO
Corpo Peneira	“corpo trespassado pelas flechas (bisturi) pelas seringas, o sujeito corpo descartável paga o preço de sua beleza” Le Breton (2003, p.10)	Um corpo transformado, onde se retira o que não se aceita, para reter o que satisfaz.
Corpo Acessório	“uma prótese, marcado por uma subjetividade lixo, uma bula, um kit” Le Breton (2003, p.10)	O uso temporário do corpo baseado nas tendências do momento, em que num determinado instante o resultado traz realizações e posteriormente já não satisfaz.
Corpo Parceiro	“(…) deixa de ser máquina inerte e torna-se um <i>alter ego</i> de onde emanam sensação e sedução”. Le Breton (2003, p. 52-3)	O corpo torna-se adversário do excesso, exercendo domínio sobre si.

Quadro conceitual 01: Significados do corpo⁴⁴

O corpo como objeto de beleza física ganha importância histórica a partir do final da Idade Média, com a Renascença, período em que o método científico passa a guiar as ações humanas como única forma de conhecimento. As atividades físicas eram prescritas por um sistema de regras rígidas, visando à saúde corpórea. Desta forma, “esse corpo que agora está sob um olhar cientificista, objeto de estudos e experiências, tem como preceitos básicos a disciplina e o controle”. (GOMBRICH, 1999, p.23)

⁴⁴ Este quadro foi criado por mim como suporte didático para melhor sintetizar os conceitos de corpo apresentados pelo antropólogo francês David Le Breton, professor da Universidade Marc Bloch de Estrasburgo, no livro “Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade.” (2003).

Com a possibilidade da redescoberta do corpo, Siebert (1995, p.32) apresenta o corpo nu com foco no Renascimento, que se baseava na liberdade do ser humano, e o trabalho artesão e a realização terrena passam a ser valorizados, juntamente com o pensamento científico e o estudo deste corpo tão valorizado por pintores como Michelangelo e Da Vinci. Pode-se perceber a idealização da serenidade na escultura do Davi, de Michelangelo na imagem 54. Nos dias atuais, essa valorização é também vista como uma expressão da beleza em obras a partir do mármore, granito, bronze e madeiras nobres, com especial realce às formas mais voluptuosas da mulher, no olhar do fotógrafo e escultor francês Dominique Regnier na imagem 55.



Imagens 54 e 55: Serenidade no David de Michelangelo e beleza na formas voluptuosas da mulher em mármore de Dominique Regnier
Fonte: www.google.com.br/imagens

O corpo como objeto de exploração capitalista foi, no século XVII, causa de mudanças nas relações trabalhistas, reduzindo o trabalho à simples ação fisiológica, desprovida de criatividade (GONÇALVES, 1994, p.23). Assim, analiso que o corpo era visto como objeto que assumiu o valor de mercadoria, perdendo a importância qualitativa, e sendo visto pela quantidade da produção. Essa relação se mostrou ainda mais óbvia com o início da revolução industrial: a divisão técnica do trabalho acabou por cancelar o vínculo afetivo entre operário e produto.

Russo e Toledo (2006, p.10) abordam o século XVIII, chamado de Século das Luzes, cujos ideais iluministas acabaram por acentuar a depreciação do corpo, dissociando-o da alma. O pensamento iluminista negou a vivência sensorial corpórea, atribuindo ao corpo um plano inferior. As necessidades de manipulação e domínio do corpo, paralelamente, concorreram para a delimitação do homem como ser moldável e passível de exploração.

A visão do corpo unissexuado apresentado por Nicholson (2000, p.12), ou seja, o modelo de sexo único: homens e mulheres eram considerados da mesma natureza biológica, no período que persistiu desde a Grécia até o século XVIII, quando o corpo feminino passa a ser visto como inferior ao corpo masculino, sendo que a diferença residia no grau de calor do corpo: quanto mais quente, mais perfeito. Por serem possuidores de maior calor vital, os órgãos sexuais masculinos eram mais desenvolvidos que os femininos. Essa frieza relativa do corpo da mulher impedia que seus genitais fossem exteriorizados: assim, vagina e colo do útero não eram considerados algo distinto do pênis, mas, constituíam juntos uma versão do pênis menos desenvolvida.

Nicholson (2000, p.14), fala em outro modelo de diferenciação sexual no século XVIII: “o modelo dos dois sexos, ou seja, a visão bissexuada do corpo e a redefinição da natureza feminina”. O corpo da mulher torna-se uma criatura totalmente diferente do masculino, introduz-se a questão binária e esses fatos levam ao aparecimento da identidade sexual, o que ocasiona o aparecimento da identidade de gênero (mulher/homem) nas convenções sociais, políticas, culturais, artísticas. No fim do século XVIII e início do século XIX, a ênfase na liberdade do corpo e o saber passam a ocupar um papel de destaque com a formação de indivíduos ativos e livres, contrariando as práticas mecanicistas.

A educação do corpo na produção industrial e destacada por Nicholson (2000, p.15), onde o capitalismo e sua expansão no século XIX permitem o surgimento das novas tecnologias de produção em massa e o aparecimento do processo de homogeneização de gestos e hábitos estendendo-se entre outras áreas sociais, instaurando-se a padronização dos gestos e movimentos nas manifestações corporais. Segundo o autor, essas novas possibilidades tecnológicas propiciaram à elite burguesa moderna, um incremento de técnicas e práticas sobre o corpo e uma evolução da sociedade industrial e seu desenvolvimento técnico-científico.

Esta desvalorização está evidenciada no filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, que traz uma série de críticas referentes ao tratamento à classe trabalhadora e aos burgueses, donos dos meios de produção que exploravam essa mão-de-obra que era miserável e trabalhava muito para cada vez mais aumentar a produtividade das empresas através de cargas horárias extensas, no compromisso de estarem produzindo mais e mais, mesmo nas condições subumanas em que se encontravam. A luta por melhores salários (que eram baixos), por melhores condições de trabalho (os recintos eram imundos; as máquinas, de manuseio perigoso, etc.) e por uma carga horária menor, sempre foram uma constante, desde os tempos da Revolução Industrial. Mas o corpo da crítica de Chaplin no filme é com relação a essa exploração, que, nas ideias socialistas se traduziria, por exemplo, no caso em que um operário trabalha muito para fabricar um automóvel ou eletrodoméstico, mas com o dinheiro que ele com o suor do seu rosto ganha no mês nem poderá comprar o mesmo.

Como visto na produção capitalista o corpo mostrou-se tanto oprimido, quanto manipulável por uma manifestação de poder que se instalou nas principais instituições sociais. Com a industrialização, emergiu a concepção de corpo-máquina. Nunca o corpo fora tão desvalorizado de si mesmo. Ele existiria para dar conta da produção, através do trabalho repetitivo e fragmentado.

2.2 CORPO OBJETO: O FRUTO DE UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

A sociedade contemporânea é marcada pelo crescimento do volume de cirurgias estéticas, como um ritual de culto ao corpo que o tornando objeto de consumo e alvo de investimentos na busca da imagem ideal.

O corpo como objeto de desejo e de consumo teve como “precursora do ideário a criação de estereótipos publicitários, associando-se produto consumido e um estilo de vida idealizado” (MERENGUÉ, 2002, p.45). Assim, entendo essa lógica mercadológica como um mecanismo que tenta forjar as nossas carências, levando-nos a acreditar na jovialidade eterna e que, aparentemente, pode ser conseguida com tais produtos consumidos ou técnicas estéticas que são infinitamente renováveis em sua aparência, mas que permanecem as mesmas em seu conteúdo.

Ao se falar de corpo objeto, Russo e Toledo (2006, p.11-2) chamam atenção para a concepção do corpo máquina, baseada na teoria de Descartes, que vê o uso deste corpo destinado a produzir bens de consumo, “um instrumento de produção, porém, livre e voluntário, dominando suas reações e controlando suas paixões, submetendo-se às regras da liberdade espiritual”. Em conformidade, Mendes e Nóbrega (2004, p. 125) afirmam:

O corpo humano, ao ser comparado com uma máquina hidráulica, recebe uma educação que o considera apenas em seu aspecto mecânico, sem vontade própria, sem desejos e sem o reconhecimento da intencionalidade do movimento humano, o qual é explicado através da mera reação a estímulos externos, sem qualquer relação com a subjetividade. O pensamento de Descartes, fundado no exercício do controle e no domínio da natureza, influencia a educação através da racionalização das práticas corporais. Ao ter como princípios a utilidade e a eficiência, busca-se a padronização dos corpos (...).

Entendo desta forma que o corpo objeto pode ser visto como uma engrenagem misteriosa conforme ilustração na imagem 56, em que no corpo se apresentam componentes cibernéticos, representado a transformação em máquina. Esta idéia de corpo máquina na visão de René Descartes servindo à mente segundo Mendes e Nóbrega (2004, p. 125) “faz com que o homem perca cada vez mais o si mesmo, esquecendo-se de quem ele é e negando cada vez mais suas raízes, distorcendo sentimentos, emoções e afetos”. Assim, para os autores esta foi uma forma falha de olhar que acabou por certo influenciando a ciência e a forma de contato com o corpo das novas sociedades. Um olhar que se estende até o momento presente.



Imagem 56: O corpo visto como máquina

Fonte: www.google.com.br/imagens

Foto: Marise Jalowitzk

Outra forma de conceber o corpo como objeto é a visão do esportivo que, conforme Gonçalves (1994, p.18), teve a civilização grega como expoente civilizador de sua época instituindo competições esportivas como meio da celebração das qualidades corporais. A presença corporal doutrinava o exercício do poder: o êxito nos torneios esportivos exercia um enorme fascínio social, chegando a determinar o resultado das guerras e disputas territoriais.

Nesta situação, analiso que essas sociedades valorizavam as qualidades corporais como força, destreza e agilidade, não somente em torneios e competições, mas nos âmbitos militar e político. Vencer uma competição significava não somente a compreensão de uma superioridade física, mas muito mais: “o reconhecimento do vencedor como um elemento superior daquela sociedade” (GONÇALVES 1994, p.18).

Em nossa civilização, em contraposição ao modelo grego, as pessoas têm como objetivo a busca desenfreada pela perfeição do corpo, como pude verificar em registro fotográfico e entrevista à jovem “Carla Sampaio”, jovem de 37 anos, adepta da musculação, que exhibe sua *performance* corporal na imagem 57 e declara no blog “Mulheres Tatuadas” o seguinte: “*esculpir o meu corpo, de certa forma, me confere o poder da alta estima*”.

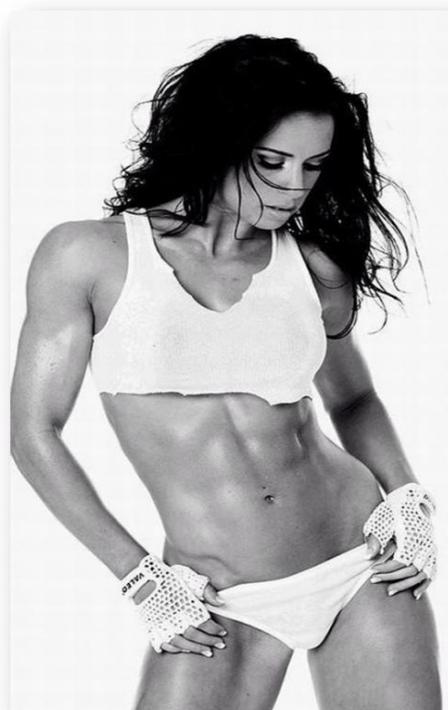


Imagem 57: O corpo esculpido
“Carla Sampaio” - Fisiculturista

Fonte: smokingpot.org/mulheres-musculosa

Em Atenas, o corpo prevalecia no ideal de ser humano belo e bom, mostrando que na Grécia antiga, como elemento de glorificação e de interesse do Estado, o corpo era valorizado pela capacidade atlética. A educação espartana, por sua vez, que recebia o nome técnico de *agogê*, pautava-se principalmente nas atividades corporais em busca do corpo saudável e fértil. Nesse treinamento educacional, eram muito importantes os treinamentos físicos, como salto, corrida, natação, lançamento de disco e dardo. Nos treinamentos de batalha, as meninas se dedicavam ao arco e flecha. Já os meninos eram especialistas em combate corporal, assim como em táticas defensivas e ofensivas. Nas demais cidades gregas, a atividade corporal encontrava-se em torno dos Jogos Olímpicos (SIEBERT, 1995, p.34).

Ao analisar as percepções sobre o corpo revelado através da escultura, Gombrich (1999, p.32) demonstra a preocupação com a mobilidade corporal no início do século III a.C., sob a dominação política do Império Romano. A busca do contraste entre o nu e o vestido, a vida e a morte, a força e a debilidade física marcam um momento de alterações e distinções. O imperador Teodósio - séc. IV, devido às atribuições de um valor pagão ao culto do corpo, que é proveniente dos povos dos períodos que

antecederam o cristianismo, os quais representavam tal devoção marcando seus corpos em atributos aos deuses ocultos, aboliu as Olimpíadas.

A arte romana manteve-se orientada pela expressão do ideal de beleza greco-helenística em se tratando de arte; mas, no que se refere a corpo, para o romano, tinha de ser forte, guerreiro- os grandes gladiadores, que não se valiam da beleza das formas. Para eles, o corpo poderia até ser punido: nos jogos, homens escravos ou presos “disputavam” deslealmente com feras, sendo estraçalhados publicamente, o que levava a platéia ao delírio.

Gombrich (1999, p.34) coloca o homem medieval como um ser de impulsos individuais proibidos pela presença da instituição religiosa que era contra a qualquer manifestação criativa com o uso do corpo, fazendo uma alusão à retomada da concepção dualística do homem, reacendendo a visão do corpo corrupto e pecaminoso, considerado como empecilho ao desenvolvimento da alma.

Gallo (1997, p. 64) explicita que, segundo Descartes, o homem constituía-se de duas substâncias: “uma pensante, a alma, razão de sua existência e a outra material, o corpo”, visto como algo completamente distinto da alma. O dualismo corpo - alma norteava as concepções de corpo da antiguidade clássica, em que o Estado encontrava no corpo sadio uma forma de dominação do indivíduo mediante a prática física.

Assim, vale questionar se este corpo visto como objeto serviria para algum fim. Não seria uma prática vazia, em vão? Uma vez que, segundo Rodrigues (2003, p.12) “no corpo estão escritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica”. O que entendo, portanto, que este corpo reclama, exprime manifestações, pode até ser usado como objeto, mas precisa estar livre para se expressar.

2.3 O CORPO TATUADO: UMA MANIFESTAÇÃO GRÁFICA CULTURAL

O corpo, que por diversos períodos da história foi motivo de flagelação, como cita Lepargneur (1999, p.34), sofreu também diversas formas de domínio, tornando-se tendo assim um corpo dócil. Segundo Russo e Toledo (2006, p.81), na atualidade, são usados instrumentos como a ginástica como ideia de dominação do corpo, modificando

sua forma, uma vez que, através do excesso e da obsessão pelo corpo perfeito sobrecarrega-se e transforma este corpo.

Como entendo o corpo como sujeito, acredito “que o nosso corpo não é uma prisão da alma, mas um fator de libertação do nosso ser” (FILHO, 1994, p.18). O corpo ao ser manifestado graficamente por meio das tatuagens, afirma a expressão da cultura, que por sua vez obtém significados diferentes de uma mesma imagem no corpo. Para a jornalista e autora do livro “Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo”, tendo como exemplo, a imagem 58, onde aparece uma sereia desenhada graficamente no braço direito de um sujeito livre socialmente, se feita em um pescador, pode ser vista entre os integrante de sua comunidade, a mistura de lenda, mito e sincretismo religioso, representando a busca de proteção pelo homem do mar por parte daquela que, travestida de sereia transforma-se em mulher, a rainha do mar, protetora dos navegantes, a Iemanjá, que sai do mar para socorrer seus adeptos. No entanto, de acordo a autora, no mesmo grupo de pescadores, outras tatuagens de sereias podem representar os perigos da navegação, a tentação e a morte, pois, a sereia seduz os navegadores, o arrasta-os para o mar e os devora.

Para Issac Reis, agente penitenciário no estado de Minas Gerais e estudante de design gráfico e apaixonado por informação, comunicação afirma que: “a sereia (imagem 59), mulher tentadora e de canto suave, tatuada nos braços, ombro e peito, indica elemento condenado por crime de abuso sexual (sedução, atentado violento ao pudor). Quando tatuada na perna direita, identifica elementos condenados por crime de estupro”.

Entre os sujeitos livres socialmente a imagem da sereia vai da sensualidade a imitações de desenhos infantis vista na imagem 60.



Imagem 58,59 e 60: A tatuagem como expressão de cultura
Fonte: www.google.com.br/imagens

Scheiner (2006, p.155) analisa acerca disso que homem não pode lidar com o caos, tem medo daquilo que não pode controlar e, por isso, precisa imprimir sentido às coisas, aos fatos e às pessoas para se sentir bem e poder viver: “O corpo humano é um dos espaços primordiais utilizados para a impressão e a narração de sentido: o uso do corpo foi importante, em todos os tempos, como instrumento simbólico e narrativa cultural”.

Quando se fala em cultura, a primeira expressão que aparece é a cultura do povo que existe numa sociedade moderna. Esta cultura popular é determinada em grande parte pelas indústrias que disseminam o material cultural, como cinema,

televisão, e os veículos de divulgação de notícias. Portanto, a tatuagem, como prática cultural permite a incorporação de uma imagem no corpo de seu usuário, reorganizando os vínculos entre as paisagens culturais da sociedade e os sistemas simbólicos apresentados pela mídia.

Como símbolo de cultura mais apreciada no mundo estão as tatuagens dos japoneses da Yakuza, a maior e mais poderosa organização criminal do planeta. Os usos das tatuagens vão desde a prova de inserção no grupo, até o grau que eles ocupam dentro da organização. Os Yakuza criaram um estatuto e um código baseado nas relações de fidelidade entre o padrinho (*oyabun*) e seu protegido (*kobun*): a cerimônia de consagração consiste na troca do copo de saquê e representa a entrada no clã e os laços de sangue. Na imagem 61, a imagem da carpa, peixe que é símbolo da força e da coragem, liberdade, sabedoria, vida eterna, superação de obstáculos, longevidade, transformação, mudança, prosperidade, sucesso, sorte, crescimento espiritual e material, proteção e boas vibrações, e na imagem 62 a tatuagem japonesa *irezumi*, estilo próprio, que significa grandes tatuagens.



Imagens 61 e 62: A tatuagem como linguagem de grupo

Fonte: www.google.com.br/imagens

Outra grande influência nas tatuagens modernas são as histórias em quadrinhos e desenhos animados, chamados “*Comics*”. Experiências vividas na infância e que marcaram toda a vida baseadas na identificação com um personagem de desenhos

animados leva o sujeito a escolher o seu desenho de tatuagem. As imagens 63 e 64 mostram o desenho animado *Looney Tunes* criado por Warner Bros entre 1930 e 1969. Inicialmente, este e outros desenhos foram criados para cinema, mas e hoje estão grafados nos corpos manifestando uma cultura específica. Com os filmes, aumentou ainda mais o número de pessoas que admiram as obras, logicamente inspirando muitos a fazerem homenagens aos seus personagens preferidos em forma de tatuagens assim como visto nas imagens 65 e 66, com os personagens do filme “ET” e “O Senhor dos Anéis”, sucessos de bilheteria da época.



Imagens 63 e 64: A tatuagem influenciada pelos HQ's
Fonte: www.google.com.br/imagens



Imagens 65 e 66: A tatuagem influenciada pelos filmes
Fonte: www.google.com.br/imagens

Assim, a ficção enquanto manifestação da cultura inspira a realidade da gráfica corporal, envolvendo tradições religiosas e místicas, através do desejo do grupo o mesmo de perpetuar no corpo uma fase importante de sua vida. Portanto, os sujeitos expressam em seus corpos tatuados sua forma de cultura.

2.4 TATUAGEM E O CORPO SUJEITO: A AUTONOMIA DO CORPO ATRAVÉS DA TATUAGEM

Retomando em síntese o que foi discutido sobre corpo, destaco que a história das tatuagens mostra como desde as sociedades mais antigas o corpo é usado pelo homem como espaço para representações de histórias, acontecimentos e emoções.

Portanto, o corpo não é algo isolado e estático, é mais do que uma matéria que sustenta a nossa existência. A presença física é atributo necessário à sobrevivência da

raça. Através do corpo, “as relações sociais eram construídas e consolidadas” (GONÇALVES, 1994, p. 18). Isso nos remete a ver o homem primitivo com uma intensa necessidade de participação corporal, manifestada pelo predomínio das variadas formas de linguagens como principal meio de expressão e por sua interação com a natureza. O homem primitivo usava as paredes das cavernas e grutas para expressar sua necessidade da caça, e o corpo poderia ter sido reafirmado como determinante de suas relações sociais. Estes que Izidoro (2009, p.2) chama de irmãos primitivos e que por hipótese eram exímios atletas da sobrevivência e por lógica davam ao corpo importantíssimo valor, pois, o homem era seu corpo; logo, o corpo era o sujeito.

O corpo-sujeito aparece como uma ideia de modernidade, sendo defendida por Merleau-Ponty em meados do século XX, dando um novo sentido ao corpo. O autor não concebe a redução do corpo a interesses econômicos; pelo contrário mostra que o corpo tem seus valores, ideias, sua história e totalidade existencial. Dessa forma o corpo é entendido a partir da experiência vivida, não é coisa nem idéia, mas sim uma expressão criadora.

E oferece a possibilidade de acreditar no visualizar-vendo, no mundo sensível tal como é percebido em nossa vida, no resgate de “nosso” corpo, não como corpo “modelo”, mas no corpo particularizado que expressa, sente, gesticula, que assedia e que é assediado constantemente no mundo (MERLEAU-PONTY, 1997, p.15).

A concepção de corpo em movimento como experiência nos ajuda a compreender os sentidos construídos artificialmente, pelos conceitos, pela linguagem e pela cultura Merleau-Ponty (1994, p.205) que encontra nestas palavras uma forma de criticar as tradicionais análises acerca do corpo, do movimento e da percepção, mostrando que “ser corpo é estar atado a um certo mundo” sintetiza o encontro entre o sujeito e o corpo: “sou meu corpo” (idem, p.208).

Ao assegurar uma concepção de corpo-sujeito, pode-se ver este corpo como uma espécie de escrita viva, na qual as forças imprimem vibrações, ressonâncias e cavam caminhos. O sentido nele se desdobra e nele se perde como num labirinto, onde o próprio corpo traça caminhos.

“Se a alma é a ideia do corpo, não há mais ideia quando não há mais corpo” (LE BRETON, 2003, p.11-2). Isso sugere que se o corpo deixar de existir a linguagem nele expressa perde também seu significado; portanto, o corpo é linguagem que não se deixa

aprisionar. Este corpo que é sujeito e não mais objeto, expressa uma linguagem que a sociedade se encarrega de escrever nele, pois, sobre o corpo, ele próprio fala. Na imagem 67 onde é expresso o desenho corporal gráfico Pataxó, pode-se ver a essência dos traços e detalhes como se saltassem do corpo para tornar-se linguagem.



Imagem 67: Desenho corporal gráfico Pataxó - O corpo fala por si só.

Foto: Ianê Predes, 2011. Acervo pessoal

Esse corpo que não se deixa fragilizar com os sinais de envelhecimento causados pelo tempo, ao deixar-se manifestar graficamente, demonstra estar vivo, tornando-se quase que impossível separar representação e sujeito, pois esta representação passa a integrar o próprio corpo e a compor a sua estética.

E se quando morre retorna ao pó, o corpo continua vivo na memória do olhar alheio. “O corpo, inevitavelmente mortal, não está morto. E sem ele nada se pode fazer onde habitamos” (FREIRE, 1991, p.23). A reflexão proposta evidencia a necessidade da criação de formas de reação e contestação aos novos modos de controle estabelecidos na contemporaneidade, combatendo os mecanismos de reprodução dos modelos estéticos mercadológicos referidos, evitando a apropriação e a mercantilização do corpo que é sujeito.

Assim, nesta pesquisa, reconhecemos o corpo como sujeito, pois acreditamos que ele não se deixa aprisionar, como quando colocado na concepção de corpo-objeto.

O corpo reclama, exprime manifestações em forma de linguagens, sejam elas posturais gestuais e gráficas corporais: “O nosso corpo não é uma espécie de prisão da alma, mas o fator de libertação do nosso ser” (RUSSO; TOLEDO 2006, p.8)

2.5 O CORPO TATUADO: DO ESTIGMA A CONSTRUÇÃO DO NOVO CENÁRIO DA TATUAGEM

Falar do corpo tatuado remete à análise de que este corpo em algumas situações é estigmatizado. O que antes era visto na tatuagem como forma discriminatória, agora alcança o corpo, o sujeito que a utiliza. Porém, abordo aqui uma nova visão, em que a união deste corpo à tatuagem cria um outro cenário.

Associado às tatuagens, sabemos, há todo um imaginário coletivo povoado por imagens de marginalidade e transgressão. Segundo Perez (2006, p.1), a prática da tatuagem no Ocidente passou por distintos contextos sociais, a exemplo da arte exótica, introduzida pelos viajantes e marinheiros do século XVIII. No século XIX e início do século XX a prática é adotada por sujeitos colocados a margem da sociedade, como prostitutas, militares e os presidiários que se apropriaram da tatuagem, tendo nos ambientes dos cárceres alcançado grande importância como uma linguagem de sobrevivência, sendo inclusive ali conhecida popularmente como a flor do presídio. Tal passagem pelo ambiente carcerário, para Perez (2006, p.2) fez com que a prática identificasse a tatuagem como marca de marginalidade, atuando em um duplo sentido: “como meio e como estigma social”.

A tatuagem como objeto de estigma tem sua raiz na Grécia, apontada como possuidora de um vasto conhecimento sobre recursos-visuais. Para os gregos, os estigmas são "sinais corporais com os quais se procura evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava". (GOFFMAN, 1980, p.11).

Toda essa herança discriminatória estende-se a outras marcas corporais para além da tatuagem, como é o caso da marca fenotípica⁴⁵, o que se traduz para a sociedade numa “ritualidade poluída” (DOUGLAS, 1976, p.13).

Isso nos leva a questionar se tal estigma do corpo tatuado não seria um indicador social, e se que o contato com pessoas tatuadas ou portadoras de outras marcas, nessa sociedade ocidental historicamente laudatória do corpo “perfeito”, estaria sendo evitado, por ser entendido como uma ameaça à naturalidade do corpo belo. Para estes, o corpo não pode positivamente comunicar, quando alterado de seu suposto estado natural, o que, por sua vez, também induz a questionar o que na realidade é entendido como belo.

“Certas regras sociais são definidas por crenças em contágio perigoso e as idéias de poluição se relacionam com a vida social, acreditando que algumas poluições são usadas como analogias para expressar uma visão geral de ordem social” (DOUGLAS, 1976, p.14). Mas, afinal, a que ordem ou normalidade social a tatuagem transgride?

O estigma perde sua força com a Renascença e o Humanismo que juntos, “abriram caminhos para uma nova possibilidade dos indivíduos apreenderem e lidarem com seus corpos na contemporaneidade”. O Humanismo é a abertura de uma lacuna fundamental para os anatomistas inventarem o conceito de corpo com o qual nós vivemos na contemporaneidade. O Modernismo deu início a uma nova configuração da compreensão dos homens e de suas ações, rompendo com o pensamento medieval⁴⁶, com o teocentrismo e com a Igreja, após a guerra civil da sociedade americana, com a vida mais saudável, no intuito de vencer o estigma dos sinais de envelhecimento já que, segundo a autora, esse corpo envelhecido é visto pela sociedade como um “corpo gasto”, colocando o indivíduo na zona de exclusão social (DOUGLAS, 1976, p.16).

O estigma do excluído, maculado nas imagens grafadas em seu corpo, portanto, parece retornar ao passado como visão de delinquência na história mundial.

Dentro da penitenciária, o tipo de desenho tatuado no corpo, muitas vezes serve como uma forma de estigmatizar o preso: fazê-lo assumir para sempre, na própria pele, o peso do crime cometido.

⁴⁵ São as características observáveis ou caracteres de um organismo como, por exemplo: morfologia, desenvolvimento, propriedades bioquímicas ou fisiológicas e comportamento. Fonte: Dicionário Brasileiro Globo.

⁴⁶ O pensamento medieval não aceitava a ruptura entre o homem e seu corpo, entre o homem e o cosmos, entre o homem e o mundo, pois este era seu principal representante num mundo submerso pela transcendência cristã.

Os crimes contra os costumes, com destaque o estupro, são punidos com tatuagens forçadas: os presos são ridicularizados com pintas no rosto, feitas com uma agulha embebida em tinta tóxica usada para pintar paredes, posta embaixo da pele, num processo forçado e doloroso, representando que o estuprador achou um "marido" na cadeia, dessa forma, por onde estiver o tatuado será reconhecido, passando a ser tratado pelos outros como homossexual de forma passiva. Varella (1999, p.50) relata: “O calado da noite era quebrado por gritos que ecoavam pela cadeia inteira. Em seguida, o pessoal começava a bater a caneca na grade. Já era: podia o ‘funça’⁴⁷ vim buscar que alguém tinha sido estupro”. Um pênis desenhado, em partes do corpo é outra punição aos estupradores a exemplo da imagem 68, onde o recluso foi tatuado no braço esquerdo. Isso facilita sua identificação por todos no presídio. Ter uma tatuagem dessas significa longos e terríveis anos de servidão sexual na cadeia.



Imagem 68:A tatuagem de um órgão genital masculino como forma de exclusão social
Fonte: www.nossaasaf.hpg.ig.com.br

A imagem do corpo tem uma relação dialética com as demais imagens exteriores: interage com movimentos e com a diferença que este dispõe da consciência para escolher como devolver o que receber. O corpo é o centro da ação, então é sujeito,

⁴⁷ FUNÇA = gíria de cadeia que significa funcionário.

e serve de referência para o sentido. O corpo pode ser chamado de matéria ou imagem, não importa qual dos termos seja utilizado: sendo matéria, ele faz parte de um mundo material e existe em torno e fora dele; sendo imagem, ela só poderá ser o que nela for colocado, já que, por hipótese, através de uma imagem não se pode querer extrair a imagem de todo o universo: “Meu corpo, objeto destinado a mover objetos, é, portanto, um centro de ação, ele poderia fazer nascer uma representação” (BERGSON, 1990, p. 162). O autor, assim sutilmente expressa a mutação do corpo, de objeto a sujeito.

Esse corpo sujeito supera as adversidades como o preconceito e exprime sentimentos diversos, a exemplo de “Fadinha”, estudante de Direito de uma faculdade particular de Feira de Santana, que relata: “*vejo na minha tatuagem de fada (imagem 69), um símbolo de sensualidade*”. Longe de se preocupar com preconceitos ou expressões negativas a respeito da tatuagem, desfila pelo meio jurídico reafirmando a ideia proposta por Bergson.



Imagem 69: A tatuagem como representação corporal
“Fadinha” – estudante de direito
Foto: Alexandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Voltando-se a análise para a palavra preconceito, segundo o dicionário on-line Aurélio⁴⁸, “é um juízo preconcebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória que se baseia nos conhecimentos surgidos em determinado momento como se revelassem verdades sobre pessoas ou lugares determinados”.

Isso remete a analisar que a sociedade impõe suas regras baseadas em suas conveniências, mostrando desconhecimento ou juízo pejorativo ao que lhe é diferente e formando conceitos antecipados, sem adequado conhecimento dos fatos.

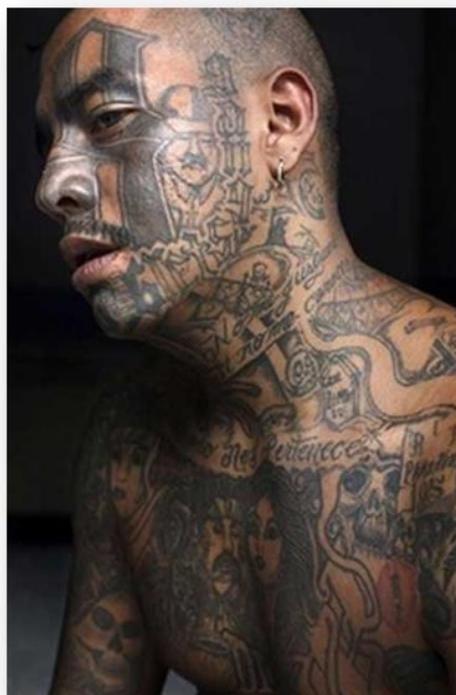
Um fator de propagação do estigma da tatuagem se dá quando o mundo fora das prisões copia as tatuagens feitas lá dentro, as quais servem aos propósitos de sobrevivência no ambiente carcerário, e ao serem externadas no mundo extra muro por tais sujeitos que a copiam são vistos socialmente como se já tivessem passagem por penitenciárias. Exemplo comum são mulheres de detentos que se tatuam durante visitas íntimas como prova de amor ao companheiro encarcerado, levando para o lado de fora marcas então exclusivas do ambiente carcerário. Ao ser entrevistada, “Lu” uma jovem de 28 anos, companheira de um sujeito privado de liberdade baseada na imagem 70 que fez para homenagear seu esposo afirmou que: “*ele [o preso] é minha vida, fiz esta tatuagem para demonstrar meu amor (...)a minha tatuagem é uma cópia da dele*”.Varella (1999, p.57) descreve esta mulher que é identificada no dia de visita, pela “roupa, a ginga difícil de disfarçar, uma tatuagem (...)”.

⁴⁸ www.dicionarioaurelio.com



Imagem 70: A paixão levando ao estigma/
“Lu” - esposa de sujeito privado de liberdade
Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Outro exemplo são jovens que aderem tais traçados sob inspiração de filmes, como “prision brack”, no qual o personagem principal comete um crime para poder resgatar o irmão na prisão, e se tatua para ser parte integrante do ambiente, rotulado em alguns casos como herói. Daí emerge o questionamento o que seria um herói então? Na imagem 71 temos o personagem do filme, enquanto na imagem 72, encontra-se um jovem norte americano o qual segundo Alencar (2008,p.13), foi encontrado na rua relatando que ao ser sentenciado a pena privativa de liberdade toma como referência o personagem descrito tatuando-se por completo como forma de aceitação dentro do ambiente carcerário.



Imagens 71 e 72: A vida real imitando a ficção
Fonte: www.google.com.br/images

Construir a identidade carcerária perpassa pela necessidade de criar ideais, ou seja, mitos. Carvalho (1995, p.55) declara que: “Heróis são encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência”, e que “a criação de símbolos não é arbitrária”; portanto, a criação deste símbolo se faz com base em fatos que devem ser considerados como modelo. A tatuagem é uma referência, uma criação simbólica que dá conta de representar atos heróicos de um grupo que não se subordina ao sistema carcerário, o que lhes dá a falsa impressão de liberdade e, por conseguinte, de autonomia. Tais jovens copiam e expõem algo que não viveram, mas acabam sendo vítimas do estigma imposto pela sociedade.

Como normalidade, o uso da tatuagem na atualidade é visto por alguns sob o efeito da moda; porém, a prática contemporânea contém muito mais do que meros elementos de impacto social: ainda persistem resquícios da estigmatização adquirida ao longo dos anos, pois vale lembrar que este outro lado da análise da tatuagem que a vê como código identificatório de pessoas que cometeram delitos contra a sociedade.

A história de *Zé Bicheiro*, escrita por Carolina Martins para o jornal Campus On-line, da Universidade de Brasília, é um bom exemplo de como socialmente são

caracterizados os sujeitos praticantes de crime.

Segundo Martins, Zé Bicheiro era um dono de banca de jogo do bicho que foi preso, dessa vez, por ter sumido com o dinheiro do jogo. Por conta disso, um dos apostadores revoltados chamou a polícia e não foi difícil encontrar “O Bicheiro! *Aquele todo tatuado!*”. A imagem da coruja vista nas costas do sujeito da imagem 73 e na perna do sujeito da imagem 74, podem ser vistas na sociedade de um modo geral como um simples desenho gráfico corporal, mas para Zé a sua tatuagem da coruja fazia parte de sua identidade onde simbolizava sua inclusão na sociedade dos sujeitos que controlam o jogo do bicho.



Imagens 73 e 74: A tatuagem de coruja – para a filosofia, sabedoria. No jogo do bicho, símbolo de introdução.

Fonte: www.google.com.br/images

Conforme Martins, foi na cadeia, “no ócio da prisão”, entretanto, que Zé “aprendeu a tatuar” e “preencheu todo o braço tentando aprimorar sua arte”, desenhando “dragões, índias, tribais, imagens sacras, o nome da mãe, tudo que a imaginação criou e a pouca tinta permitiu”. Foi na cadeia também que Zé resignificou uma de suas tatuagens, o “JC”, que antes era o nome de sua amada (Jussara Cristina) e agora “ele diz ser de Jesus Cristo”. E para o novo significado, Zé desenhou um crucifixo ao lado das iniciais.

O uso de tatuagens com iniciais ou escritas de nomes comuns vistas nas imagens 75 e 76 são usadas no ambiente carcerário e na sociedade dos sujeitos livres socialmente como expressão de sentimentos e fidelidade ao parceiro, de enigmas que não se quer revelar ao olhar alheio, e de outras afetividades.



Imagens 75 e 76: Escrita representando fidelidade ao parceiro, enigmas ou afetividade

Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Assim, seja no meio social ou prisional quando o corpo é o espaço da imagem e ocupa o centro das representações de todas as imagens que gravitam em torno dele, é objeto da percepção, possibilitando superar os estigmas e formar um novo cenário da tatuagem. A percepção é uma forma de conhecimento que não depende exclusivamente da atividade cerebral, uma vez que é projetada de fora para dentro, dispondo-se do espaço e da relação do corpo com ele.

2.6 TATUAGEM: AS MEMÓRIAS CORPORAIS

Tratando da tatuagem como lugar de memória grafada no corpo, esta memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado. Na atualidade, o conceito e, sobretudo, o funcionamento das memórias individual e coletiva ganhou destaque como um dos campos da investigação científica. Os estudos envolvem necessariamente os conceitos de retenção, esquecimento e seleção, levando a retomada das identidades esquecidas vistas no capítulo primeiro.

Memória está sendo entendida, neste momento, como sendo algo que existe em comum para um determinado grupo social, esteja ele onde estiver e que possua um vínculo ou uma representatividade na e para a sociedade, formado a partir de uma identidade própria.

Halbwachs (1990,p.9) traz a memória como questão central de sua obra, afirmando a existência de uma memória individual, que se inscreve em “quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta construção que chamamos de memória”. Assim a Memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Desta maneira, segundo Halbwachs (1990,p.10), a memória se modifica e se rearticula conforme a posição que o sujeito ocupa e as relações que se estabelecem nos diferentes grupos de que participa. Também ela está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, entre outros. As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica, e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é linguagem. Linguagem esta que sujeitos livres socialmente a exemplo de “Galego”, estudante de direito de uma faculdade de Feira de Santana-BA, que expressa em seu corpo a homenagem de pai dedicado aos filhos, tatuando seus nomes nos braços conforme imagens 77 e 78.



Imagens 77 e 78: Tatuagem como linguagem
“Galego” - Pai homenageia filhos
Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Para Dourado (1989,p.18) a afetividades entre os membros de um grupo se fazem por meio da linguagem, e esta pode ser vista também através da tatuagem. Lembrar e narrar são constituintes da linguagem. A linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes. Daí, temos dois espaços diferentes – privados e livres, representando sentimentos individuais e coletivos em espaços e condições adversas.

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Segundo Dourado (2010, p.19) “ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, uma unidade que parece ser só nossa”. Dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos

processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

Neste sentido, pode-se ver a história de “Gil”, jovem de 26 anos, e sua tatuagem (imagem 79) em homenagem a seu primogênito, o qual há dois anos está longe, porque ela cumprindo pena privativa de liberdade. A saudade do filho a faz memorizar em seu corpo uma linguagem de afetividade como ela diz: *“estar aqui longe dele [filho], ao olhar no espelho e ver o seu nome me faz ter forças para vencer as dificuldades”*.



Imagem 79: Reclusa tatuada em homenagem a seu primogênito “Gil” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alexsandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individuais e coletivas têm nos lugares segundo Pierre Nora (1984) uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços.

Para Nora a história do corpo tatuado e suas memórias, buscamos a reflexão de, por tratar com competência da distinção entre memória e história, realizando a construção de uma nova noção para se trabalhar na fronteira destas vivências. O que o

autor denomina de lugares de memória são, nesta pesquisa, interpretados como lugares que nos levam a perceber o quanto a questão histórica que permeia a reflexão sobre o corpo tatuado – *lócus de memória* - possui, como qualquer outra história, desdobramentos e transformações incessantes, mas que parece, geralmente, ao sujeito tatuado, livrar – se da ameaça do esquecimento – é o mito da prisão no eterno presente, situação que provoca uma obsessão pelo registro, pelos traços, pela necessidade de historicizar a sua vida. Mas a história não se deixa aprisionar; e por ser livre, ela será sempre reconstruída. Então, a quem pertence a tatuagem? Ao sujeito que se deixa tatuar? Ao tatuador? No contexto prisional ao sentido do código, motivo ao qual o detento está encarcerado, seja pelo delito cometido ou o ócio? Na expressão individual ou de representação de grupo naqueles que se julgam livres?

“Mikaelle”, jovem de 28 anos, três deles cumprindo pena restritiva de liberdade tem quatro tatuagens. Uma delas chama atenção conforme imagem 80: trata-se de uma escrita no pescoço acompanhada por três estrelas, que significava um amigo que faleceu enquanto estava presa, como forma de homenagem. Feita na penitenciária, a escrita representa o nome dele, as estrelas *“uma forma que encontrei de desejar que os caminhos dele sejam iluminados”*. Ao ser perguntada se considerava seu corpo um lugar de memória, respondeu positivamente: “o meu corpo será sempre um local de memória, enquanto viver e carregar comigo o nome dele”.



Imagem 80: Tatuagem em homenagem amigo falecido
“Mikaelle” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

A tatuagem conta a história do tatuado, através da incorporação da *memória*. Porém, ao afirmar que a tatuagem é um *lugar de memória*, temos que questionar a quem pertence essa memória, se a um grupo, a um indivíduo? E se a memória é esquecimento, a tatuagem representa a vontade de esquecer ou representa a vontade de recordação por meio da memória. No caso, o corpo tatuado é que é lugar de memória.

Assim, podemos exemplificar a prisão com todas as suas particularidades como sendo um destes lugares de memória coletiva. As regras, a disciplina, as punições, as refeições, o trabalho são vivenciados em comum, ou seja, possuem um modo de vida coletivo. A prisão é um lugar onde o grupo possui em comum a ruptura do pacto social, da lei, recebendo como “prêmio” a exclusão. O espaço prisional é sem dúvida alguma, e um espaço de memória coletiva. Memória que não deixa de ser dolorosa, e que configura um processo de exclusão do meio social: é pela exclusão que o grupo consegue adquirir uma identidade própria- entendida aqui como busca de uma inclusão social.

Esta memória coletiva se refere a uma identidade que explica uma experiência e um passado vivido por participantes de um grupo. Portanto as pessoas tenham elas pretensões estéticas ou não, ao usarem o corpo tatuado como espaço para as mais diversas manifestações do desenho, evocam “o depoimento que não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois, supõe um acontecimento real outrora vivido em comum” (HALBWACHS, 1990, p. 13). Nesse caso, estão as manifestações gráficas corporais atribuídas àqueles que fazem do corpo um espaço de verdadeiras memórias visuais.

Assim podemos ver esta memória coletiva como uma importante função na contribuição para o sentimento de pertença a um grupo de passado comum que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada no campo histórico do real e, sobretudo, no campo simbólico.

Para Le Goff (1996), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade⁴⁹, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Explica

⁴⁹ O que faz que uma coisa seja da mesma natureza que outra./Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa. Dicionário do Aurélio. Disponível: www.dicionariodoaurelio.com. Acesso em:10.10.2011.

que as sociedades “cuja memória social é, sobretudo, oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita” permitem compreender a luta pelo domínio da memória.

Como exemplo vivo “Sandro” - jovem de 36 anos, com uma coleção corporal de quarenta e duas tatuagens adquiridas ao longo de dezesseis anos de sua vida dos quais 11 (onze) deles passados no Conjunto Penal de Feira de Santana. Com aspecto típico de quem exerce liderança, 10 (dez) de suas tatuagens foram feitas enquanto estava livre. Sobre a imagem 81 ao ser perguntado ele respondeu: *“esta é uma homenagem, aquela que parecia ser o amor de sua vida, tatuei o rosto dela como prova de amor”*. As outras 9 (nove), por influência social aos 15 anos, tatuado pelo “Zé Tatu”- que Sandro chamou de lendário tatuador da época.

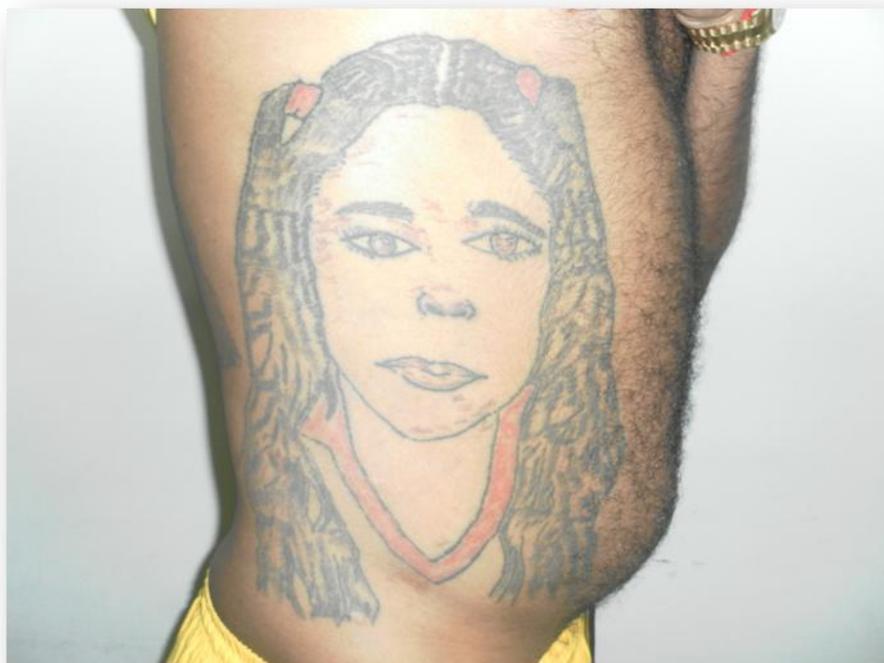


Imagem 81: Tatuagem em homenagem a parceira “Sandro” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana - BA
Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Preso, o ócio o leva a outras tatuagens. Uma delas é uma bola de fogo no antebraço direito (imagem 82), a qual copiou da abertura de uma novela global, onde Sandro relata : *“em resumo, esta tatuagem representa fogo, que me leva aos tempos de criança, quando saía pelas matas a cavalgar atrás de lenha para fazer fogueira”*.



Imagem 82: A tatuagem de uma bola de fogo inspirada em meios de comunicação
“Sandro” cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

O rosto de Bob Marley, outra tatuagem verificada na imagem 83, a qual na entrevista fez surgir que emoção em seu olhar, ao dizer “a tatuagem do cantor é uma homenagem a meu irmão. Era o cantor preferido dele, antes de sua morte em acidente de veículo”. O recluso conta que não lhe foi permitido a última homenagem por estar preso, restando eternizar em seu corpo o rosto do cantor como forma de lembrar aquele irmão que era seu verdadeiro ídolo.



Imagem 83: Tatuagem de Bob Marley: do ócio a homenagem a irmão falecido
“Sandro” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Com tanta emoção fez-se necessária uma parada, na entrevista, porque as memórias estavam latentes. Mas ao continuar, questionei qual foi a técnica utilizada para fazer as tatuagens sendo respondido por Sandro: *“a primeira, feita com máquina caseira, construída com motor de rádio e pintada com tinta de tecido, após desenhar com caneta e decalcar. As atuais, de forma artesanal, utilizam agulhas e tintas nas tatuagens”*.

Um fato que chamou a atenção foi quanto à pergunta sobre a noção dos perigos que existem ao se fazer uma tatuagem sendo respondido: *“em meu pavilhão existe o cuidado de não se usar duas vez a mesma agulha”*.

Retomando as perguntas sobre o uso das tatuagens foi questionado o significado para ele da tatuagem em seu corpo, sendo afirmado: *“é uma forma de chamar atenção, inclusive na conquista de mulheres, que nos visitam em períodos permitidos pela legislação”*. O recluso demonstra que está satisfeito com suas tatuagens e que não pretende fazer outras, achando-as suficiente e, ao mesmo tempo, preocupado com o futuro no que se refere a sua idade.

Quanto à discriminação, ele menciona que enquanto livre foi identificado como marginal por possuir tatuagens, inclusive sendo chamado de “vagabundo”. Na prisão existe o respeito acima de tudo, como uma regra interna: cada um escolhe o que lhe convém.

Foi perguntado sobre um possível retorno no tempo, se faria tatuagens em seu corpo. Respondeu de forma afirmativa: “*Sim, meus motivos são sentimentais por trás de cada uma das tatuagens*”.

O sujeito preso, seja pela sentença judicial ou mesmo a social através do preconceito, vive a constante luta pela preservação das lembranças, evitando o esquecimento, preocupação que Le Goff (1996) tem com os indivíduos e grupos que dominam as sociedades. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social. Cada detalhe tem um sentido inteligível aos membros do grupo. Um exemplo disso é o desenho corporal na imagem 84 onde o recluso “Sandro” tatua no peito alguém que sente desejo, seja ela esposa ou amante.



Imagem 84: A tatuagem como expressão de admiração
“Sandro” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alexsandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Michael Pollak (1992, p. 2), em “Memória e Identidade Social”, questiona quais seriam os elementos constitutivos desta memória individual ou coletiva, afirmando que em primeiro lugar “são os acontecimentos vividos pessoalmente”. Em segundo lugar, os acontecimentos “vividos em tabela” ou “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer”. Sendo assim, o tema definido para a tatuagem codifica o indivíduo e o insere no contexto de eventos acontecidos que identificam um grupo. Isso acontece não só como símbolos que fazem parte do imaginário coletivo, mas eles também são ressignificados quando são transportados de um universo semântico para o outro na busca de uma inclusão social. Os heróis de Hq’s (imagens 85 e 86), tatuados em corpo de sujeito socialmente livre ou o restrito de liberdade levam-no a incorporar o personagem, possibilitando-lhe criar poderes imaginários que o transporta para outros lugares na busca de seus objetivos. No caso das situações de cárcere, fazem-no romper as barreiras das grades e tornar-se livre do julgo ora vivido.



Imagens 85 e 86 – A tatuagem travestida de herói
Fonte: Revista Arte Tattoo, 2009.

Na penitenciária ou no meio dos sujeitos socialmente livres, uma tatuagem pode ser convertida em uma linguagem ideológica: é o exemplo do boneco Chuck⁵⁰ (imagens 87 e 88) que para alcançar um significado, foi preciso que uma experiência passada resistisse com forma e sentido.

As tatuagens dentro da cadeia também se caracterizam por esse traço ideológico, são mensagens criadas para representar um crime. Já na sociedade dos sujeitos socialmente livres, a imagem do boneco caracteriza-se apenas como uma admiração a certo filme de terror.



Imagens 87 e 88: O personagem de um filme de terror como linguagem criminal ou admiração a filme de terror

Fonte: Fonte: Revista superinteressante. edição 159 dez/2000.

Através dessas impressões e mensagens, elas apontam para linguagens e mostram que toda e qualquer marca sobre o corpo, mesmo as de contenção de peso, a construção do corpo por exercícios, entre outros, são forma de acesso para a vida social.

⁵⁰ Segundo esta manifestação, o personagem de um filme de sucesso há pouco tempo, significa um “matador de policial”. Em sua mão está um punhal, que atravessa um coração estilizado. Essa representação identifica o matador de policiais que, originalmente, era representado por um crânio, também atravessados por um punhal.

Berger (2007, p.21), em seu artigo “Tatuagem: a memória na pele”, mostra que as pessoas usam as tatuagens para atrair sentimentos de amor, arte, encontro, esperança, como se esta fosse uma forma de pedir, através do próprio corpo, a realização de desejos íntimos. Cita que uma vez realizadas as tatuagens, seu possuidor é tomado por sensações identitárias afirmadas pela memória da pele. Essa memória é individual, na busca do coletivo/grupo. Além da marca na pele, ao saírem de um estúdio de tatuagem, segundo a autora, as pessoas carregam uma altivez, uma indescritível sensação de vitória, felicidade e pertença.

Dourado (1989, p.68) trata a memória como imaginário, não como fantasia ou negação da dimensão material da história, mas enquanto conjunto de imagens que cada sociedade aciona nas suas representações. Para Benjamin (1996) o trabalho da memória é compreendido como uma instância do inconsciente capaz de registrar os traços duráveis, já que a consciência recusa-se a gravar esses mesmos traços duráveis e a lembrança é o lugar do próprio esquecimento. Assim, o ato de registrar, traça através da técnica de arranhar ou mesmo das máquinas elétricas é a forma de perpetuar o que se deseja lembrar no cárcere ou no meio social.

Ao entrevistar o empresário e estudante de direito de uma faculdade particular de Feira de Santana-Ba, “Onça” 36 anos, percebem-se as diversas fases de sua vida estão expressas sobre forma de tatuagens.

Na primeira tatuagem (imagem 89), observa-se a imponência de um camaleão que na capoeira – esporte praticado pelo empresário nas horas de folga – serve de comparação com o jogo sobre o qual ele diz: *“é preciso conhecer o estilo de cada oponente”*. Na mesma tatuagem ao lado do camaleão, a pantera preta *“é um animal que luta pelo que quer, é agressivo apesar de ter uma aparência agradável”*. Na imagem 90, o índio *“tem a ver com as minhas origens, minha avó era índia, também é símbolo de guerreiro”*.

Na terceira tatuagem (imagem 91) *“o sol está rodeado com símbolo de todas as religiões, na época que fiz acreditava que todas as religiões estavam ligadas a um só Deus”*.



Imagens 89,90 e 91: A tatuagem como linguagem vivências

“Onça” – empresário e estudante de direito

Foto: Alessandro Malaquias. 2011. Acervo Pessoal

Assim, conhecendo as concepções do desenho gráfico corporal, e as experiências coletadas através do falar de sujeitos que se tornam personagens de uma história real, é que entendemos as diversas linguagens por trás de cada tatuagem.

CAPÍTULO 3:

DESENHO CORPORAL GRÁFICO –

TATUAGEM:

O (RE) DESENHAR NO CORPO

COMO LINGUAGEM DE INCLUSÃO

SOCIAL

Neste capítulo, busco relacionar a questão do corpo sujeito e sua utilização pelos indivíduos socialmente livres e os que cumprem penas privativas de liberdade. Retomo o discurso até aqui apresentado para conceituar a inclusão social, a qual, segundo Fernandes (1995, p. 42), é entendida como “o ato de incluir”. Esta definição pode ser sinteticamente descrita como um conjunto de meios e ações, que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade. Entendo que a inclusão social pressupõe a integração ou reintegração a sociedade daqueles que, por razões diversas, encontram-se à margem de um contexto imposto socialmente.

O Desenho Corporal Gráfico e o Modelador envolvem a necessidade ou a obrigatoriedade de inclusão do sujeito em um grupo como meio de sobrevivência. Isso acontece tanto com os sujeitos socialmente livres quanto com os sujeitos privados de sua liberdade – presidiários. Segundo Macchiavelli (2001, p.4), “esse processo como forma de reconhecimento e acima de tudo um meio de afirmar o próprio papel social, comunicando e identificando-se com um grupo”. Como afirma a autora, esse processo de aceitação social, torna-o sujeito do grupo e o sentimento de pertença.

No meu contexto profissional tive a oportunidade de vivenciar situações em que a tatuagem aparecia em larga escala diante dos meus olhos ao trabalhar, tanto como investigador, quanto pesquisador em atividade de pesquisa de campo, com os sujeitos investigados: os reclusos (presidiário) e os sujeitos socialmente livres, analisando suas tatuagens a partir do relato de suas experiências (motivações) durante o processo do desenho na pele (técnicas). Estes contatos possibilitaram, de um lado, o surgimento de uma nova normalidade estética e vivencial no seio da sociedade ocidental e, do outro, a configuração de uma nova subjetividade, ou seja, um espaço íntimo do indivíduo (mundo interno), com o qual ele se relaciona com o mundo social (mundo externo), num processo interativo, inovador, emotivo e reflexivo, em que o corpo se converte em uma forma de expressão e construção do sujeito, conforme Pirez (2005, p. 02) salienta:

A tatuagem como uma cicatrização cromática, o ato de tatuar-se como um mecanismo eficiente de testemunhar como aquela experiência é real. Cada linha das imagens desenhadas, sua dança sobre os relevos do corpo, pertence a um mosaico de estigmas e afetividades, visualizado através da dor das agulhas de uma tatuagem aparentemente tosca e improvisada, porém importante processo de constituição de identidades, onde é através dele [corpo] que se estabelecem as relações com tudo o que é externo a nós, e é através dele que, mesmo inconscientemente, se manifesta tudo o que é interno a nós.

A tatuagem permite, a meu ver, uma manifestação da vontade livre do ser que através dela, expressa seus reais sentimentos antes interiorizados, e agora expostos ao mundo para ser admirados ou criticados conforme a visão do olhar alheio.

A linguagem do corpo é importante porque reformula, explica, coloca questões que às vezes unicamente a fala é incapaz de expressar. Assim em concordância com Merleau-Ponty (1997, p. 18), o afirmarmos que o fundamento da pintura depende da maneira como “o pintor oferece seu corpo. É emprestando seu corpo ao mundo que o pintor transmuta o mundo da pintura”. Assim, seja em corpos de presidiários ou em corpos de pessoas livres, os tatuados fazem de seu corpo espaço de manifestação para uma linguagem de sobrevivência em busca de uma inclusão social.

3.1 A TATUAGEM NA SOCIEDADE DOS SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE

Para Fernandes (1995, p.45), “sociedade é uma reunião de pessoas que têm a mesma origem, os mesmos usos e as mesmas leis”. Ao chamar nesta pesquisa “sociedade dos sujeitos privados de liberdade”, estou me referindo a uma outra sociedade dentro da nossa, constituída pelo sujeitos que cometeram crimes previstos em lei e que após serem sentenciados, tornam-se reclusos, ou seja, são levados à prisão ou cárcere, passando a cumprirem penas privativas de liberdade (CP, art.32, I – lei nº 7209, de 11 de julho de 1984)⁵¹, organizando-se sob uma espécie de código interno que

⁵¹ VADE MECUM. Obra coletiva de autoria da editora Saraiva com colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. – 11. Ed. atual. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2011.

vai além da lei magna do país. Assim, entendo que esses sujeitos privados de sua liberdade vieram da sociedade extramuros, com os mesmos direitos e deveres e agora cumprem novas leis, sejam externas ou internas.

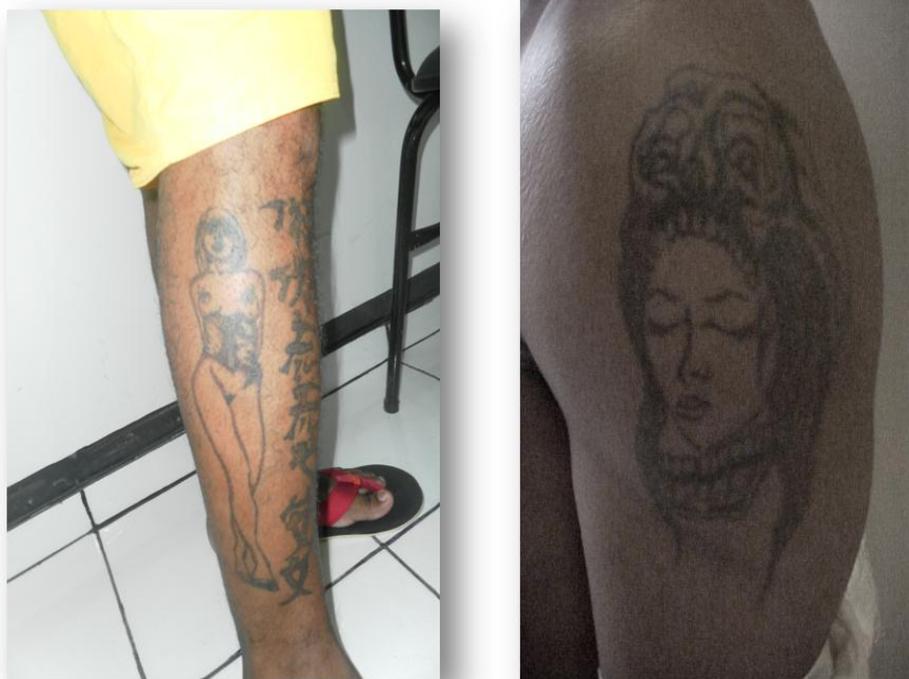
Nesta pesquisa, optei por trabalhar com esses sujeitos por serem mantidos excluídos na visão social, embora, ricos em grafias corporais. Vivenciar esta sociedade dentro da nossa foi uma experiência marcante, pois onde os relatos colhidos no Conjunto Penal de Feira de Santana-BA possibilitaram descrever fatos inéditos sobre a tatuagem como linguagem de inclusão.

Soares (2009,p.1) questiona “se a inclusão social existe na prática e, ainda, se a sociedade realmente permite a inclusão social”. Na sociedade dos sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade, a tatuagem configura-se como uma linguagem de sobrevivência num ambiente onde tais privações levam a uma inclusão social criando outros grupos, ou mesmo uma busca pela aceitação ao alcançar a liberdade no mundo extramuros, através do novo cenário da tatuagem.

A tatuagem no âmbito penitenciário, usada como linguagem de sobrevivência, é vista como uma forma de alcançar a afetividade, o desejo de ver a amada, os filhos, fazendo do corpo um diário. O recluso troca o lápis por objetos lacero cortantes, com a finalidade de deixar gravado em sua pele o sinal visível da ausência ou do desejo de liberdade.

Há quem pense que este recluso não tem sentimento, mas, mesmo sem saber ler ou escrever, ele é um exímio artista usando a criatividade emocional, transformando o seu corpo em uma obra de arte carregada de sentimentos, como: saudade, anseio, tristeza, alegria e as preferências sexuais. Ao entrevistar o recluso “Sandro” – sujeito que cumpre pena privativa de liberdade há 12 anos por homicídio, o qual apresenta na imagem 92 o desenho de sua companheira e, ao lado, em forma escrita, o nome da amante, ele declarou: *“recebo visita das duas e preciso homenageá-las, mas se minha companheira descobrir a outra, morro antes de alcançar a liberdade”*.

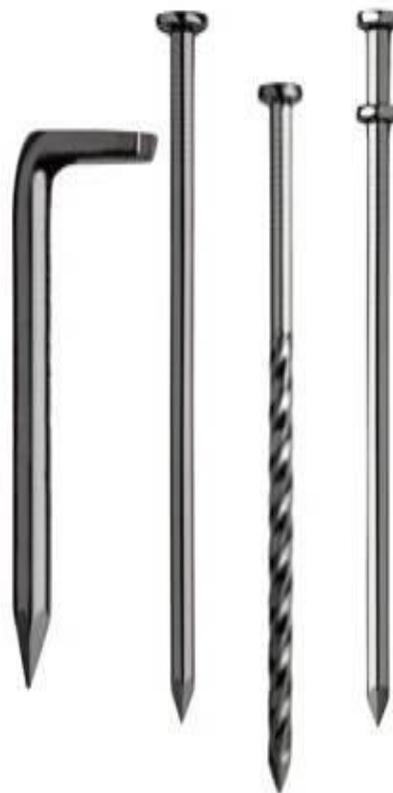
Na imagem 93, mas discreta, aparece uma jovem de traços tradicionais e recatados. Assim explica o jovem recluso “D2”, que afirma ser “a imagem de sua advogada que contratou para representá-lo e hoje tornou-se sua fiel amiga nas visitas íntimas”.



Imagens 92 e 93: A tatuagem em homenagem às companheiras “Sandro” e “D2” – cumprem pena privativa de liberdade Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alexsandro Malaquias. 2011. Acervo pessoal

Ao adentrar no meio prisional, esta pesquisa analisou as técnicas dos desenhos corporais contrapondo-se à idéia de que a tatuagem no ambiente penitenciário é de uso exclusivo de identificação criminal, conforme atestam a sociedade dos sujeitos livres socialmente e os meios de comunicação. Vivenciar a prática de perto reafirma o ineditismo desta pesquisa, que prova que a sociedade extramuros é totalmente desconhecedora do uso técnicas que intitulamos desenhos corporais em presidiários, que nas formas diversas se apresentam como artistas natos, expressando uma linguagem própria e demonstrando a existência de uma identidade singular construída na vida coletiva dentro da penitenciária.

Destaco a partir de agora as formas de (re) desenho no corpo encontradas no Conjunto Penal de Feira de Santana-BA, feitas através da técnica dos arranhados: com máquinas improvisadas. E ainda apresento os instrumentos usados na técnica que, aparentemente rústica, constitui um hábito carcerário e é copiado pela sociedade extramuros (imagens 94 e 95).



Imagens 94 e 95: A tatuagem feita com arranhados
Técnica de tatuar entre os privados de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal

O arranhado que, a princípio, parecia a única técnica a ser utilizada se mistura às tatuagens feitas por tatuadores profissionais que cumprem penas privativas de liberdades ou outros que, com dom inato, as executam-nas com perfeição.

Analisando os arranhados pela primeira vez parece ser uma técnica grotesca e masoquista: devido à “falta legal”⁵², de instrumentos profissionais, a exemplo que veremos depois sobre o uso de máquinas elétricas e matérias apropriados, os sujeitos reclusos se apropriam de pregos, grampos, ferros retorcidos da velha estrutura em péssimas condições de uso para arranharem em seus corpos os anseios e desejos que povoam seu imaginário, demonstrando uma verdadeira apresentação de uma

⁵² A expressão falta legal é uma demonstração de mostrar que alguns não tem acesso legal a máquinas de tatuar, mas outros com exímias técnicas de invenção, fabricam clandestinamente.

manifestação de cultura e tamanha beleza, se não pela sua execução, mas pelo seu sentido.

Nascida na sociedade dos sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade, a técnica dos arranhados é uma das alternativas de expressar em seus corpos o desejo de saudade da família amada e uma forma de homenageá-la pela dedicação em situação tão adversa. Segundo Varella (1999, p. 51), “as famílias madrugam na porta, mulheres na imensa maioria. São namoradas, esposas, irmãs, tias e a inseparável mãe, difícil de abandonar o filho preso (...) confesso, encontrei sabedoria no dito: amor, só de mãe”. O escritor ainda completa: “quem tira cadeia é a família, que sai de casa no escuro com a sacolada, pega três conduções”(...)” (p.53).

As tatuagens foram apreciadas e analisadas com muito cuidado, principalmente nas situações onde realmente ela expressa a imposição de poder de alguns internos que criaram ao longo da história das prisões códigos e regras internas Rodrigo de Oliveira Toffolli (2005, p. 2 - 4) - um dos autores que realiza estudos no campo da antropologia criminal, em seu artigo “Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica”, aborda a tatuagem feita no interior da cadeia. Ele denomina este tipo de tatuagem como criminal e a caracteriza pela rigidez com que se constitui como linguagem, que no primeiro momento, como forma de ritual de passagem, exclui o sujeito para depois incluí-lo nesta que chamamos de “sociedade dos privados de liberdade”.

A representação de símbolos no âmbito do cárcere muitas vezes segue uma ordem rígida de acordo com as convenções internas do grupo que a utiliza, como forma de prever atribuição hierárquica. Criam-se, assim, códigos internos não pela lei escrita, mas pela honra e respeito que cada um deve ter como outro.

A tatuagem entre os presidiários pode ser definida também pelo modismo e pelo apelo estético visto também na beleza dos desenhos feitos com o uso de máquinas⁵³ e contando com apoio de verdadeiros inventores, internos que constroem máquinas semi-profissionais com motores de rádios ou ventiladores trazidos pela família, comprovando que realmente tais regras internas existem superando as “faltas legais”. Nas imagens 96, 97, percebe-se a perícia no ato de desenhar e a criatividade no construir objetos que sanem suas necessidades de executar tais desenhos corporais.

⁵³ Foi observado que a figura 00 tatuada em um presidiário do Presídio Regional de Feira foi também vista em uma revista de *tattoo*, assinada por uma tatuadora profissional, reafirmando os contatos intra e extra- muros



Imagens 96 e 97: O uso de máquinas a motor de rádio:
Técnica de tatuar entre os restritos de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba

Foto: Adilson Lucas, 2011. Gentilmente cedido pelo colaborador.

Seja de forma ilícita ou não, o que conseguimos ver foi à tamanha perícia de homens que estão presos fisicamente, mas livres no imaginário criando formas geometricamente planejadas em seus corpos livres para as mais diversas formas de expressão.

Mesmo assim destacamos como função primordial a de linguagem de inclusão na sociedade dos privados de liberdade porque “(...) o significado da vida carcerária não se resume à mera questão de grades e muros, celas e trancas: (...) a penitenciária é uma sociedade dentro de uma sociedade” (THOMPSON, 2002, p. 12). Portanto é possível a princípio, o sujeito tenha de ser excluído para entender como funciona o sistema.

A entrada no ambiente carcerário do sentenciado e sua concepção de si formada ao longo de uma vida, é deixada para trás, junto com seus pertences: roupas, documentos, vestir o uniforme começando então o rito de passagem, sujeitando-se às leis institucionais e à própria conduta interna criada como forma de sobrevivência pelos internos. Essa admissão é como uma despedida e um começo, forçando o sujeito a perder a ideia de propriedade e atribuições sentimentos sobre aquilo que possui. Por vez

mutila-se o eu inclusive com a perda do nome. “Testes de obediência, que se resumem numa forma de iniciação, denominados de boas vindas, onde são passadas as regras da casa por ambos os grupos” (GOFFMAN, 1980, p.22).

O registro da tatuagem sobre a pele seria a prática da memória como uma forma de "fechar" aquilo que ocorreu. Ao mesmo tempo em que se quer esquecer e deixar o evento ou a pessoa para trás, a ideia é tê-la sempre junto, reforçando a importância dessa ocorrência para a formação da identidade. Seria tirá-la da memória para registrá-la sobre o corpo lugar de memória.

As representações corporais e seus significados podem variar em um mesmo desenho colocado em partes diferentes do corpo, como nos mostra Varella (1999, p.65), exemplificando a imagem da “Aparecida”. Esta santa é considerada um dos expoentes da Igreja Católica Apostólica, no Ocidente, e é a padroeira do Brasil. Como símbolo, esta imagem representa no meio social a devoção, o pedido de proteção e a afirmação da religiosidade. Na prisão, entretanto, ela pode significar que o indivíduo faz parte do grupo de praticantes de crime de latrocínio (imagem 98), quando grafada próximo ao ombro do detento.

Tatuada no peito, em tamanho pequeno, significa que este tem o desejo de proteção (imagem 99), já quando é desenhada em tamanho grande e no meio das costas significa que o preso faz parte do grupo dos que são estigmatizados por terem praticado crime contra os costumes, a exemplo do estupro (VARELLA, 1999, p.68).



Imagens 98 e 99: A imagem de “Aparecida”
Fonte: Revista superinteressante. edição 159 dez/2000.

Nesse caso, percebe-se que a imagem da santa se transformou em depoimento do grupo do qual o detento passou a fazer parte, a partir de suas ações contra a sociedade. E o que para os católicos representa o sublime, a lealdade, a pureza, para os presos, com exceção dos casos em que o indivíduo parece rogar por uma proteção, ela adquire significação contrária: roubo, morte, e a perversidade da exploração sexual.

Na imagem 100, fica clara a afirmação da situação dos que cumprem pena por crimes contra os costumes, reafirmando o que citou Varela, pois, percebe-se na análise da imagem o redesenho da imagem da Aparecida sobrepondo-se à de um órgão genital masculino.



Imagem 100 : A tatuagem sofrendo efeitos de sobreposição de imagens.
Fonte: www.nossaasaf.hpg.ig.com.br/Curiosidades.

Esmael Martins da Silva diretor do museu do Carandiru na cidade de São Paulo explica que esta representação da imagem da santa de forma corporal é oriunda das marcações dos escravos. “Nossa Senhora, representada desta maneira da foto mostrava, ao mesmo tempo, devoção à santa e resistência de seu portador ao martírio sofrido na escravidão”⁵⁴.

As histórias narradas pelas tatuagens se alimentam, como qualquer outra história, do passado. A tatuagem é uma imagem que rememora o passado, então, posso dizer que ela é uma representação do passado vivida no presente. Benjamin (1985, p.156) diz que “na rememoração, o tempo passado tem sido vivenciado”. Analisar as tatuagens cientificamente é encontrar fragmentos do passado e, sobretudo, perceber os seus efeitos no presente.

Uma tatuagem desenhada na mão (imagem 101) do preso mostra sua relação com a história da penitenciária ao escrever “sexta-feira 13”, reportando-se à tentativa de fuga que causou muitas mortes dentro do presídio. Por tal razão, essa data é mítica para os presidiários, por representar um ato de heroicidade por parte dos envolvidos. As tatuagens, entretanto, vão além de conformar identidades viris ou homossexuais,

⁵⁴ Disponível no site da Escola de Administração Penitenciária, na seção do Museu Penitenciário. www.eap.sp.gov.br

comunicar ações passadas e pretensões dos sujeitos que as detêm. Estampadas nas mãos podem ser um documento que celebra uma ação planejada pelos detentos, cuja morte dos cúmplices mereceu mais um registro. “Nesse dia morreram companheiros, a gente fez para marcar a data” (Mello, 2000, p.17), comenta o condenado. A memória deste dia evoca um passado de glórias necessário para a afirmação identitária do sujeito histórico, em que a insubordinação ao sistema carcerário dá-lhes a falsa impressão de liberdade e, por conseguinte, de autonomia. Abaixo, próxima aos dedos, a palavra “EXU” associada a um tridente, como forma de pedir proteção a seus deuses.

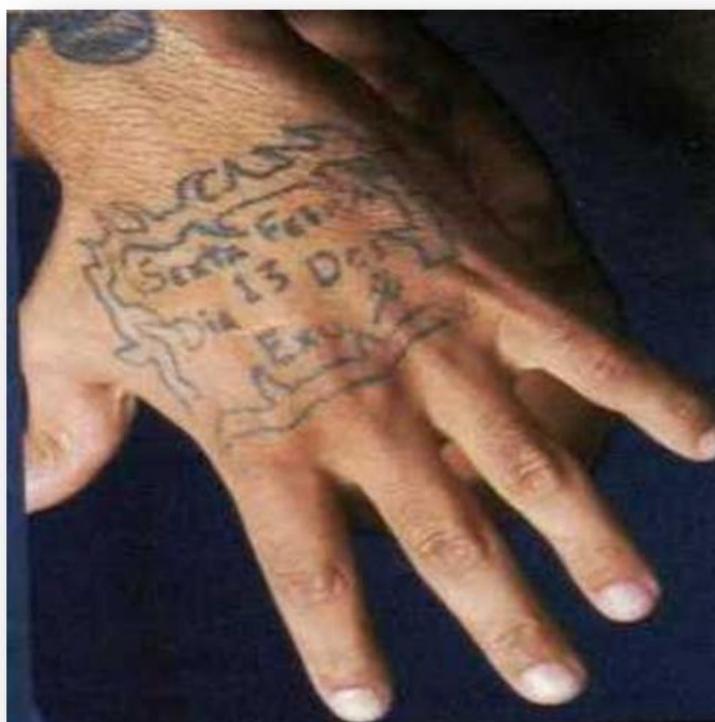
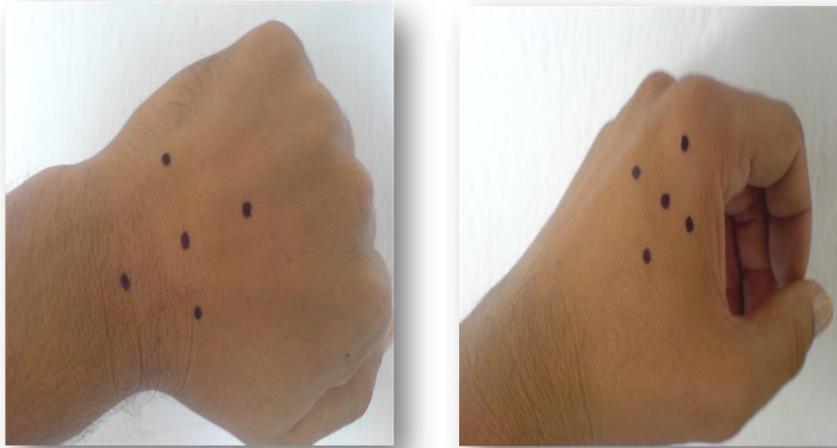


Imagem 101: A tatuagem como pedido de proteção - sexta feira “13”
Fonte: Revista superinteressante. edição 159 dez/2000.

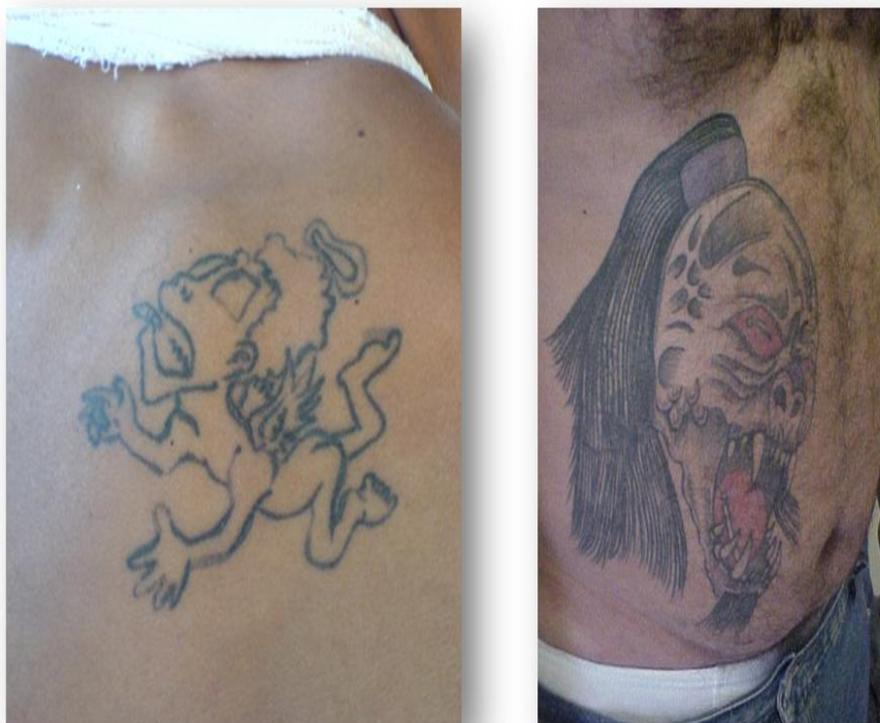
Através do próprio corpo, o homem concebe relações com valores centrais de seu lugar, utilizando-se dele para simbolizar mecanismos de inclusão e diferenciação através dos variados desenhos corporais. Por exemplo, os pontos nas mãos (imagens 102 e 103) funcionam como se fossem insígnias militares no âmbito prisional. As mãos servem de registros que apresentam patentes e impõem hierarquias: quanto maior o número de pontos, mais alta a “patente” do recluso. Em entrevista a um sujeito de que cumpre pena privativa de liberdade lhe foi perguntado como funciona a tatuagem no

meio prisional. Sua resposta mostrou que muitos a usam para se identificarem como “malandro”, como uma forma de aceitação no grupo.



Imagens 102 e 103: A hierarquia das mãos
Um ponto em cada extremidade de uma estrela, homicídio.
Foto: Alexsandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

Outra forma de representação do desenho corporal no ambiente prisional é como desejo de proteção em altares feitos para adoração, seja nos espaços protestantes, católicos ou nas tendas de umbanda dentro dos pavilhões. No constante desejo de sobrevivência, os presidiários tatuam imagens sacras, anjos (imagem 104) ou mesmo demônios (imagens 105).



Imagens 104 e 105: A tatuagem entre anjos e demônios - a proteção
Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba
Foto: Alessandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

Em determinados momentos da pesquisa o nosso olhar analítico fez a diferença, são tantas as tatuagens que passam a nossa frente, que chega a ser difícil qual escolher, já que são inúmeros os significados. Optamos neste olhar analítico por três situações adversas: religiosidade, a encarnação do eu, a afetividade silenciosa.

A diversidade religiosa nos presídios é algo interessante, pois, num espaço de dor e restrições, os credos religiosos passeiam estampados nos corpos dos presidiários.

A religiosidade está comumente presente na simbologia tradicional que é a cruz, como podemos ver na imagem 106 que o recluso “Sandro” relata: “*a cruz desenhada no meu braço apresenta-se como escudo protetor que evita a perfuração de bala ou faca*”. Imaginárias, essas cruzes obviamente remetem ao elemento religioso, mas, nas suas formas disformes, abrem espaço para múltiplas interpretações situadas no olhar do outro.



Imagem 106: A Cruz: símbolo de religiosidade
“Sandro” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alexsandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

O retrato do Cristo na imagem 107 encontrado em uma cela vazia (imagem 108) foi algo curioso, pois aquela imagem de um desenho corporal nas costas do recluso demonstrada na fotografia me levou a questionar se ele não estaria se colocando como o próprio Redentor, passando por provações? Cristo este que não vemos o corpo, pois o corpo, talvez, fosse o do próprio sujeito privado de sua liberdade. O Cristo não tem corpo, somente a cabeça cravada por uma coroa de espinhos, de onde jorra o sangue, representação do seu sofrimento pessoal na cadeia? Decapitado, nem suas mãos se prendem à madeira. Não teria havido tempo para completar, pois, a liberdade lhe alcançou? Não estaria mais ali a mão que desenhou a tela corporal? Não seria a mutilação de Cristo uma alegoria da própria condição de destroço humano do recluso?



Imagens 107 e 108: O “eu” Cristo e a cela vazia

Imagem encontrada dentro de uma cela vazia

Foto: Alexsandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

Outra foto que merece destaque representa uma intertextualidade visual: trata-se da tatuagem de um papagaio – ave típica de nosso país encenando no corpo do recluso “Sandro”, no Conjunto Penal de Feira de Santana-BA a história vivida extramuros, em que seu animal de estimação que o acompanhou por tantos momentos morrerá apaixonado com a sua saída do lar para cumprir pena restritiva de liberdade. Com os olhos cheios de lágrimas, o recluso comentou a respeito da imagem 109: *“esta imagem foi marcada em meu corpo para representar um momento interrompido em minha vida. Sei que ao retornar para minha casa e ver que ele [o papagaio] não estará mais lá, ele seguirá seu curso – essa é minha forma de homenagear aquele que foi meu único amigo”*.



Imagem 109: “Meu papagaio – único amigo”
“Sandro” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA

Foto: Alessandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

Ao investigar os desenhos nos presídios, é preciso estar atento às mudanças de significações dos símbolos, pois, em cárcere, estes sofrem ressignificações, e o valor semântico de uma imagem dentro deste ambiente pode ser totalmente transformado. Devo considerar, sob esta perspectiva, que o valor da imagem é construído pelo meio social, pelo grupo que a utiliza. Partindo do pressuposto de que o desenho se caracteriza, como afirmam Trinchão e Oliveira (1998, p.157), pelo “confronto entre a mudança e a permanência no devir histórico”, há nas tatuagens um conflito entre valores simbólicos pré-estabelecidos, conhecidos pela sociedade e valores simbólicos criados para comunicar um crime ou a sensualidade da jovem amada tatuada no braço que busca interação com o mundo da mesma forma que todo e qualquer elemento de estudo científico que se traduz em um movimento conflitante entre valores que querem emergir sobre valores que são submetidos ao esquecimento.

Na penitenciária, tudo isso é sinônimo de sobrevivência. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social. Cada detalhe tem um sentido inteligível

aos membros do grupo. Ao mesmo tempo em que o espaço faz lembrar uma maneira de ser comum a muitos homens, faz lembrar, também, costumes distintos, de outros tempos.

Tal experiência foi contada por “BOY” - um jovem de 39 anos, tatuador profissional, recluso há 11 anos pelo crime de homicídio. Esta profissão apreendeu ao tatuar em seu corpo sete tatuagens que o acompanham desde os quatorze anos das quais uma vista na imagem 110, por indução, influência de amigos, como o próprio entrevistado afirma. As tatuagens foram feitas num período de infância, mas o entrevistado que hoje é um renomado tatuador profissional, aprendendo a profissão admirando outros tatuadores. A sua fama, que já era grande na sociedade extra-muro, agora percorre os quatro cantos do Conjunto Penal de Feira de Santana-BA, o qual é procurado por outros detentos das mais variadas faixas etárias e desejos de expressão corporal.



Imagem 110: Tatuagens feitas aos 14 anos
“Boy” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA

Foto: Alessandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

Ao ser perguntado se a tatuagem no meio prisional estaria ligada a crimes, “boy” teve o cuidado de perguntar se realmente era para ser sincero, respondendo: “Devido ao período, hoje é vista como estética” Na sua maioria, é utilizada a técnica do arranhado, com um motor, um garfo e uma agulha feita de forma artesanal, com tinta guache, adicionada na ponta da agulha e o motor fazendo o papel da caneta.

Apesar dos riscos, pode-se perceber o fascínio de Boy ao ser perguntado o que significa para ele a tatuagem no corpo. Ele mostra que na formação de tatuador, lhe prazer em primeiro lugar, por ser uma arte em que o tatuador é um artista. Em contraponto ao fascínio, vem a preocupação quanto ao seu corpo tatuado e a possibilidade de fazer outras, uma vez que, segundo ele, a discriminação rodeia aqueles que são tatuados, sendo esta visão uma hipocrisia, pois quem na realidade é estigmatizado, em sua maioria, são os de condição financeira baixa.

Também foi perguntado a Boy, o que leva as pessoas a se tatuarem. A resposta é clara para ele: na sua maioria, é a estética, a exemplo da imagem 111, pois onde muitos não sabem o que estão colocando no corpo, outra motivação é a homenagem a familiares. Mas, na sua visão de tatuador, quando um ao vê o outro tatuado, imprime-se em seu rosto a busca do prazer da arte. Ele então declara que procura aconselhar para que esses não se arrependam depois, uma vez que, como já fora citado, a discriminação estará sempre presente. Ele mesmo já foi vítima em ambiente público (enquanto livre) por um segurança que o descriminou chamando-o de vagabundo. Enquanto preso, já foi descriminado por populares em dias de visita, uma vez que, como citou, alguns vêem a tatuagem como um complemento da farda usada na penitenciária.

Finalizando a entrevista com “Boy” foi-lhe perguntado se, caso pudesse voltar no tempo, faria tatuagens em seu corpo. Para nossa surpresa ele disse que não, pelo preconceito que ainda existente. E que, com certeza, as suas serão motivos de arrependimento futuro, pois, uma coisa é amar o que faz, outra é viver sob o olhar alheio ao ouvir o portão da penitenciária se fechando e o colocando em um mundo que deixou há onze anos para trás.



Imagem 111: Tatuagens- uma forma de estética
“Boy” – cumpre pena privativa de liberdade
Conjunto Penal de Feira de Santana-BA
Foto: Alessandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal.

O convívio nas prisões, apesar das regras, permite a formação de grupos que, devido a alguns costumes em comum, fazem o recuso se lembrar de pessoas e relações sociais ligadas a ele. Enfim traduz as lembranças em imagens, possibilitando o reconhecimento da tatuagem como forma de linguagem servindo de meio de comunicação de ideias ou sentimentos como “qualquer vestígio visível e relativamente duradouro; sinal, marca, cicatriz” (FERNANDES, 1995, p.65). Mas não um mero canal de comunicação, e sim um meio comunicativo que exprime a intenção de um sujeito, seu posicionamento em meio ao mundo.

3.2 A TATUAGEM NA SOCIEDADE DOS LIVRES SOCIALMENTE

Ao trabalhar a tatuagem feita no meio social, busquei identificar os sujeitos que a utilizam como parte integrante da sociedade dos livres socialmente. Mas o que se entende por livre? Fernandes (1995, p. 68) vê a palavra como “aquele que tem liberdade”, me levando a questionar se os sujeitos privados de liberdade, mesmo encarcerados não são livres para tatuarem seus corpos? Qual seria a diferença entre as duas sociedades?

Em laboratórios hoje já credenciados pelas secretarias municipais de saúde, tatuadores profissionais realizam uma verdadeira exposição de beleza e arte corporal com desenhos que vão desde os anseios familiares e amorosos até desenhos copiados dos meios de comunicação.

Encontrar alguém hoje que não tenha ao menos imaginado seu corpo grafado é algo difícil, tornando possível a perda do estigma de marginalidade que costumava caracterizá-la. A tatuagem está nos corpos de pessoas de várias idades e classes sociais e inclusive as do meio artístico, que influenciam demasiadamente público. De uma simples marca tribal até gigantescos dragões, elas deixaram a clandestinidade para ganhar as ruas. As tatuagens hoje, no mundo da estética, são muito bem recebidas, passando a ser reconhecidas como arte, devido à realização de encontros e convenções para a competição entre os melhores trabalhos, atualização e modernização dos métodos de aplicação e de assepsia. “Butterfly”, estudante de direito de uma faculdade particular de Feira de Santana-BA, mostra na imagem 112 seu desejo de ascensão profissional representada pelo vôo cada vez mais alto de uma borboleta, relatando “*como sei que estaria colocando em meu corpo algo que irá me acompanhar durante toda a minha vida, procurei um profissional conceituado e o resultado foi formidável*”.



Imagem 112: Tatuagem em laboratório
“Butterfly”- estudante de Direito
Foto: Alessandro Malaquias, 2010. Acervo pessoal

A sociedade impõe suas regras do que considera belo, levando à transformação do corpo que, para alguns, continua inacabado. É crescente a associação do corpo modelado ao uso de tatuagens e marcas corporais como forma de complementação do que o sujeito julga estar inacabado, levando ao questionamento de uma identidade pessoal, já que o corpo, em alguns casos, possui status de acessório.

Baseadas em filosofias de seus adeptos, as chamadas *body modifications* (modificações corporais) usam um processo lento em que vão se transformando em bichos. Exemplo vivo da técnica no Brasil é o chamado “Homem lagarto” (imagens 113,114 e 115), inspirado no homem aranha, personagem dos quadrinhos, que bifurcou a língua cirurgicamente, implantou garras nos dedos, tatuou escamas nos braços, no rosto e no corpo e aplicou sob a pele que cobre a coluna salientes espinhas de animal, submetendo-se a mais de seiscentas horas de tatuagem.



Imagens 113,114 e 115: O homem largato
Fonte: Revista Arte Tattoo, 2009. Acervo Pessoal.

Outro exemplo é Etienne Dumont - jornalista e crítico suíço da Tribune de Genève, que tem o corpo todo tatuado com cores vivas e vários implantes de silicone e *piercings*, incluindo um par de cornos e rodela de 70 mm nas orelhas. Em entrevista, a revista *Arte Tattoo*, diz sentir-se bem com a sua imagem excêntrica (imagem 116) e revela não ter família, o que se pode compreender facilmente. É assim porque quer e gosta⁵⁵.

⁵⁵ modbody.wordpress.com/body-extreme-mod/



Imagem 116:O excêntrico
Fonte: Revista Arte Tatto, 2009.

Sipans (2009, pp.16-21), questiona este padrão de beleza e perfeição referido às mudanças realizadas no corpo, ao fazer um ensaio fotográfico com Natália Cristina Araújo, jovem tatuadora de 23 anos, com jeito meigo e feminino, e no corpo dezoito tatuagens. O que para alguns é um exagero o número de tatuagens, sendo comparado a uma folha manchada, para Priscila e Natalia é “show de sensualidade e sinônimo de afetividade”, a exemplo da tatuagem do retrato da mãe no ombro esquerdo (imagem 117): “foi o jeito que encontrei de homenagear minha mãe e de quebrar o receio que ela tinha com essa arte” (p.19). Priscila se mostra fascinada pelo trabalho e determinação de Natália, que se diz realizada quando vê que ajudou a contribuir para a realização do sonho de alguém: “me sinto como se ganhasse o mundo” (p.20).



Imagem 117 : Tatuagem e a linguagem de sensualidade
Fonte: Revista Tatuagem, arte e comportamento, 2010.

3.3 A TATUAGEM NA ATUALIDADE: QUEBRAS DE TABU

O preconceito ainda persiste no olhar alheio, pois, apesar da abertura social do uso da tatuagem com o surgimento dos laboratórios, as pessoas de classes baixas e que vivem à margem da sociedade ainda são vistas de forma discriminatória, por não terem condição de aplicarem em seus corpos tatuagens ditas esteticamente bem elaboradas pela visão social.

A tatuagem vem sendo adotada por outros segmentos sociais, como, por exemplo, algumas personalidades do meio artístico. E isso tem contribuído para amenizar o estigma da tatuagem como marca marginalizada. As tatuagens conquistaram a pele de modelos e de adolescentes. Mesmo sendo combatido socialmente, o estigma ainda passeia no meio social a exemplo de profissões da área de saúde, como relata a

jovem “Saúde”, de 26 anos, estudante de enfermagem de uma faculdade particular da cidade de Feira de Santana-Ba (imagem 118), afirmando que em alguns hospitais, “a tatuagem pode ser encarada como desvario ou um perigoso sinal de desleixo, sendo escondida por baixo do jaleco (...) *“minha rosa tatuada no ombro é uma homenagem à mulher brasileira – guerreira que não perde a sensualidade”*

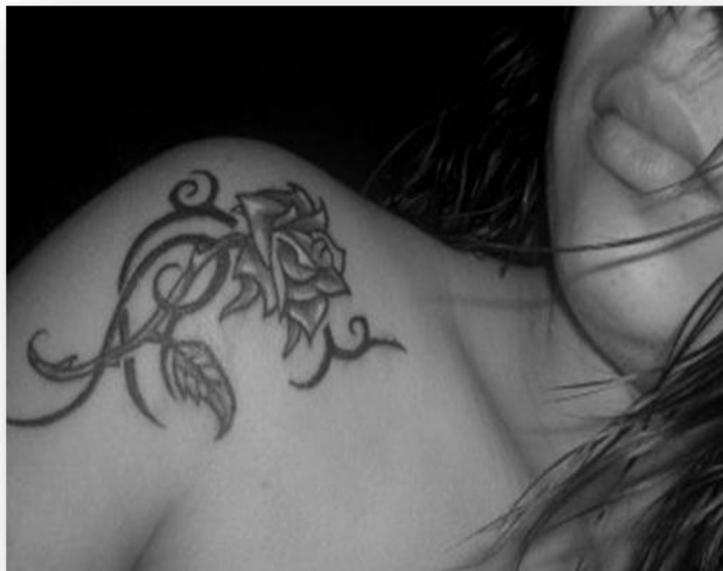


Imagem 118: Camuflagem das marcas – Estudante de enfermagem
“Saúde” – estudante de enfermagem

Foto: Alessandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal

Silvana Case, vice-presidente da Catho e consultora especializada em selecionar executivos, em entrevista à repórter Mariana Mello da Revista Superinteressante⁵⁶, afirma que, para cargos mais altos, as empresas solicitam perfis tradicionais. Para os que possuem tatuagens, acabam por adotar o uso de roupas amplas e desleigos para esconder o corpo desenhado e preservar o emprego. Usam blusas que chegam até o cotovelo, e cobrem o pescoço.

Katia Marcolino, 32 anos, analista de sistema de uma multinacional e bastante tatuada em entrevista a revista Tatuagem arte e comportamento, relata: *“Perdi a conta de quantas vezes me perguntaram se eu vendo drogas. Infelizmente a tatuagem ainda*

⁵⁶ <http://revistalingua.uol.com.br,edição 55>

é vista como sinônimo de irresponsabilidade". Não gosto que me rotulem, porque não sou lata de óleo nem vidro de maionese"⁵⁷

Na visão antropológica de alguns especialistas, ao avaliarmos os costumes alheios, temos tendência de partir de nossos valores culturais, o que representa uma atitude etnocêntrica. Quando isso acontece, corremos o risco de procurar no outro o que lhes falta e esquecemos ver com clareza o que ele é de fato.

O preconceito leva à discriminação quando pessoas são classificadas pela sociedade como "diferentes" (tais como pobres, negros, homossexuais, mulheres, idosos, loucos e tantos outros), sendo considerados inferiores e excluídos dos privilégios desfrutados por aqueles que se consideram "melhores".

“Tai”, estudante de Direito de uma faculdade particular da cidade de Feira de Santana, demonstrou não estar preocupada com o preconceito social, uma vez que entrevista que seus ideais ao fazer a tatuagem lhe deram a certeza de que não há motivo para qualquer arrependimento. Com três tatuagens em partes diferentes do corpo, define-as como linguagem de afetividade e demonstração do amor pela família e pelas coisas que acredita. A primeira tatuada no pescoço são “ *as três borboletas, representam minhas duas irmãs e eu, feitas como um selo de nossa aproximação*” (imagem 119). A segunda traz as inscrições “ l” e “m”: “ *iniciais de meus pais*”; e a terceira, uma estrela pulso esquerdo “ *é meu o nome de origem tupy, que significa estrela*”(imagem 120).

Ao ser perguntada se já sofreu algum tipo de discriminação por usar tatuagem ou conhece alguém que já tenha passado por esta situação , respondeu afirmativamente e deixou claro que o estigma existe e é uma influência social.

⁵⁷MELLO, Mariana. Arte à flor da pele. Revista Superinteressante. Ed. 272, dez/2009 -



Imagem 119 e 120: Tatuagens expressando afetividade familiar
 “Tai” - estudante de direito

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo pessoal

“Tibi”, 29 anos estudante de ciências contábeis em uma faculdade particular, com uma tatuagem nas costas, assim se justifica *“representa a mulher da minha vida, minha esposa, minha companheira. Foi uma forma de mostrar o quanto a amo”*. E revela ter a pretensão de fazer uma segunda tatuagem em homenagem ao seu filho recém nascido a quem chama de *“o bem mais valioso da minha vida, (meu filho)”*. Também ficou evidente que a paixão pela tatuagem existe desde criança *“sempre tive paixão por desenhos, e quando via alguém tatuado, ficava na expectativa de quando completar 18 anos fazer a primeira”*. Assim ele fala do fascínio pela tatuagem que considera *“uma forma de expressar o amor pelas pessoas que amo e o quanto gosto de desenhos, e também pela perfeição de alguns desenhos que os tatuadores reproduzem com muita perfeição”*.

Ao ser perguntado sobre preconceito, não pensa muito e logo responde: *“apesar de não ter sofrido tal estigma, mas conheço pessoas que sofreram uma certa discriminação, pois outras pessoas com uma mentalidade antiquada que julgam uma pessoa por suas tatuagens”*.

3.4 O USO DAS MÁQUINAS NO DESENHO CORPORAL: DA MÁQUINA ELÉTRICA AS REINVENÇÃO NOS PRESÍDIOS

Buscando mostrar diferenças, mas também contrapondo as formas de se tatuar nas sociedades dos privados de liberdade e dos livres socialmente, vale ressaltar que nos espaços prisionais a técnica é precária e improvisada sem assepsia, enquanto que nos outros espaços existe a possibilidade das técnicas profissionais.

Rodrigues (2003, p. 03), fala que a famosa máquina de tatuagem sempre causou um grande fascínio entre tatuadores, tatuados e amantes da arte, o que a levou a fazer uma matéria possibilitando viajar no tempo mostrando o surgimento, a evolução, as aplicações, peças e funcionamento desta fascinante máquina de colorir.



Imagens 121 e 122: Do projeto à tatuagem

Fonte: www.google.com.br/images

Segundo a redatora, a evolução das tatuagens passou pelo aperfeiçoamento dos instrumentos utilizados, tendo como ponto de partida a criação da máquina elétrica em 1876, por Thomas Edison, que a patenteou, ficando conhecida como impressora autográfica, criada com a finalidade de ser um dispositivo de gravações em superfícies duras. Por não obter sucesso comercial embora vista como grande potencial em 1880

por Samuel F. O'Reilly - americano residido em Nova York, a impressora autográfica ou pena elétrica recebeu a adição de agulhas múltiplas e de um reservatório de tinta. Quando a máquina oscilasse eletromagneticamente, movimentava as agulhas. O que antes era algo desacreditado, agora era produzido sob o incentivo demanda tatuagens mais elaboradas e um método mais rápido, dando uma nova estética e modernidade às tatuagens. No dia 8 de dezembro de 1891, Samuel O'Reilly patenteou a máquina de tatuagem nos Estados Unidos, contribuindo para que outros tatuadores dessem suas contribuições e submetessem a máquina a algumas mudanças e evoluções, chegando aos modelos atuais como caracterizados no Quadro Analítico 01:

A Evolução da Máquina de Tatuagem

INVENTOR	ANO	CARACTERISTICAS
Charlie Wagner	1904	Máquina de tatuagem constituída de um par de bobinas.
Percy Waters	1920	Máquina de tatuagem no formato das máquinas atuais.
Frank Eliscu Etal	1950	Projeto de um instrumento cirúrgico para a injeção intradermal dos líquidos, o equipamento se assemelha em formato a uma caneta.
Carol Nightingale	1970	O modelo mais próximo das máquinas atuais.

Quadro conceitual 02: A Evolução da Máquina de Tatuagem

Fonte: Alessandro Malaquias, 2011.

3.4.1 A máquina elétrica na sociedade dos livres socialmente

Hoje em dia, encontram-se máquinas em diversos formatos, com designs futuristas e materiais mais leves e resistentes, provenientes de diversas fábricas e marcas espalhadas pelo mundo. Porém, geralmente baseiam-se no mesmo funcionamento da máquina patenteada na década de 70. Na atualidade é as máquinas são usadas também na maquiagem definitiva ou micro pigmentação com finalidade de embelezar, mas também de corrigir. Esta técnica milenar de pigmentação é bastante utilizada na correção de zonas inestésicas, como sobrancelhas, lábios e também em casos de pequenas alopecias⁵⁸.

⁵⁸ Quedas de cabelo.

A micropigmentação é bastante usada para embelezamento, realçando os traços naturais. Para a realização da Maquiagem Definitiva, os profissionais podem optar dentre outras, atualmente por três modelos de máquinas, sendo que cada uma produz um resultado diferente. São elas:

- Máquina de tatuagem tradicional (imagem 123) ou máquina de relê, constituída de duas bobinas. (Mais detalhada nos tópicos peças e funcionamento).

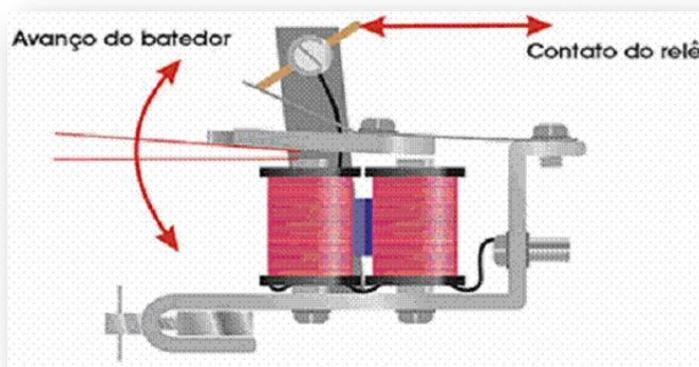


Imagem 123: Máquina de tatuar de relê

Fonte: www.google.com.br/images

- Máquinas rotativas (imagem 124), constituídas de: plugs, motor elétrico, engrenagem, estabilizador, engate da biqueira, biqueira. As Máquinas rotativas não possuem bobinas.



Imagem 124: Máquina de tatuar rotativa

Fonte: www.google.com.br/images

- Máquina rotativa (imagem 125) em forma de caneta com ponteira descartável.

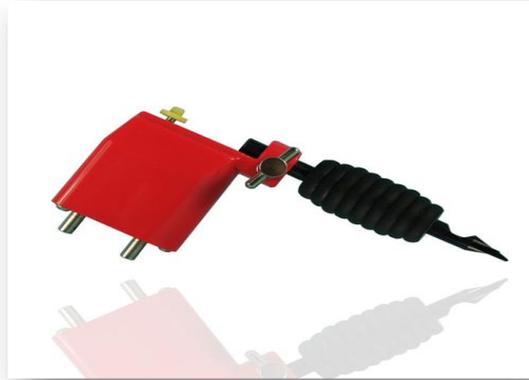


Imagem 125: Máquina de tatuar/caneta
Fonte: www.google.com.br/images

As máquinas de tatuagens atuais têm sido bastante empregadas também na biologia. O projeto de lei sobre pesquisas em animais protege a tatuagem como finalidade de identificação do animal, pois este processo causa apenas dor momentânea. Sendo assim, diversos biólogos e cientistas têm feito uso da máquina elétrica de tatuagem para marcação e identificação de diversas espécies em suas pesquisas.

Outras técnicas são mais complexas e exigem procedimentos especializados e cuidados maiores com a recuperação, como o caso da cirurgia para partir a língua ao meio. Essa cirurgia é realizada desde o século VI, e voltou a ser depois praticada na década de 90 por jovens que queriam ter uma língua semelhante a das cobras. E para quem gosta de tatuagem, uma nova modalidade vem ganhando adeptos rapidamente: a tatuagem nos olhos. Embora seja perigosa e contra-indicada pela maioria dos profissionais de saúde, muitas pessoas continuam tatuando os olhos (imagem 126). A mania começou em 2008, e pode provocar até perda total da visão, já que a tatuagem nos olhos é feita com agulha também. O tempo de recuperação do procedimento é indefinido, e existe o risco da pessoa contrair infecções virais ou bacterianas.



Imagem 126: Tatuagem no olho

Fonte: www.google.com.br/images

Assim, ao longo da história as máquinas de tatuar tiveram suas evoluções, permitindo que sujeitos livres socialmente pudessem ter em seus corpos as mais variadas grafias corporais.

3.4.2 a máquina de tatuar: a reinvenção pela sociedade dos privados de liberdade

Entre os sujeitos privados de liberdade – presidiários, é comum serem encontrados máquinas de tatuar ditas caseiras. As tatuagens é algo que fascina os sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade porque a criatividade é algo admirável. Com uso de lâminas e tinta de caneta, os reclusos improvisam para marcar na pele alguma mensagem. A fabricação de pistolas bem elaboradas como na imagem 127 permite desenhos mais complexos e bem feitos. Um motor elétrico conectado a algumas pilhas aciona uma espécie de caneta pontiaguda, que facilita o trabalho.



Imagem 127: O reinventar no presídio

Fonte: www.google.com.br/images

Improvizando com barbeadores, cordas de violão e seringas, a fabricação chega a ser curiosa, a exemplo da imagem 128, que mostra uma máquina de tatuagem construída a partir de um Playstation. O recluso desmanchou o aparelho e colocou um motor, uma caneta e tinta na carcaça.

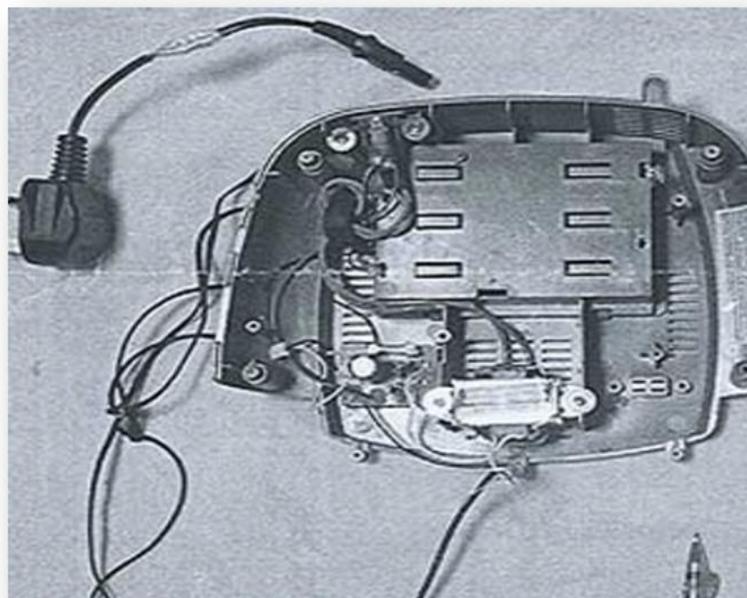


Imagem 128: A máquina de tatuar construída a partir de um Playstation

Fonte: www.google.com.br/images

Outra máquina, (imagem 129), foi feita com um motor de carrinho, uma lapiseira, uma corda de violão e fita isolante, sendo ligado em um motor de fonte 12v de celular na tomada. O motor gira e empurra e puxa a corda na ponta da lapiseira, molhando-a no nanquim e perfurando a pele.



Imagem 129: Máquina de tatuar feita com motores
Fonte: www.google.com.br/images

Em uma das revistas feitas em um presídio, foi encontrado um verdadeiro projeto de como elaborar uma dessas máquinas, destacando todo material necessário e as etapas para o processo de fabricação, como visto na imagem 130.

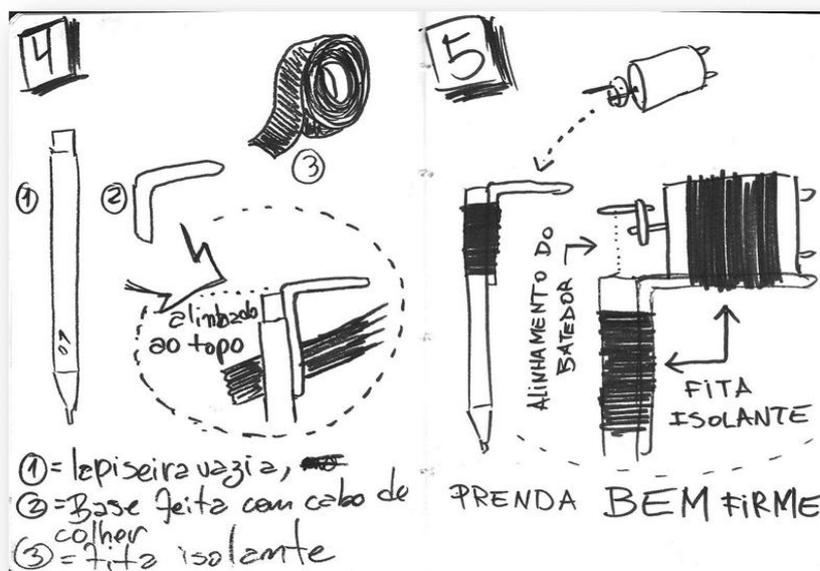


Imagem 130: O projeto da máquina de tatuar

Fonte: www.google.com.br/images

Assim, seja de forma profissional ou nas invenções feitas no interior das prisões, o desejo de manifestar graficamente o corpo está exposto nas máquinas de tatuar.

3.5 A TATUAGEM RECONSTITUINDO A HISTÓRIA DAS IDENTIDADES ESQUECIDAS: O MUSEU DO CARANDIRU

O Museu do Carandiru, localizado na cidade São Paulo, referencia viva do maior Complexo Penitenciário da América Latina, o “Carandiru”,⁵⁹ inaugurado com a finalidade de receber presos que aguardavam julgamento ou vagas em outras unidades prisionais, tornando-se um dos maiores depósitos de presos do mundo, chegando a contar com 8.200 cumpridores de todo tipo de pena, em uma área construída de 65.638 m², dividida em nove pavimentos (imagem 131) e guardião dos registros fotográficos da instituição, permitindo um retorno ao passado para reconstituir a história de identidades

⁵⁹ Sua construção é do Engenheiro/Arquiteto Samul das Neves. Foi desativado e parcialmente demolido em 2002 no governo de Geraldo Alckmin, no local foi contruído o *Parque da Juventude*.

perdidas. As tatuagens em sujeitos restritos de liberdade que ali se aglomeravam foram analisadas por Moraes Melo (1920), Drauzio Varella (1999), Rosangela Rennó (2003).



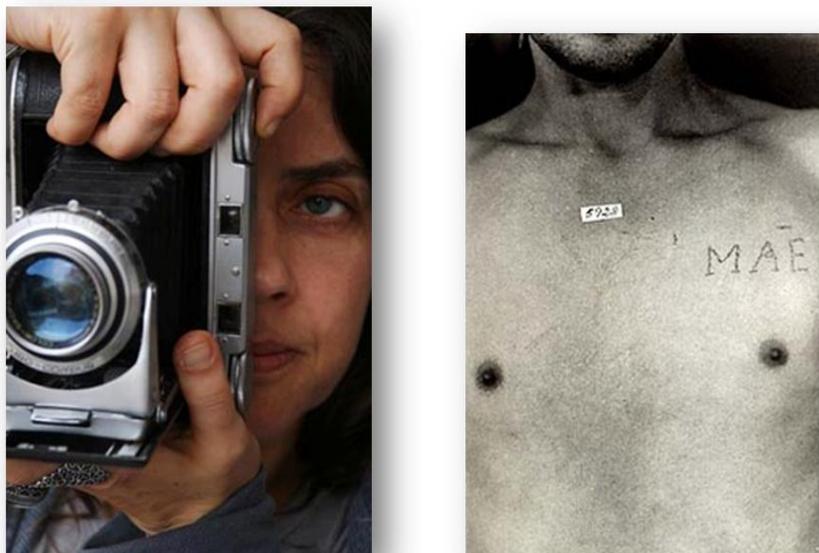
Imagem 131: “CARANDIRU”
Foto: Adilson Lucas, 2011. Acervo pessoal

Segundo Varella (1999, p.18), o médico psiquiatra doutor Moraes Mello, no ano de 1920, período em que foi inaugurado o famoso “Carandiru”, na qualidade de plantonista resolve, por conta própria, criar uma seção de criminologia, apaixonando-se por um tema que viria a se tornar fixação na sua vida: as tatuagens em presidiários, resultado da seleção de imagens realizadas pelo psiquiatra, sendo o primeiro a registrar com fotos e vivenciar as memórias nos corpos de presidiários do Brasil, o qual se tornou referência imprescindível para aqueles que se propõem a investigar o desenho corporal.

Ao registrar e analisar cerca de três mil diferentes marcas nos corpos dos detentos paulistas, categorizou tais códigos, levando o entender que tais sujeitos encarcerados usavam seus corpos como espaços para o deslizar das agulhas, delatando traços da personalidade com significados específicos restritos àqueles que perderam sua liberdade por sentença judicial, seja por motivações estéticas, ou como resultado do ócio nos tempos de privação de liberdade. As tatuagens carcerárias pesquisadas apontaram ainda para traços da personalidade do criminoso, mostrando tanto as especialidades do detento no mundo do crime, quanto os seus amores e preferências sexuais.

Moraes demonstra em seus relatos que, ao entrar na prisão, o sujeito advindo de uma liberdade passa agora por uma forma de rito ou cerimônias de iniciação no grupo por meio da tatuagem que permite a integração plena do sujeito recém chegado à prisão àquela nova cultura. Observa-se sempre um ritual em que a dor se impõe ao propósito da tatuagem como linguagem. Tal cerimônia é realizada para que sejam abandonadas velhas atitudes e novas sejam aceitas. A convivência com algumas pessoas deve ser deixadas para trás e novas pessoas passam a constituir o grupo de relacionamento direto. Um processo de iniciação envolve a construção de novos padrões, que passarão a nortear a nova conduta e existência.

A história relata os fatos através dos livros, hoje, os meios digitais os espalham pelo mundo; mas a fotografia nos permite exergar o que muitas vezes as palavras não conseguem. Vivenciar a exposição fotográfica *Cicatriz*, de Rosangela Rennó (2005), (imagem 132), realizada no acervo fotográfico da Casa de Detenção (SP), é a possibilidade de viajar a um mundo desconhecido socialmente (imagem 133). Os arquivos institucionais se apresentavam como um conjunto de enigmas, até o momento em que Renno procura a afetividade, a poesia, a revolta e a resistência dos signos que podem denunciar as imagens silenciadas em gavetas rodeadas pela poeira do tempo. A fotografia, então, revela o conjunto de tatuagens de detentos que evidencia um momento vivido no cárcere, a lente da máquina que serve de espelho permite a leitura dos desenhos corporais feitos na pele dos restritos de liberdade.



Imagens 132 e 133: Rosângela Rennó e “A última foto”.

Fonte: Revista Época, 2006.

Fotos: Fernando Rabelo.

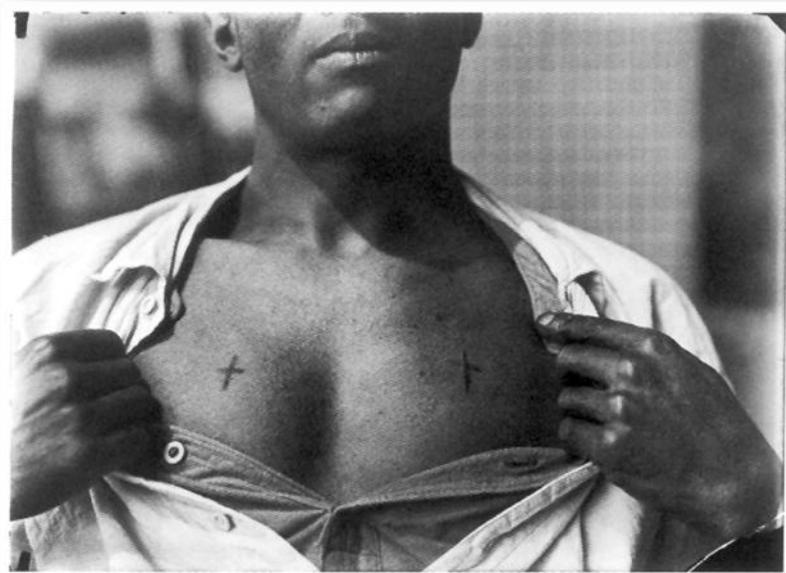
Rennó analisa cerca de quinze mil negativos, retirados entre o intervalo de 1920 e 1940, nos interiores da Penitenciária do Estado, no Complexo do Carandiru. Mesmo em estado deteriorado, desses negativos, apresentavam-se catalogados pelas identificações dos presidiários: pela cor da pele, por peso, altura, deformidades físicas, demências psíquicas, marcas corpóreas (tatuagens e cicatrizes).

A máquina fotográfica apresenta-se como um mecanismo eficiente de testemunhar como aquela experiência é real e ao mesmo tempo um convite à investigação dos discursos tatuados, onde permitindo ao espectador analisar a aparente visualidade exterior e um subtexto articulado entre os desenhos corporais, que agora são despertados do sono de 50 anos através de um trabalho de higienização e acondicionamento dos negativos, tirando do anonimato o acervo fotográfico de tatuagens do Carandiru⁶⁰.

Aqueles milhares de negativos, como pequenos museus portáteis, abrem atalhos para que se possa (re) desenhar a história imaginária, reconstituindo-a na busca destas identidades outrora esquecidas.

⁶⁰ A partir de negativo original do Museu Penitenciário Paulista. Coleções particulares, São Paulo

A fotógrafa se debruça na representação dos múltiplos lugares que se desenham no corpo do prisioneiro, constituindo um olhar sob as marcas que afloram numa superfície íntima como prova da completa diversidade e, em última instância, uma comprovação da presença do sujeito (imagem 134). O corpo passa a representar um ser-objeto, que rascunha em si próprio uma versão provisória das suas identidades, memórias, narrativas, dores e prazeres (imagem 135 e 136).



Imagens 134,135 e 136 - Da série Cicatriz, 1996 – 2003.
Foto: Rosângela Rennó/Projeto Cicatrizes, 2003.

Para falar da história, é preciso muitas vezes fazer parte dela, É este o caso de Drauzio Varella, que vivenciou as histórias do Complexo Penitenciário do Carandiru na qualidade de medico plantonista. E em seu livro “Estação Carandiru”, faz referência a essas identidades esquecidas. Como médico voluntário, a partir de 1989, na Casa de Detenção de São Paulo, realizou atendimentos em saúde, especialmente na prevenção da AIDS, relata o que ouviu ou presenciou dos presos.



Imagem 137: A diversidade de linguagem
Fonte: Estação Carandiru/ Varella, 2003

Em dez anos de convivência semanal registrados em *Estação Carandiru*, um livro que só pôde ser escrito graças à condição de médico do autor, Drauzio não adota um ponto de vista “médico”, um enfoque de especialista, não interpreta sua experiência nem emite juízos de valor sobre ela. Como norma, ele conduz o relato em função da proximidade direta que estabeleceu com as pessoas a quem se refere, sejam elas presas ou funcionárias, descrevendo coisas e pessoas concretas. Assim Drauzio dá à cidadela do Carandiru uma transparência difícil de ser obtida.

CAPÍTULO 4:

TATUAGEM:

Memórias na pele - a coleta

Neste capítulo, descrevo como se procedeu todo o processo da pesquisa de campo que teve início no dia 21 de março de 2011, se dando em duas fases: a realizada no Conjunto Penal de Feira de Santana-Bahia (imagem 138), bem como no meio acadêmico em faculdades da cidade e com apoio de tatuadores profissionais, possibilitando o conhecimento das motivações e técnicas usadas em ambos os ambientes, permitindo uma comparação ou mesmo uma afirmação de semelhança; e a segunda em ambiente virtual.



Imagem 138: Conjunto Penal de Feira de Santana

Foto: Adilson Lucas, 2011.

4.1 DOS SUJEITOS AO ATO FOTOGRÁFICO

A pesquisa foi dividida nos dois grupos: o Grupo Virtual – GV e o Grupo Presencial – GP, onde a participação dos sujeitos da pesquisa no referido estudo se limitou à realização de duas atividades: 1- permitir que o pesquisador fotografasse suas tatuagens, assinando um termo de autorização de veiculação de imagem; 2 - responder a um questionário, com perguntas sobre os temas, significados e técnicas, o qual fora

devidamente assinado, autorizando a utilização das informações na pesquisa e em espaços científicos e acadêmicos. Para a realização desta segunda etapa, havia também a possibilidade de optar por entrevista aberta, destacando o questionário.

O GV- grupo virtual, com um total de 4 (quatro) sujeitos, formado por colaboradores e interessados pelo tema tatuagem, que se dispuseram a participar através dos sites sociais Facebook e Orkut. Com este grupo apliquei, o questionário, enviando-o por e-mail, após os colaboradores terem recebido previamente um convite oficial e o TCLE -Termo de Consentimento Livre Esclarecido, apresentando motivações e relevância da participação dos mesmos na pesquisa, os quais retornaram com a sinalização do acordo, devolvendo devidamente o questionário escaneado com assinatura e enviando-o virtualmente ou via correio endereçado ao pesquisador.

O segundo grupo, GP – grupo presencial, quanto aos sujeitos livres socialmente participantes foram divididos da seguinte forma: 1 (um) tatuador profissional (devidamente oficializado pela Secretário Municipal de Saúde de Feira de Santana-Ba), 1(um) não tatuado e 4 (quatro) estudantes tatuados de faculdades da cidade de Feira de Santana-BA, num total de 6 (seis) sujeitos. Os sujeitos privados de liberdade foram divididos em: 6 (seis) reclusos, sendo que um deles atua como tatuador, profissão exercida antes de ser sentenciado.

O GP teve como ponto de partida os sujeitos que cumprem penas privativas de liberdade. Através de contato com o diretor adjunto da instituição, foi-nos fornecida uma sala para que fossem feitas as entrevistas ou o preenchimento do questionário por parte dos reclusos, os quais tiveram a possibilidade de escolher o método.

Acompanhados de um representante do setor de direitos humanos ou algum agente penitenciária a sua escolha, tivemos o cuidado de apresentar o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que o recluso entendesse as motivações da pesquisa. Só então, após tiradas as dúvidas, foi realizada a pesquisa. A atividade fotográfica das tatuagens foi realizada entre os sujeitos privados de liberdade na própria sala selecionada para a pesquisa, após assinatura do Termo de Autorização de Veiculação de Imagem, ressaltando o destaque na tatuagem, sem qualquer identificação do sujeito. Inclusive o nome que aparece na pesquisa é fictício, tendo sido escolhido pelo próprio colaborador. A escolha dos reclusos se deu com o apoio do diretor adjunto e agentes penitenciários, que mantiveram contato com os reclusos e se mostraram à vontade para participar da pesquisa.

Já com os sujeitos livres socialmente, a escolha foi feita mediante abordagens em seus locais de estudo e trabalho, sendo observadas as suas tatuagens. No caso dos que não possuem tatuagem, sua opinião sobre o assunto era captada apresentando-se dispostos a colaborar com a pesquisa com sua livre expressão. A atividade fotográfica das tatuagens foi realizada entre os sujeitos livres socialmente no mesmo local da entrevista, após assinatura do Termo de Autorização de Veiculação de Imagem, ressaltando o destaque na tatuagem, sem qualquer identificação do sujeito. Inclusive, o nome que aparece na pesquisa é fictício a escolha do mesmo.

4.2 A EXPERIÊNCIA COM OS GRUPOS

Estar frente a frente com o entrevistado, seja de forma presencial ou virtual, é um momento fascinante, porque o contato direto com aqueles que, por suas informações, possibilitaram o resultado do que antes era uma idéia, tornando-se um espelho norteador de fundamentos para as futuras gerações.

O ato presencial permite ao pesquisador vivenciar a fala do sujeito da pesquisa, viajando com ele em suas motivações para se tatuar, indo a razões guardadas na infância ou mesmo em momentos de perdas e saudades familiares.

4.2.1 O GV – Grupo Virtual

Com o objetivo de abarcar aqueles que são conhecedores do objetivo desta pesquisa e da relevância da mesma, o grupo foi criado permitindo que pesquisador e sujeitos separados pela distância se aproximassem por meio das novas tecnologias. Os sujeitos virtuais tiveram a possibilidade de interagir com o pesquisador, expondo suas opiniões sobre o corpo, a tatuagem e os estigmas. Os 4 (quatro) sujeitos que se propuseram a participar da pesquisa não possuem tatuagem, mas sendo que dois deles realizaram ato fotográfico enviando-me materiais que colaboraram bastante com o

desenvolvimento da pesquisa. Como não possuem tatuagem, responderam o questionário específico dos “não tatuados”.

Um dos colaboradores que contribuiu para esta pesquisa foi Iané de Albuquerque Predes, pesquisadora da UEFS, a qual desenvolveu pesquisa sobre a pintura indígena pataxó na cidade de Porto Seguro-BA, que gentilmente respondeu o questionário.

As imagens enviadas pela pesquisadora permitiram uma análise além das pinturas corporais do índio pataxó, onde foi verificado que, mesmo com a continuidade das tradições, esses índios sofreram ao longo de sua história uma influência de outros povos, permitindo-se o uso de tatuagens definitivas, algo que não era de costume no que se refere a este povo, que antes se dedicava à tatuagem temporária ou pintura corporal como eles chamam no uso e necessidades de seus costumes.

A pesquisadora vê tal influência devido a duas vertentes: saída de alguns integrantes do grupo para trabalharem ou estudarem fora da aldeia, ou a chegada de turistas que visitam a aldeia, trazendo suas tradições e absorvendo a dos índios - uma troca de cultura.

Assim podemos visualizar na imagem 140 a jovem índia pataxó, de costas, expondo suas geométricas pinturas e próximo do pescoço a tatuagem definitiva. Já na imagem 142, o índio pataxó demonstra sua arte ao pintar outro índio deixando à vista na mão direita tatuada definitivamente uma estrela chamada no mundo ocidental de “estrela de Davi”, colocada por muitos como símbolo de proteção divina e no braço direito, uma tatuagem definitiva em forma de tribal.



Imagens 141 e 142 : A tatuagem definitiva entre os índios pataxós
Foto: Ianê de Albuquerque Predes, 2011. Acervo Pessoal

O colaborador “Junior”, estudante de direito ao ser convidado, saiu a campo e conseguiu de uma colega tatuadora profissional um momento único, no qual a profissional da tatuagem o convidou para presenciar a realização do desenho corporal em um cliente, que escolheu a “fênix”. Curioso, o colaborador ao fazer às vezes de pesquisador perguntou à tatuadora o significado da ave, sendo respondido: *“a crença na ave lendária que renasce das próprias cinzas existiu em vários povos da antiguidade como gregos, egípcios e chineses. Na mitologia o significado é de ressurreição, esperança que nunca têm fim.”* O colaborador retirou a foto mediante permissão e autorização via assinatura de Termo de Veiculação de imagem e envio como visto na imagem 143.



Imagens 143: A tatuagem definitiva na visão do sujeito da pesquisa

Foto: “Junior”, 2011. Ato fotográfico realizado pelo colaborador

A pesquisa feita no grupo virtual foi para mim uma experiência inovadora, pois me permitiu alçar vôos altos, atingindo meus objetivos propostos, através das respostas transcritas na íntegra nos Quadro Analíticos de 01 a 05.

1. Qual a sua posição em relação à prática da tatuagem?

<p><i>SOUZA: funcionário público</i></p>	<p><i>“Particularmente não gosto de tatuagens, porém respeito quem as use, desde que não seja com frases ofensivas, ou com alusão a discriminação de algum grupo social ou étnico como é o caso dos “Skinheads”, fora isso, tatuagens como nomes de filhos, da mãe ou da namorada, ou declarações de amor, até me são simpáticas.”</i></p>
<p><i>JUNIOR: consultor de negócios</i></p>	<p><i>“Tenho certa resistência quanto ao tema, pois infelizmente por convivermos em uma sociedade preconceituosa onde a tatuagem não é bem quista, prefiro manter o conservadorismo e a minha opinião contra esta prática.”</i></p>
	<p><i>“Uma tatuagem querendo ou não, ela realmente cria um estigma. Acredito que uma pessoa tatuada é vista em determinado grupo social de uma forma diferente, principalmente quando o corpo é muito tatuado. Ela é vista</i></p>

<i>IANÉ: pesquisadora</i>	<i>(dependendo da quantidade) como uma ponte que une ou leva a marginalidade. Porém, existem os diferentes tipos de tatuagens, acho que até, aquela que acentua ou torna pública um pouco da personalidade de quem a usa. Por exemplo, um coração- talvez reflita em uma pessoa amorosa, carente”</i> .
<i>SOL NASCENTE: professora</i>	<i>“Pessoalmente eu não gosto! Acho que a tatuagem é mais um desses acessórios que passam a fazer parte da vida cotidiana de um sujeito e depois de algum tempo pode fazê-lo se arrepender, como já ocorreu na minha família”</i> .

Quadro analítico 01: A prática da tatuagem

O grupo virtual demonstra certo desconforto em relação a tatuagem, seja pela questão do preconceito relacionado, seja pela falta de motivação em tê-la. Entretanto, o grupo não é contrário a que se faça tatuagem.

2. Possui amigos que usam tatuagem?

<i>SOUZA: funcionário público</i>	<i>“sim alguns, inclusive um irmão e uma cunhada”</i> .
<i>JUNIOR: consultor de negócios</i>	<i>“SIM, Tanto no trabalho, como na faculdade e os mesmos sofrem discriminação por serem adeptos a esta pratica.”</i>
<i>IANÉ: pesquisadora</i>	<i>“Sim, vários e com variadas linguagens”</i> .
<i>Sol nascente:professora</i>	<i>“Sim, no meio acadêmico é comum o uso da tatuagem. É visto como moderno”</i> .

Quadro analítico 02: A tatuagem entre amigos

É unanime ao grupo o conhecimento de pessoas que possuem tatuagens, tornando-os próximos a elas, ficando claro que o uso é algo ligado a modernidade e aos costumes sociais de cada individuo.

3. Qual a reação quando vê pessoas com tatuagens ou tatuadas?

<i>SOUZA: funcionário público</i>	<i>“geralmente não sou muito simpático, pois tenho uma formação arraigada com relação a essa prática, porém com o convívio com as mesmas, algumas falsas impressões se dissolvem e desaparecem”.</i>
<i>JUNIOR: consultor de Negócios</i>	<i>“Depende do estilo, quando é de forma discreta geralmente passa de forma despercebida, mas quando o estilo é mais arrojado, dar a impressão de pessoas desregradas.”</i>
<i>IANÉ: pesquisadora</i>	<i>“Depende, é como expliquei acima. Os vários tipos de tatuagem leva a fazer uma leitura da personalidade. Se é uma tatuagem “leve”, “carinhosa”, acredito que não causa nenhum sentimento de repulsa. Porém, se eu vejo uma pessoa cheia de tatuagem de caveira, faça...claro que eu quero distância”.</i>
<i>SOL NASCENTE: professora</i>	<i>“Inicialmente, a minha reação ao ver pessoas tatuadas, é de julgamento, pois sou muito observadora e acho desnecessário desenhar algo no corpo de qualquer sujeito. Partindo deste pressuposto, analiso a pessoa tatuada a partir do que dela desenhou em seu corpo, mas essa avaliação inicial, geralmente, não socializo com ninguém. Virou modismo tatuar nomes, sobretudo de seus parceiros, como namorados e maridos. Na minha concepção, acho vulgar e extravagante. A maioria das pessoas que fazem inicialmente uma tatuagem, sempre acabam voltando a fazer outras. Inclusive uma amiga já afirmou isso e ela possui treze tatuagens em diversos lugares de seu corpo, sendo algumas bem visíveis, e sinalizou para mim que começou com apenas uma!”</i>

Quadro analítico 03: Olhar crítico quanto à tatuagem

O grupo revela dúvidas em relação as suas reações ante pessoas tatuadas: fazem juízos de valor a partir de suas crenças e conceitos ou buscam analisar os motivos ou concepções artísticas envolvidos no desenho.

4. Você conhece alguém que já sofreu algum tipo de discriminação por usar tatuagem? Se sim, como a pessoa agiu?

<p><i>SOUZA: funcionário público</i></p>	<p><i>“minha cunhada por exemplo foi desclassificada de um processo seletivo para uma empresa por usar tatuagem (uma das que ela usa está no pescoço, não me lembro o que é agora), e pelo fato dela usar cabelo curto, fica muito visível, o que desperta em muitos interesse e em outros rejeição, e acredito que o avaliador naquela oportunidade, levou em consideração não sua capacidade para a vaga para a qual estava concorrendo, apenas o fato de ser mais uma “mulher tatuada”.</i></p>
<p><i>JUNIOR: consultor de negócios</i></p>	<p><i>“SIM, Tenho uma colega de faculdade que ela é tatuadora e tem 40% do corpo tatuado, apesar de não ser nada do que dizem sobre ela, como: (drogada, desordeira, etc) ela convive constantemente sendo hostilizada. Por a conhecer fui em defesa a colega.”</i></p>
<p><i>IANÉ: pesquisadora</i></p>	<p><i>“Não. Pois acredito que o preconceito está na visão individual de cada um. Se não dou margem para esta prática negativa se torna algo imperceptível”</i></p>
<p><i>SOL NASCENTE: professora</i></p>	<p><i>“Sim. Meus irmãos. O mais velho foi discriminado quando foi procurar emprego, pois tinha uma tatuagem no antebraço. O outro, o mais novo tem tatuagens nas costas e nos braços, inclusive, as escondem quando vai visitar seus clientes, justificando que muitos as vêem de forma discriminada.”</i></p>

Quadro analítico 04: Discriminação pelo uso da tatuagem

Em sua maioria, os entrevistados anunciam conhecerem pessoas que sofreram algum tipo de discriminação por serem tatuadas, principalmente em situações profissionais ou trabalhistas. Isso pode revelar que a tatuagem ainda não é aceita em ambientes de trabalho, como que se alterasse alguma coisa no desempenho do indivíduo.

5. Conhece alguém que faça parte de algum grupo que use tatuagem? Se sim, essas tatuagens apresentam características semelhantes?

<i>SOUZA: funcionário público</i>	<i>“tive alguns amigos roqueiros, nesse grupo em particular, “estranho” é o que não se tatua, porem pelo fato de não ser muito fã de rock pesado, não cultivei essas amizades por muito tempo”.</i>
<i>JUNIOR: consultor de Negócios</i>	<i>“SIM, como disse anteriormente, essa colega tatuadora faz parte de uma comunidade de tatuadores e geralmente a vejo comentar sobre semelhanças nas tatuagens como: (fênix,tribal).”</i>
<i>IANÉ: pesquisadora</i>	<i>“Sim. Na pesquisa que desenvolvi observei que os índios criam suas tatuagens que acabam por se tornar uma identificação do grupo ”</i>
<i>SOL NASCENTE: professora</i>	<i>“Não conheço ninguém que faça parte de um grupo com as mesmas tatuagens. Aliás, eu nem sabia que isso ocorria!”</i>

Quadro analítico 05: Tatuagem ligada a grupo

Embora com algumas semelhanças entre os desenhos tatuados em pessoas que freqüentam os mesmos grupos, os entrevistados não demonstraram segurança ao se posicionarem sobre isso, declarando desconhecimento acerca desta padronização.

4.2.2 O GP – Grupo presencial: do cárcere ao direito de liberdade

A segunda fase da pesquisa, dividida entre pessoas livres e os privados de liberdade se deu de forma paralela. Os sujeitos livres e o tatuador profissional, foram entrevistados em seus próprios ambientes de estudo e trabalho, sendo possível a comodidade e tranqüilidade para resposta dos questionamentos, pois, assim como enxergam que as tatuagens foram feitas para serem expostas neste mundo externo, suas vozes puderam ecoar de maneira livre inclusive do preconceito do olhar alheio.

Os sujeitos em situação de cárcere, a citar os presidiários, encontram-se em situação de vulnerabilidade e de exclusão social. Mesmo assim, são por serem indispensáveis à pesquisa. Então a aplicação dos instrumentos de pesquisa – questionário, entrevista e seção fotográfica se deu em uma sala reservada, no setor administrativo do Conjunto Penal de Feira de Santana, conforme autorização do diretor da Instituição, na presença de colaborador do setor de direitos humanos da instituição e um colaborador escolhido pelo sujeito, evitando que a minha função de investigador da Polícia Civil, causasse qualquer forma de constrangimento ou fosse visto como forma de induzir o andamento da pesquisa.

Em visita inicial ao Conjunto Penal de Feira de Santana, onde por ordem judicial são levados aqueles que cometem delitos e são sentenciados a penas privativas de liberdade tive a oportunidade de conhecer sujeitos dos mais diversos níveis de periculosidade. Uma cidade/mundo dentro da cidade de Feira de Santana, localizada no bairro do Aviário, que recebe presos de todas as partes do Estado da Bahia, onde consegui relatos exclusivos do uso da tatuagem como linguagem de sobrevivência e busca de inclusão social

A jovem “Beija-flor” privada de liberdade relata sua experiência como os desenhos gráficos corporais através da tatuagem relatando: *“ao entrar no presídio tinha medo de perder minha essência. Apesar de ter perdido a liberdade não perdi o jeito feminino e a sensualidade”*. A representação de sua sensualidade está na imagem 144, onde a “flor” representa a delicadeza da mulher.



Imagens 144 : A tatuagem como linguagem de sensualidade.
Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba
Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo Pessoal

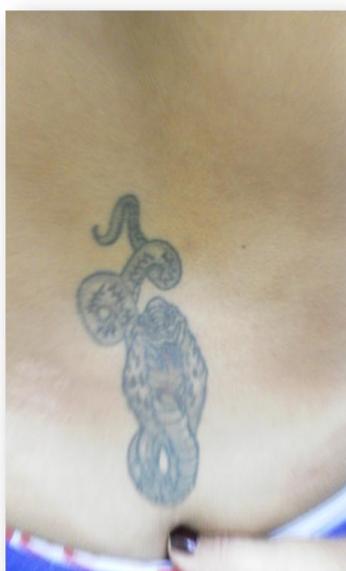
“Mikaella”, mostra que precisa estar sempre bem arrumada mesmo no presídio. Foi preciso fazer tatuagens de uma “fada criança”(imagem 145) como ela chama e um “dragão”(imagem 146), para esconder cicatrizes indesejáveis, mas que acima de tudo no ambiente carcerário precisa ter cuidado com as traições, por isso fez como forma de proteção uma cobra vista na imagem 147.



Imagens 145 e 146 : A tatuagem como estética.

Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo Pessoal



Imagens 147 : A tatuagem como linguagem de proteção, evitando as traições que cercam o ambiente carcerário.

Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba

Foto: Alexsandro Malaquias, 2011. Acervo Pessoal

Privados de liberdade ou livres socialmente tiveram a oportunidade de expressar espontaneamente a sua vivência com a tatuagem enquanto sujeito que viveu no mundo extra-muro e agora se vê na situação de privado de sua liberdade, ou mesmo aqueles que nunca souberam o que é perdê-la, conforme relatados transcritos nos quadros analíticos de 06 a 16 na integra:

1. Você tem tatuagem? Se sim quantas?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“quatro”.</i>
Beija-flor	<i>“Três, feitas fora do presídio”</i>
Gil	<i>“Por enquanto uma, mas o desejo de uma Fenix saindo fogo (idéia de forte – uma forma de proteção)”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Sim, 7. Todas feitas por mim e curiosamente com a mão esquerda aos 14 anos de idade.”</i>
Sandro	<i>“Sim, 42.”</i>
Falcão	<i>“uma”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai:estudante	<i>“Sim. Três - 1ª = 15ANOS”</i>
Tibi:estudante	<i>“Sim. 2.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“Sim. uma”</i>
Onça: estudante	<i>“três”</i>
Cristã: professora	<i>“não tatuada”</i>
Marcus:Tatuador profissional	<i>“sim. seis”</i>

Quadro analítico 06: Quantidade de tatuagens

De todas as pessoas entrevistadas neste grupo, apenas uma não possui tatuagem: a colaboradora “Cristã” que, inclusive, tece alguns comentários preconceituosos ou polêmicos sobre o tema devido à forte ligação que mantém com as tradições religiosas que professa. Sobre essas falas não me debruçarei analiticamente aqui, em respeito ao posicionamento da colaboradora.

2. O que motivou você a fazê-la?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“estética”</i>
Beija-flor	<i>“estética, onde a primeira foi uma forma de cobrir um cirurgia onde o desenho de uma bruxa criança, [a qual “beija flor” refere-se de forma angelical], encontrada em um stúdio em salvador.</i>
Gil	<i>“Em homenagem ao primogênito”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Indução, influencia de amigos. As tatuagens foram feitas num período de infância, onde o entrevistador que hoje é o renomado tatuador profissional o qual aprendeu a profissão admirando outros tatuadores.”</i>
Sandro	<i>“Livre=10. 1º o amor de uma mulher, em segundo homenagem com o rosto dela e as outras por influencia social (15 anos), tatuado por tatuador conhecido como Zé tatu. Preso: 1º ócio, onde fiz a primeira tatuagem da bola de fogo copiando uma novela global. PANTERA = feito de forma profissional por tatuador profissional interno. pois a pantera lembra a época em que andava caçando e montando cavalo em cidade do interior. Cemitério= enquanto livre tinha mania de ir dormindo para o cemitério.Nome japonês= o nome japonês para que a outra não identificasse o nome da outra.BOB MARLEY= influencia de meu irmão e ao mesmo tempo lembrança do mesmo que morreu e gostava de bob Marley.”</i>

Falcão	<i>“homenagem a minha ex- advogada que hoje é minha amiga íntima....”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“as três borboletas, foi uma homenagem em um período em que me aproximei de minhas irmãs.”</i>
Tibi: estudante	<i>“desde criança sempre tive paixão por desenhos. e quando via alguém tatuado, ficava na expectativa de quando completar 18 anos fazer a primeira.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“achava bonito em outras pessoas”</i>
Onça: estudante	<i>“Inclusão social no período em que as fiz”</i>
Cristã: professora	<i>“Sou contra, pois se o Criador quisesse o homem tatuado teria dado pele a cobra e couro ao homem”</i>
Marcus: Tatuador profissional	<i>“grandes tatuadores como Luck Tattoo”</i>

Quadro analítico 07: Motivações da tatuagens

Interessa muito a opinião de “Onça” a esta pesquisa, pois este colaborador, ao revelar que o fator motivacional que o levou a se tatuar foi o desejo de inclusão social, acabou por confirmar as premissas que nortearam este trabalho, dentre as quais destaca-se a idéia de que a tatuagem inclui socialmente as pessoas que as usam em determinados grupos. Os demais entrevistados revelam motivos os mais diversos, enfatizando as razões estéticas e as homenagens aos entes queridos.

3. O que representa cada uma delas?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Duas para cobrir cicatrizes de cirurgia” (um dragão= estética e uma fada=estética, imagens 00 e 00). A terceira Cobra Naja= feita quando tinha 17 anos, por achar bonito , modismo. No período de jovem as traições são muitas. Como forma de afastar a traição(imagem 00).Escrita = Nome + 3 estrelas. O nome significava um amigo que faleceu enquanto estava presa, como forma de homenagem e as estrelas apenas para destacar o nome”.</i>
Beija-flor	<i>“A segunda feita no pé, flores(aniversário,um presente)[ela se deu flores]. Momento de saudade, achei bonito,sensualidade, pois ao usar a faz sentir-se feminina. A terceira no braço direito em homenagem a companheiro, o qual também tem seu nome nas costas.”</i>
Gil	<i>“Afetividade”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Devido ao período hoje é vista como estética.”</i>
Sandro	<i>“A primeira feita com máquina caseira, construída com motor de rádio, e tinta de tecido, após desenhar com caneta e decalcar . As atuais de forma artesanal utilizam agulhas e tintas trazidas por familiares pra pinturas de tecidos e usadas também nas tatuagens.”</i>
Falcão	<i>“afetividade...desejo”</i>

SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“1ª três borboletas a representação minha e de minhas duas irmãs. 2ª estrela (pulso esquerdo) – o nome (origem tupy /taianna = estrela). 3ª l. m = iniciais dos pais.”</i>
Tibi: estudante	<i>“A primeira representa a mulher da minha vida (minha esposa), minha companheira. foi uma forma de mostra o quanto a amo. A segunda o bem mais valioso da minha vida (meu filho).”</i>
Fadinha: estudante	<i>“Magia”</i>
Onça: estudante	<i>“uma relação com um determinado momento ou fase da minha vida”</i>
Cristã: professora	<i>“não tatuada”</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“Cada uma delas é uma homenagem a um tatuador que conheço em minhas viagens pelo mundo”</i>

Quadro analítico 08: Representação das tatuagens

Os entrevistados sinalizam que as tatuagens foram feitas para representar laços afetivos, sensualidade ou desejos estéticos, tais como adorno ou camuflagem de marcas indesejadas.

4. Qual foi a técnica utilizada?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Todas com máquinas, fora do presídio, só uma que no presídio foi feita com maquinas improvisadas. O publico carcerário é criativo”.</i>
Beija-flor	<i>“Laboratório com todos cuidados.”</i>

Gil	<i>“Tatuador /estúdio”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“máquina profissional.”</i>
Sandro	<i>“Algumas com máquina profissionais e as que foram feitas no presídio de forma improvisada.”</i>
Falcão	<i>“uso de maquina caseira”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“técnica de laboratório.”</i>
Tibi: estudante	<i>“técnica de laboratório.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“foi feita com profissional”</i>
Onça: estudante	<i>“máquina de tatuar”</i>
Cristã: professora	<i>Não tatuada</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“são minhas as criações feitas no que há de mais moderno em máquinas de tatuar”.</i>

Quadro analítico 09: Técnica utilizada

O grupo revelou que suas tatuagens são feitas através de profissionais com uso de máquinas apropriadas. Entretanto, na situação de cárcere, utilizam-se de técnicas amadoras, produzidas no próprio ambiente do presídio.

5. Você tem noção dos perigos que existe ao se fazer uma tatuagem?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Sim”</i>
Beija-flor	<i>Doença transmissíveis. Deve ter o Maximo de cuidado. Acompanhar o ato e procurar laboratórios especializados”.</i>
Gil	<i>“sim, mas com um profissional o risco é menor”</i>
Boy:tatuador profissional	<i>“Sim. Doenças transmissíveis, como DST, hepatite, HIV.”</i>
Sandro	<i>“Sim”</i>
Falcão	<i>“Sim”. Mas procuro ter cuidados.”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai:estudante	<i>“doenças contagiosas e alem de tudo o perigo do arrependimento algo que a descarto pela paixão e determinação das coisas que gosto e sei o que faço.”</i>
Tibi: estudante	<i>“sim. por isso busquei baste informação sobre as conseqüências que a tatuagem poderia trazer. procurei saber também sobre o tatuador, seu local de trabalho, a higiene do ambiente e o material descartável.”</i>

Fadinha: estudante	<i>“Sim”</i>
Onça: estudante	<i>“Sim, tenho”</i>
Cristã: professora	<i>“sim.”</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“Sim. estou sempre me atualizando.”</i>

Quadro analítico 10: Perigos quanto a realização de tatuagens

Foi unânime entre o grupo o conhecimento dos riscos envolvidos com o ato de se tatuar; mas isso não serviu de impedimento para que o fizessem.

6. O que significa para você ter tatuagem no seu corpo?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“uma coisa atraente, sex...”</i> [Com emoção relata os tempos de praia].
Beija-flor	<i>“Hoje aos 38 anos é uma expressão de sensualidade. Procuo colocá-las em lugar que podem ser escondidas na velhice.”</i>
Gil	<i>“Estética- uma forma de expressão de sensualidade”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Na formação de tatuador. O prazer em primeiro lugar, por ser uma arte onde o tatuador é um artista.”</i>
Sandro	<i>“como forma de sedução”</i>
Falcão	<i>“sentir quem eu amo de perto.”</i>

SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“demonstração do amor pela família e as coisas que acredito.”</i>
Tibi: estudante	<i>“é uma forma de expressar o amor pelas pessoas que amo e o quanto gosto de desenhos. também pela perfeição de alguns desenhos que os tatuadores reproduzem com muita perfeição.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“Sensualidade”</i>
Onça: estudante	<i>“uma forma de expressão”</i>
Cristã: professora	<i>“algo errado”</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“ a verdadeira expressão do que gosto de fazer.”</i>

Quadro analítico 11: A tatuagem e o corpo

Para os entrevistados, a tatuagem é uma expressão de sensualidade, de arte, inclusive profissional, bem como uma forma de manifestação afetiva.

7. Você se sente bem com sua tatuagem?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Sim”.</i>
Beija-flor	<i>“Preocupo-me com a velhice.”</i>
Gil	<i>“sim”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Sim. A discriminação. Que na visão do entrevistado é uma hipocrisia, onde que é estigmatizado na sua maioria é os de condição financeira baixa.”</i>

Sandro	<i>“sim.”</i>
Falcão	<i>“sim...ela me faz sentir vivo.”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“sim. primeiro pelos ideais ao fazer, certeza de que não é motivo de qualquer arrependimento.”</i>
Tibi: estudante	<i>“ sim.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“Sim”</i>
Onça: estudante	<i>“Sim”</i>
Cristã: professora	<i>Não tatuada</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“sou arte viva da tatuagem.”</i>

Quadro analítico 14: Sensações das tatuagens

O grupo é unânime em relação ao sentimento de satisfação que possui pela tatuagem feita.

8. Você conhece outras pessoas que tenham a mesma tatuagem que você?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Sim”</i>
Beija-flor	<i>“São exclusivas.”</i>
Gil	<i>“Sim, muitas”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Na sua maioria é a estética, onde muitos não sabem o que estão colocando no corpo, outra por homenagem a familiares.”</i>
Sandro	<i>“Sim. Não fará outras pois já acha suficiente uma vez que a</i>

	<i>idade avançada esta chegando.”</i>
Falcão	<i>“Tirei a minha de uma revista”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“sim. uma linguagem de afetividade.”</i>
Tibi: estudante	<i>“sim, varias. acho que é uma forma de demonstrar muitas vezes a personalidade da pessoa.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“não”</i>
Onça: estudante	<i>“não”</i>
Cristã: professora	
Marcus: tatuador profissional	<i>“Só se alguém copiar as minhas. São criações exclusivas.”</i>

Quadro analítico 13: Semelhança nas tatuagens

A maioria dos entrevistados afirma conhecer outras pessoas tatuadas, o que não causa estranheza devido a popularização da tatuagem e também pelo fato defendido nesta pesquisa, de que a tatuagem agrupa a pessoas.

9. Você já sofreu algum tipo de discriminação por usar tatuagem ou conhece alguém que já passou por esta situação?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Sim. A família tem preconceito: Para sair tem que cobrir a tatuagem”.</i>
Beija-flor	<i>“Laboratório com todos cuidados.”</i>
Gil	<i>“Não. Já tive amigos que foram vistos como vândalos pelo uso da tatuagem”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Já fui discriminado em ambiente público(enquanto livre) por</i>

	<i>um segurança como vagabundo. Por populares enquanto preso, uma vez que como citou alguns vêem a tatuagem como um complemento da farda usada na penitenciária.”</i>
Sandro	<i>“Enquanto livre foi identificado como marginal por possuir tatuagens vagabundo.”</i>
Falcão	<i>“Já. Algumas pessoas quando entram olham como se a tatuagem manchasse nossos corpo.”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“sim. como uma forma pesar no futuro que na realidade acho que não influencia. deixo claro que o estigma existe e é uma influencia social.”</i>
Tibi: estudante	<i>“não. mas conheço pessoas que sofreram uma certa discriminação pois outras pessoas com uma mentalidade antiquada que julga uma pessoa por suas tatuagens.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“eu nunca passei, mas conheço pessoas discriminadas por ter tatuagem”</i>
Onça: estudante	<i>“já sofri e conheço pessoas que já sofreram”</i>
Cristã: professor	<i>Não tatuada</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“Acredito que já passei desta fase. Neste país apenas os menos favorecidos são vistos com discriminação.”</i>

Quadro analítico 14: discriminação

A tatuagem geralmente sofre discriminação social, e conseqüentemente os que as possuem também são vítimas de julgamentos preconceituosos, conforme declarado pelo grupo.

10. Qual a reação das pessoas quando veem suas tatuagens?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Algumas acham bonitas, outras falam, que mancham o corpo, a quem diga que o corpo é álbum de figurinha, outros admiram e fazem comentários insinuantes.</i>

Beija-flor	<i>“Acham bonito, motivo de imitação.”</i>
Gil	<i>“Bonito, elogios... outras não teriam coragem”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“admiração”</i>
Sandro	<i>“Um olhar com bom olhar, outros com desconfiança.”</i>
Falcão	<i>“ umas elogiam outros demonstram sentimento negativo.”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante	<i>“a maioria gosta ao descobrir que sei os significados.”</i>
Tibi: estudante	<i>“a maioria gosta, outras olham de um modo diferente, mas em uma visão geram da pra perceber que as pessoas estão mudando essa mentalidade de que quem tem tatuagem é só marginal.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“acham bonita”</i>
Onça: estudante	<i>“algumas ficam surpresas”</i>
Cristã: professora	<i>Não tatuada</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“me vêem como artista. Uma tela viva.”</i>

Quadro analítico 15: O olhar alheio para as tatuagens

De um modo geral, embora muitas vezes preconceituosamente, a sociedade já consegue olhar a tatuagem como um desenho bonito, esteticamente agradável.

11. Se pudesse voltar no tempo faria tatuagens em seu corpo?

SUJEITOS PRIVADOS DE LIBERDADE	
Mikaelle	<i>“Sim. falando com convicção é algo que gosto e a sensualidade irá me acompanhar na velhice. Se presa não perde, imagine”.</i>

Beija-flor	[Parou e pensou] <i>“Sim. Apenas uma e grande de um dragão. Um idéia de sensualidade.”</i>
Gil	<i>“Bonito, elogios...outras não teriam coragem”</i>
Boy: tatuador profissional	<i>“Sim”</i>
Sandro	<i>“Sim. Não todas mais alguns que tem valor sentimental.”</i>
Falcão	<i>“Faria, pois, a que fiz tinha certeza do que estava fazendo. È um momento da minha vida.”</i>
SUJEITOS LIVRES SOCIALMENTE	
Tai: estudante de direito	<i>“sim . só estou esperando o momento certo para fazer mais três.”</i>
Tibi: estudante	<i>“sim . a vontade é de fazer outras, estou esperando um pouco para dar um intervalo entre uma e outra.”</i>
Fadinha: estudante	<i>“sim”</i>
Onça: estudante	<i>“sim, faria”</i>
Cristã: professor	<i>Não tatuada</i>
Marcus: tatuador profissional	<i>“Não sei porque já me realizo nas que faço em meus clientes.”</i>

Quadro analítico 16: Arrependimentos

Todo o grupo, confirmando as respostas dadas anteriormente, assumiu que faria tatuagens outra vez, caso voltassem no tempo. Isso leva a crer que estão abertas a novas possibilidade.

Assim, livres e privados expressam através da tatuagem sua linguagem de sobrevivência na busca de uma inclusão social, bem como, relatam nas experiências únicas presenciadas e por que não dizer vividas? Suas verdadeiras memórias na pele. Oliveira (2008), em seu artigo “Inclusão – Uma sociedade para todos”⁶¹ analisa que “na verdadeira inclusão social é a sociedade que deve ser modificada para incluir todas as

⁶¹ <http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/inclusao-uma-sociedade-para-todos-478111.html>

peessoas, sendo esta inclusão além de uma proposta, um ideal”. Dessa forma entendo que se quisermos que a sociedade seja acessível e que dela todas as pessoas possam participar, em igualdade de oportunidades, é preciso fazer desse ideal uma realidade a cada dia.

Nos sujeitos do sexo feminino privadas de liberdade foi percebido que apesar de estarem no ambiente, onde há existência de privações foi visível que essas mulheres deixam de lado a tristeza e encenam um palco de beleza e vaidade, mostrando receptivas a pesquisa. Ficou claro que na maioria das tatuagens atualmente no ambiente carcerário são feitas fora, onde em sua minoria feito no interior do presídio, mas sendo confirmado que apesar de pouco, mas ainda existem as que são feitas clandestinamente nas prisões e que algumas delas se referem a crime cometido. No que se refere a tatuagens ligadas a ente queridos mortos é algo quase exclusivo nos privados de liberdade.

Entre os sujeitos livres socialmente a receptividade do público feminino no que se refere ao tema foi maior. Elas se mostram mais abertas em falar do tema e na sua maioria sem preocupação com o preconceito. Destacando o ato fotográfico, que elas se mostram a vontade, enquanto que no público masculino ao se falar no ato fotográfico a dificuldade aumentava.

ÚLTIMO TRAÇO:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o final desta pesquisa, que não tem a menor pretensão de se esgotar com a discussão que implementou nestas laudas. Mas já que por ora não me cabem outras reflexões, limito-me a retomar e amarrar o desenvolvimento do trabalho feito aqui. A pesquisa me alertou para um tempo em que ser investigador só não é suficiente, nem tampouco desenhista. Precisei associar esses dois aspectos para alcançar meus objetivos e conseguir mostrar a beleza do uso do desenho num corpo sujeito. Foi preciso primeiro alfabetizar-me desenhisticamente retomando conceitos e concepções do desenho, para só então sentir-me preparado para as presentes análises.

Inicialmente, é preciso declarar que os sujeitos da pesquisa tomarão conhecimento dos resultados através de um artigo que sintetiza a pesquisa e salienta a importância de sua colaboração, assim como receberão uma declaração de agradecimento por sua participação.

Os resultados da pesquisa sinalizam que, para os entrevistados, independentemente da motivação, a tatuagem é vista como uma linguagem em que existe claramente a intenção da busca por uma inclusão social, seja de maneira individual, a exemplo das tatuagens sensuais que buscam a inclusão no grupo das mulheres sensuais, ou nas que são feitas para representar grupos, a exemplo das modificações corporais.

Para a realização da pesquisa, separei os sujeitos em dois grupos: o Grupo Presencial – GP e o Grupo Virtual – GV.

Do GP, participaram os sujeitos tatuados e chamados nesta pesquisa de *livres socialmente* ou *privados de liberdade*. Eles foram selecionados em diferentes espaços: a) nas faculdades existentes na cidade de Feira de Santana-BA, os quais realizaram o ato de tatuar em laboratórios com tatuadores profissionais (estúdios); b) entre os sujeitos que estão cumprindo penas privativas de liberdade no Conjunto Penal de Feira de Santana. Estes dois últimos grupos são formados por pessoas que possuem tatuagens e as fizeram de forma aleatória, com instrumentos improvisados, ou por não terem condições financeiras de estarem em laboratórios profissionais. Desse grupo também fizeram parte os sujeitos não tatuados, que foram selecionados baseados em convicções religiosas e profissionais.

Quanto aos sujeitos que cumprem penas privativas de liberdades por crimes cometidos socialmente, aqui nesta pesquisa chamados de “privados de liberdade” e que se inserem no GP dos tatuados, foi realizado o trabalho de forma cautelosa, contando com o apoio do Diretor Adjunto do Conjunto Penal de Feira de Santana-Ba e agentes penitenciários, que conversaram com os sujeitos escolhidos pela diversidade de tatuagens que tinham no corpo, explicando a motivação da pesquisa. Para esses, a tatuagem é memória, homenagem, afetividade e, sobretudo, linguagem de pertença a determinado grupo ao qual se sintam incluído.

Muitas de suas tatuagens, inclusive, são feitas de forma forçada, dolorosa, com instrumentos e técnicas rudimentares, o que faz com que desejem camuflá-las tão logo retornem ao convívio social extra-muros.

O GV foi formado por colaboradores e interessados pelo tema tatuagem que acompanharam o desenvolvimento da pesquisa desde a fase inicial e, durante todo esse período colaboram com idéias e imagens encontradas nos meios de comunicação, e que estão sempre em contato com o pesquisador por e-mail e nos sites sociais Facebook, Orkut, Blogs. Para estes, a tatuagem é sempre uma manifestação estética, um complemento ao desenho do corpo.

Em ambos os casos, as tatuagens estão intrínsecas ao corpo de quem as possui. Ela faz parte desse corpo que, portanto, não é mais compreendido como tela (objeto), mas é a própria manifestação da subjetividade, ou seja, é um corpo sujeito.

Mas especificamente sobre os sujeitos privados de liberdade, alguns dados merecem destaque: entre o sexo feminino, verificou-se que a incidência de local varia entre o pescoço, parte íntima e pé. Grande parte das tatuagens são feitas para cobrirem cicatrizes de cirurgias. Na maioria a tatuagem é entendida como linguagem ligada à sensualidade.

Já entre os homens, os dados evidenciaram que as partes do corpo mais usadas para a tatuagem são o ombro, peito e costas. Ao saírem da penitenciária, procuram retirar as tatuagens para não serem estigmatizados socialmente. As tatuagens apresentam-se como uma forma de expressão de virilidade, não havendo preocupação com a estética do desenho.

Uma grande dificuldade encontrada durante o desenvolvimento da pesquisa foi o levantamento de fontes bibliográficas acerca da temática para respaldar as discussões, o

que confirma o pioneirismo deste trabalho. Entretanto, não considero que o que aqui está escrito se furte em cientificidade, pois a veracidade dos dados e a contribuição dos autores consultados comprovam que ciência também se faz do esforço de emergir aquilo que é novo para que outros, mais tarde, apreciem, avaliem, questionem, complementem e critiquem esse posicionamento inicial acerca da temática, mediante dados outros que surjam ao longo do tempo e do caminho. Afinal, é a isso que se chama pioneirismo.

Paro por aqui, sugerindo aos leitores que detectem minhas falhas e omissões; que reconheçam as lacunas do meu texto e dêem continuidade a esta investigação das tatuagens, a partir da concepção do corpo sujeito. Pois, até onde tentei e consegui fazer, afirmo, é um trabalho fascinante e enriquecedor, seja no âmbito acadêmico/científico, seja no que se refere à formação humana, na medida em que preconceitos são destruídos e pessoas são valorizadas em sua essência, sem juízo proveniente das faltas que tenham, porventura, cometido. A tatuagem me abriu as portas do entendimento do humano. E você, prezado leitor, não vai querer se lançar nesta aventura?

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Lu. **Marcas da prisão.** 2008. Disponível em: <http://www.tattooyoursoul.com.br/site/?p=6239>. Acesso em 07.12.2010.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo Plenitude.** Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo.** São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

BARTHES, Roland. **A câmara clara. Nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e política.** Vol 1., São Paulo: Brasiliense. 1996.

BERGER, Mirela. **Tatuagem: a memória na pele.** 2007. Disponível em: http://www.minosoft.com.br/mirela/download/tatuagem_a_memoria_na_pele.pdf. Acesso em 24/03/2010

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1990.

BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da apreensão e da educação dos considerados deficientes. In: BIANCHETTI, L. & FREIRE, I. M. (orgs) (1998). *Um olhar sobre a diferença.* Campinas: Papirus, 1998.

BRAUNSTEIN, Florence; Pépin, Jean - François. **O lugar do Corpo na Cultura Ocidental.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

CARVALHO, Y. M. O “Mito” da Atividade Física e Saúde. São Paulo: Hucitec, 1995.

CHAMUSCA, Ruben. **Arqueologia da Tatuagem**. 2010. Disponível em: <http://tattootribe.Blogspot.com/2010>. Acesso em 22/10/2010

COSTA, Fátima. A história da tatuagem. **Revista Coleção Arte Tattoo**. Edição 05. São Paulo, 2003.

CRUZ, Ricardo França. Tatuagem: eterna enquanto dura. *Revista Superinteressante*. Ed. 109, 1996. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/tatuagem-eterna-enquanto-dura-436745.shtml>. Acessado em 10.12.2010.

CURTI, Maria Luiza Aparecida. Tatuagens. **Revista Domínio Feminino**, ed. 2 –Rio de Janeiro, 2002.

DESLANDES, Suely Ferreira. **A Construção do Projeto de Pesquisa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

DÉTREZ, Christine. Santas ou feiticeiras: a construção social do corpo feminino. Trad. Tania Navarro Swain. *Labrys*. **Estudos Feministas**. UNB. Brasília. N. 4, 2003.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DOURADO, Odete. Para sempre, memória. **Revista Rua**, Salvador, v.2 nº3,1989.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário brasileiro Globo**. 38ª Ed. – São Paulo: Globo, 1995.

FILHO, N. **Eroticamente Humano**. Piracicaba: Unimep, 1994.

FREIRE, J.B. **De corpo e alma: um discurso da motricidade**. São Paulo: Summus,1991.

GALLO, Sílvio (org). **Ética e cidadania:** caminhos da filosofia. Campinas: Papirus, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOLDENBERG, Mirian; Ramos, Marcelo S. A civilização das formas: o corpo com valor. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte.** Rio de Janeiro: LTC, 1999.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir, corporeidade e educação.** Campinas: Papirus, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HEILBORN, Maria L. Corpo, sexualidade e gênero. In: DORA, Denise Dourado (Org.). **Feminino, Masculino:** igualdade e diferença na justiça. São Paulo:Moderna, 1997.

IZIDORO, Renato. **Breves palavras sobre a história da Educação Física.** Salvador, 2009.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo:** antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LEPARGNEUR, P. **Consciência, Corpo e Mente.** Campinas: Papirus, 1999.

MACCHIARELLI, Mariarita. **Body Art.** Tradução de Caio Lui Gagliardi. São Paulo: Editora Globo, 2001.

_____. **Tatuagem com henna**. São Paulo: Editora Globo, 2001.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro; Rocco. 1997.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU/Edusp. 1974

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. **O corpo humano**: objeto de intervenções e sujeito da existência. Rio Grande do Norte, 2008. Disponível em: www.scielo.br/epsic. Acesso em 20.10.2010.

_____; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, set/out/nov/dez 2004.

MERENGUÉ, Devanir. A ordem e o mercado de prazeres. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luís (orgs.). **Enfoques contemporâneos do lúdico: III Ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. 2 ed. Trad. Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Editora Veja, 1997.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MELLO, Mariana. Arte à flor da pele. **Revista Superinteressante**. Edição 159, DEZ/2000.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos feministas**. CFH/CCE/UFSC. Vol 8, n 2, 2000.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: os lugares de memória. Trad. Patrícia Farias. Paris: Gallimard, vol 1 (La Republique), 1984.

PARADA, Meire Odete Américo Brasil. Maquiagem e Camuflagem. **Revista Moreira Jr.** UNIFESP-EPM, 2011.

PEREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele. Etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Revista Mana**, vol. 12, n.1, 2006.

PIREZ, Beatriz Ferreira. O Corpo como suporte da arte. São Paulo: Senac, 2005.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. v-5, n.10, 1992.

RENNO, Rosângela. Projeto Cicatrizes. In: SAMAIN, Etienne. O fotográfico. 2.ed. São Paulo: Hucitec: ED. Senac. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Amanda. **A História viva da tatuagem brasileira.** 2003. Disponível em: <http://www.portaltattoo.com/tatuagem>. Acesso em 12/09/2010.

RUSSO, Renata; TOLEDO, M^a Cirne de. Corpo Sujeito. Espírito Santo do Pinhal – SP: **Movimento & Percepção**, v. 6, n.9, 2006.

SANTANA, Ana Lucia. **A arte da tatuagem.** São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.infoescola.com/cultura/a-arte-da-tatuagem/> Acesso em 20.10.2010.

SANTOS, Marcel. **História da Tatuagem:** como, quando e por que tudo começou. Disponível: http://www.riounderground.com.br/sendo_tatuado_detail.asp?id=6. Acesso em: 25.12.2010.

SCHEINER, Andrei Moletta. **Marcado na pele:** consumo, tatuagem e cultura de massa. Rio de Janeiro, 2006. 162p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SIEBERT, Raquel S. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine (org.). **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: SP, Papirus, 1995.

SIPANS, Priscila. **A sensualidade na tatuagem**. Revista Tatuagem, Arte e Comportamento. São Paulo-SP: Arte Antiga, 2009.

SOARES, André L. **Inclusão social no Brasil**: o caso dos ex-presidiários. 2009. Disponível em: <http://docedefel.wordpress.com/2009/03/09/inclusao-social-no-brasil-o-caso-dos-ex-presidiarios/> Acesso em 15/11/2010.

THOMPSON, Augusto. **A questão Penitenciária**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

TRINCHÃO, Gláucia M. Costa; OLIVEIRA, Lysie Reis. A História contada a partir do desenho. In: **Anais do Gráfica 98**: Congresso Internacional de Engenharia Gráfica nas Artes e no Desenho & 12 Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico. P.35-43. Feira de Santana: UEFS/ABPGDDT, 1998.

TOFFOLLI, Rodrigo de Oliveira. Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica. **Estudos Semióticos**, Número 1, São Paulo, 2005. Disponível em <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em 23/04/2010.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VADE MECUM. Obra coletiva de autoria da editora Saraiva com colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. – 11. Ed. atual. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2011.

VARELLA, Dráuzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

VILLAÇA, Nízia. **A Edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. Barueri – São Paulo: Estação das Letras, 2007.

SITES VISITADOS:

<http://www.historia.uff.br/stricto/tesesdata.php>

<http://www.historia.ufc.br>

<http://www.teses.usp.br/teses>

http://www2.uol.com.br/.../txt_bodymodification.htm

http://www.biologia.ufrj.br/.../enterrem_meu_coracao_na_curva_do_rio.pdf

<http://www.jorwiki.usp.br/gdmat09/index.php/Tatuagens: a identidade na pele>

<http://www.brasilecola.com/curiosidades/tatuagem.htm>

<http://www.revistadehistoria.com.br>

<http://www.portaltattoo.com/tatuagem/historia>

<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/especial>

http://www.betotattoo.com/t_japao.htm

<http://www.universal.pt/main>

<http://super.abril.com.br/cotidiano/arte-flor-pele>

<http://www.sap.sp.gov.br>

<http://www.tatuagem.org/bra>

<http://www.visionvox.com.br/biblioteca/c/casa-grande-e-senzala.txt>

<http://www.ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp.../anaisdoIVcongresso.pdf>

www.unioeste.br/

http://www.tribalize.com.br/portal/index.php?Itemid=24&option=com_zoo&view=item

[&category id=1&item id=134](http://www.tribalize.com.br/portal/index.php?Itemid=24&option=com_zoo&view=item)

<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-da-tatuagem.htm>

<http://ibahia.globo.com/entrevistas/artigos/>

<http://www.eap.sp.gov.br>

<http://revistalingua.uol.com.br,edição 55>

<http://www.portaltattoo.com.br>

<http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/inclusao-uma-sociedade-para-todos-478111.htm>

ANEXOS

ANEXO 1



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

Alexsandro Malaquias B. da Silva
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba
alexsandromalaquias@bol.com.br

Questionário diagnóstico :

PUBLICO ALVO: SUJEITOS NÃO TATUADOS

1º PASSO: Solicitar para que o entrevistado crie um nome fictício com o qual ele vai ser identificado na redação da pesquisa.

2º PASSO: roteiro de perguntas

6. Qual a sua posição em relação à prática da tatuagem?
7. Possui amigos que usam tatuagem?
8. Qual a reação quando ver pessoas com tatuagens ou tatuadas?
9. Você conhece alguém que já sofreu algum tipo de discriminação por usar tatuagem? Se sim como agiu?

10. Conhece alguém que faça parte de algum grupo que use tatuagem? Se sim essas tatuagens apresentam características semelhantes?

ANEXO 02:



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

Programa de Pós-graduação: Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade

Alexsandro Malaquias B. da Silva
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba
alexsandromalaquias@bol.com.br

Questionário diagnóstico:

PUBLICO ALVO: TATUADORES PROFISSIONAIS E SUJEITOS TATUADOS

1º PASSO: Solicitar para que o entrevistado crie um nome fictício com o qual ele vai ser identificado na redação da pesquisa.

2º PASSO: roteiro de perguntas

1. Você tem tatuagem? Se sim quantas?
2. O que motivou você a fazê-la?
3. O que representa cada uma delas?
4. Qual foi a técnica utilizada?
5. Você tem noção dos perigos que existe ao se fazer uma tatuagem?
6. O que significa para você ter tatuagem no seu corpo?

7. Você se sente bem com sua tatuagem?
8. Você conhece outras pessoa que tenham a mesma tatuagem que você?
9. Você já sofreu algum tipo de discriminação por usar tatuagem? ou conhece alguém que já passou por esta situação?
10. Qual a reação das pessoas quando vêem suas tatuagens?
11. Se pudesse voltar no tempo faria tatuagens em seu corpo?

ANEXO 03:

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM
DE TERCEIROS

Autorizo o pesquisador Alexsandro Malaquias Barbosa da Silva responsável pelo projeto de mestrado Tatuagem: Uma manifestação gráfica corporal como código identificatório de inclusão social a veiculação da(s) imagem(ns), exclusivamente neste projeto desde que nada me identifique, e uso desta(s) imagem(ns) deverá(ão) ser apenas para fins científicos e sem qualquer fim lucrativo para o pesquisador.

Feira de Santana, de de 2011.

Assinatura: _____

Nome:

ANEXO 04:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Sou Aleksandro Malaquias Barbosa da Silva e você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada TATUAGEM: Uma manifestação gráfica corporal como código identificatório de inclusão social, que se desenvolve na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, que pretende analisar as tatuagens de pessoas, privadas ou não de sua liberdade, para identificar como o tatuado se utiliza deste desenho para inserir em um grupo social. Esclareço que não sou funcionário da UEFS, mas apenas aluno do Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade/UEFS e integrante do Grupo de Pesquisa: Estudos Interdisciplinares em Desenho, vinculado ao CNPq. No entanto, saliento que sou funcionário da Secretaria de Segurança Pública da Bahia e atuo como investigador nesta instituição. O meu propósito com esta pesquisa, entretanto, é compreender cientificamente como procede a prática de tatuar em pessoas, limitadas ou não de sua liberdade, como meio de inclusão social e assim transformar esta arte em um relevante instrumento de conscientização de que o sujeito tem seu direito constitucional de manifestar graficamente o que desejar em seu corpo, não se permitindo estigmas sociais, principalmente no que se refere à vida profissional. A sua participação no referido estudo se limita a realização de duas atividades: 1- permitir que o pesquisador fotografe suas tatuagens e assinar um termo de autorização de veiculação de imagem (duas vias), através da pesquisa e de artigos em revistas e livro científicos e eventos. Afirmando que o foco fotográfico será apenas nas tatuagens, nunca no rosto ou em partes do corpo que possam identificá-lo.; 2 - responder a um questionário (anexo) com questões sobre os temas, significados e técnicas, o qual deverá ser assinado autorizando a utilização das informações na pesquisa e em espaços científicos e acadêmicos, ou optar por entrevista aberta. Ao preencher o questionário, você deverá escolher um nome fictício que será utilizado para identificá-lo na redação desta pesquisa, em substituição ao seu nome verdadeiro que será mantido em sigilo e o qual apenas os pesquisadores acesso. Fica a seu critério a escolha do dia, do local e do horário para o preenchimento do questionário ou participação em entrevista e para a seção de fotos, garantindo sua privacidade. Essas ações lhe darão privacidade, ajudarão na livre expressão ao responder as perguntas do questionário e garantem o sigilo de sua identidade, evitando danos à sua integridade física. Todo material coletado será usado exclusivamente para esta pesquisa e ficará guardado pelo período de 5 (cinco) anos, sob a minha guarda, enquanto pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares em Desenho

no prédio da pós-graduação de Educação, Letras e Artes, da Universidade Estadual de Feira de Santana – (BR 116, km 03, Módulo II, MP 21 – tel. (75)3224 8373), como garantia de que o sujeito da pesquisa não sofrerá nenhum dano moral e depois deste período todo material será destruído. Esclareço, entretanto, que podem existir possíveis desconfortos e riscos de preconceito e a discriminação para com você, mesmo que o seu nome seja apenas fictício, pois, a pesquisa poderá identificar um determinado grupo de pessoas vistas de forma diferente pela sociedade o qual você se sinta incluído. Fica claro e esclarecido que você tem a liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado, bem como, não será oferecido qualquer tipo de valor financeiro aos participantes, os quais deixam claro a voluntariedade da participação na pesquisa.

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

É assegurada a assistência durante a pesquisa, bem como é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que se queira saber antes, durante e depois da participação, sendo o mesmo informado do resultado da pesquisa, e como pesquisador retornarei a você os resultados obtidos e declaração de agradecimentos por sua participação na pesquisa. O presente documento é feito em duas vias de igual teor, ficando claro que uma via fica comigo e outra com você. //////////////////////////////////////Feira de Santana, de de 2011.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Alexsandro Malaquias B. da Silva

Profª Drª Gláucia Trinchão

Pesquisador Responsável

Pesquisadora Colaboradora